



Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris  
José Mindlin







A PROVIDENCIA.



# A PROVIDENCIA.

POR

ANTONIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUZA.

(RECORDAÇÃO DOS TEMPOS COLONIAES.)

---

**TOMO III.**

---

RIO DE JANEIRO 1854.

TYPOGRAPHIA DE M. BARRETO

RUA DA QUITANDA N. 55.



# A PROVIDENCIA.

---

## CAPITULO I.

**DEVES TUDO AO CÉO, E MUITO ÀS TUAS VIRTUDES.**

Aquelle que se abandona à dôr como uma mulher, abandona-se à alegria como um menino ; e em nenhum dos casos da vida é um homem digno dos fins da ordem providencial da natureza humana !

Era uma tarde, destas tardes de fogo do abrasador Suão, tempo em que os habitantes da nossa cidade procurão um refrigerio contra o calor, como o selvagem um asylo contra o raio; como o viandante transviado uma luz no meio da noite que o rodeia ; como o que caminha pelas aréas de Sennaar um oasis. O Reverendo Chagas, assentado debaixo de uma frondosa laranjeira, agradecia a Deus pela mercê desse voluptuoso suspiro da natureza, que se espreguiçando por entre os arvoredos, misturava-se docemente com as auras da tarde, abrasadas pelo flagellador bochorno, bafejando com frescor suave a quasi encandescente face da terra. E' mister habitar nosso clima, sofrer um ardente dia do nosso estio, para se poder apreciar os encantos de nossas brisas. O padre estava triste ; elle meditava. Um nome, uma idéa lhe rodavão na mente, como o nome de uma amada, como o amor que se lhe vota rodão na mente de um amante. Pouco depois chegou Archanjo, que, depois de saudar o padre, tomou

assento a seu lado, e começou a conversar com elle. Um instante depois entrou tambem D. Geraldo, e encaminhando-se para o jardim, tomou tambem assento ao lado dos dous, e misturou-se na conversação. Talvez que os dous mancebos tivessem o mesmo fim : como fosse, os tres conversáron por longo tempo, até que forão chamados, ou antes o padre, por causa de um novo personagem que chegára á casa de Rosa, e pedia para fallar ao Reverendo Sr. Chagas. Rosa nem sua sobrinha estavão na sala quando chegou este sujeito. Rosa mandou pois dizer isto ao padre, e continuou a passear pelo jardim com sua encantadora sobrinha. O padre apenas chegou á sala, quando um mancebo se lhe atira ao pescoço, beijando-lhe ardemente a mão, e exclamando :

— Meu bemfeitor ! meu bemfeitor !!!

O padre, duvidoso entre a surpresa e o prazer, como um amigo que ausente de outro ha não poucos annos, e que não conta mais vê-lo, porque delle não tem a menor noticia, vê-se repentinamente

cerrado entre os seus braços, duvidando se com esse efeito é o amigo que o abraça, ou o seu espirito que antes de voar para Deus foi dar-lhe o derradeiro adeus de amizade; assim o padre duvidava entre a realidade e a incerteza, até que sua alma, voando dos infinitos espaços da duvida aos acanhados limites da certeza humana, abraçou o mancebo, dizendo:

— Eu não esperava mais ver-te!

Assim fallando, duas grossas lagrimas lhe embargáram a voz. A explosão do prazer do padre Chagas e do mancebo recem-chegado, dando, como um rebate geral na casa, fez voar á sala Rosa, sua sobrinha e os dous mancebos. O desconhecido apenas viu Rosa correu para ella, e ambos cordialmente se abraçaram, Rosa chamando-o seu filho, e elle a ella sua madrinha.

Passadas estas demonstrações de prazer e alegria, disse o padre:

— Eu não te esperava mais, meu Benedicto.....

— E porque? perguntou o mancebo com visivel admiração.

— O naufragio do *Triumpho*.....

— Ah! é verdade que era minha intenção vir nesse navio; mas eu já não tinha causa alguma que ver em Lisboa; essa cidade nada para mim tinha de novo; e ao cabo de dous mezes estava aborrecido de seus passeios, theatros, divertimentos, etc.: além disto estava eu ali inutilmente gastando dinheiro ao meu bemfeitor. Havia mais de doze annos que não via o meu bemfeitor, o unico pai que conheci, o anjo que o céo me deu para velar sobre meus dias, aquelle por quem vivo, a quem tudo devo, que é unicamente Vossa Reverendissima.

— Não, meu filho, nada me deves; deves tudo ao céo, e muito ás tuas virtudes.

— Ah! eu tinha tantas saudades! .... tantas saudades do meu bemfeitor..... desse genio tutelar que velava por meus dias, como a mais torna das mães pelos de seu recem nascido! Tinha saudades do minha madrinha, essa mulher santa que não poucas vezes me fez esquecer que eu não tinha mãe porque minha mãe, aquella que o céo me havia dado para guarda de meus dias, para condutora do minha alma, e consoladora das penas de meu coração..... o meu bemfeitor o sabe.... rebolde contra Deus, rebolde contra a natureza, mãe desnaturalada! havia desamparado o seu rocem-nascido.....

— Ah! meu filho! perdoai-lho.... disse Rosa.

— Ah! senhora! ha muita que lhe perdoei, e supplico todos os dias a Deus que lhe perdoe, como eu lhe perdoei! Oxalá que o anjo das preces, sobre as suas brancas azas levando aos céos todos os dias as orações que aos céos dirijo por minha mãe, as deponha sobre o altar de Deus, orvalhadas por minhas lagrimas de filho; e que o Deus, que misericordioso perdoa as nossas fraquezas, acolha os rogos que por minha mãe lhe envio. Perdoem-me também o meu bemfeitor e minha madrinha se em um momento de exaltação produzida pelo delirio do amor filial pareci mais duro do que sou para minha desaventurada mãe, que não conheci, mas.... quem sabe?.... quem sabe se forçada a.... Sim, perdoem-me esta exaltação, este santo delirio de um amor tão santo como a sua origem, e supremo como o amor dos anjos! Eu amaria tanto a minha mãe! querer-lhe-hia com tanto respeito, com tanta devoção, que meu amor seria um verdadeiro culto, uma idolatria, que não offenderia o céo, porque seria um augusto mysticismo de duas almas, cujas piedosas e angelicas relações o mesmo tumulo não pôde aniquilar, porque penso que assim serão as relações de uma alma de mãe de uma alma de filho! .....

O mancebo suspendeu aqui suas palavras, palavras ungidas pelo amor filial e repassadas de uma dôr solemne, companheira inseparavel de seu sensivel coração, desde que soube ligar a esta palavra divina—MÃE—todos os mysterios que a natureza lhe presta, e o quanto de divino lhe delega Deus! Suspendeu aqui suas palavras, porque seu coração, dominado por sua cabeça, não tinha ainda neste momento pago o seu tributo a esta dôr sagrada; assim o coração, reconquistando os seus direitos sobre a sua cabeça, assenhoreou-se de seus perdidos dominios, e mandou aos olhos uma porção de si convertida em lagrimas, lagrimas consagradas á lembrança de uma mãe, que tão preciosas como as consagradas á lembrança de um tilio, são mais divinas quo estas pela singularidade do tão supremo objecto daquellas! Não foi porém elle o unico que chorou, porque choraram todos os que o virão chorar e lhe ouvirão as palavras.

Os olhos gostão de chorar com quem chora, e os labios de rir com quem ri; mas uma vez o coração tem parte nesse riso, e mil não tem! mas uma vez o coração não tem parte nessas lagrimas, e mil tem! Nossos corporaos sentidos vivem do prazer como nosso coração vive da dôr! Fingimos prazeres sem termos necessidade de fingirmos dôres! Os

prazeres reaes não punein os prazeres singidos, mas as dôres reaes vingão-se horrivelmente das dôres singidas. Nossa cabeça singe prazeres, e até alguma cousa gozamos nessa ficção! Nosso coração porém não carece singir dôres, porque não carece singir a sua mais bella realidade! Os encantos do prazer são ligeiros jogos de voluveis meninos; os encantos da dôr são graves conselhos de experimentados anciões. Alguem, que nada conheça dos mysterios do coração humano, perguntar-me-ha que encantos, que bellezas tem a dôr? E eu poderia dizer: Sabeis o que é dôr? Dôr é o leito do coração; é para elle um estado de transição entre as sombras e a luz; é uma sensação que nos revela a nós mesmos; é um sentimento que nos dá a consciencia do que podemos e não podemos; é um magnetismo que nos põe em relação com os nossos semelhantes, e elles comnosco; é uma força que nos eleva, e um mysterio que nos sanctifica. Finalmente, quereis saber todos os mysterios da dôr? Dôr é crer, esperar e amar! esta crença é baseada n'um padecimento; esta esperança em um allivio futuro; e este amor em toda a nossa miseria que então nos revela a dôr; porque a nossa miseria só pôde ser consolada e até compensada pelo amor! Dôr pois é o mais bello pre-dicado de um coração sensivel!

Rosa, querendo distrahir o mancebo desta idéa de dôr, disse-lhe:

— Mas dissesse, meu filho, que era vossa intenção vir nesse navio que naufragou; pois que não tinheis mais nada que ver em Lisboa....

— Sim, senhora. O brigue *Triumpho*, em que queria vir, tinha alguma demora. Havia outros navios, é verdade, que estavão prestes a dar a vela de Lisboa para o Rio de Janeiro; mas esses navios não gozavão de boa reputação como veleiros; tinha então eu que esperar pelo *Triumpho*: estava, como disse, aborrecido de Lisboa, quiz ver o Porto, e para lá parti. Demorei-me no Porto mais do que eu o supunha; e como este navio em que vim, navio de boa fama, estava se apromtando para dar a vela, preferi ficar no Porto, e lá mesmo embarcar-me. Eis o porque não vim no *Triumpho*.

— Eu bem o disse.... murmurou Rosa Branca.

— Quem é este anginho? perguntou Benedicto.

— É minha sobrinha, respondeu Rosa.

— Deus a fade bem, disse o mancebo. Não tem mãe?

— Não, meu filho.

— Mas teve-a? conheceu-a?

— Sim, mas perdeu-a ainda muito criança.

— Pobre menina! mas achando em Vm. outra mãe, não tem muito de que lastimar-se.

Ninguem respondeu a esta reflexão do moço, o por isso continuou:

— Mas disse, minha senhora, que bem o tinha dito.... Se não temesse o ser indiscreto, atreveme-hia a perguntar-lhe o que tinha dito, pois me parece que me diz respeito.

— Ah! respondeu Rosa Branca, eu tinha dito que Vm. não tinha vindo no navio que se perdeu.

— Mas porque o tinha dito? Eu podia ter vindo no brigue *Triumpho*, como vim nesta outra embarcação que me trouxe.....

— Não sei; mas meu coração me dizia....

— E o seu coração não se enganou.

— Por esta vez certamente.

— E sempre assim ha de ser.

— Oh! não. Hei de me enganar muitas vezes.

— Nunca, minha senhora.

— Então pelo que?

— Porque os anjos de Deus estão em tal contacto com elle, que podem, nas chamas que o rodeão, não só beber inspirações do futuro, como no presente ler todos os arcanos que Deus não lhes quiser occultar.

— Mas isso são os anjos.

— E como os anjos são as mais bellas criaturas de Deus....

— Se eu fosse anjo estaria no céo....

— Na terra tambem ha anjos.

— E para prova aqui estou eu, disse Archanjo.

— Oh! pois você é anjo? perguntou Rosa Branca.

— Mais do que anjo; sim, senhora, porque sou Archanjo.

Excepto D. Geraldo de Piná, todos os mais aplaudírão esta lembrança de Archanjo. Todavia nesta occasião, no riso de Benedicto, o recem-vindo, houve alguma cousa de amargo.

O padre disse então:

— Com effeito, elle tem razão: chama-se Archanjo....

— Ah! o Sr. chama-se Archanjo? perguntou Benedicto.

— Seu criado, respondeu Archanjo com ar triunphante.

— Obrigado, disse Benedicto.

— Sim, continuou o padre, chama-se Archanjo; logo é mais que anjo: portanto elle tem razão.

Benedicto comprehendeu então que o rasgo de

espirito de Archanjo tinha um grande alcance, que o maior alcance que notado. Pareceu-lhe que a elle tinha sido meio de seu gracejo moço, era comtudo : tou que os deus mar Archanjo erão tão fdião ser amados : na Branca para Archanjo.

que só o Sr. de Pina não applaudiu o dito de Archanjo. A consequencia era clara. Benedicto havia-se collocado em uma má posição, adiantando algumas finezas a Rosa Branca, e muito mais perante pessoas tão respeitaveis, e as quaes elle mesmo tanto respeitava, embora essas finezas fossem sobremaneira delicadas ! E' verdade que ninguem de juizo poderia estranhar estas finezas, ditas a uma moça por um moço imediatamente vindo da Europa. Benedicto bem viu que o padre e Rosa não tomarião a má parte as suas finezas, mas sentia-se humilhado em seu orgulho de moço bonito, e de doutor formado em direito, porque Archanjo o havia desconcertado. O leitor comprehende bem que o fim de Archanjo com o seu gracejo era acabar com as finezas de Benedicto, e devolver a conversação para outro lado ; e a este fim chegou perfeita e delicadamente bem. Benedicto poissentiu, e comprehendeu tudo isto.

Algumas vezes nos bailes, nas reuniões, nos jogos, nos passeios, nos amores, na tribuna, tanto de liberalitativa como judiciaria, no fôro, na diplomacia, na politica, no jornalismo, nas sciencias, nas letras, nas artes, e até nas industrias, ha ataques dirigidos com tanta pericia, e sustentados com tanta tactica, que o resultado delles é por força o triumpho para aquolle que assim se dirigiu, e a gloria de impor a derrota ao seu adversario. Toda-via, bem que a posição não seja agradavel, pôde, não obstante, o vencido dar largas á sua destreza ! e como ? conhecendo a derrota, fingindo não conhecê-la, e portanto não aceitando ; querer dizer, conhescer que está derrotado, o fingir que o não está, simulando ató não ser essa a intenção de seu advorsario ! E' um pouco difícil, cumpre confessá-lo ; mas cem uma boa dose de espirito vence-se

o maior alcance, que elle não tinha e o anjo tinha um fim, viamente chegado por medicto, bem que muito fino e perspicaz : elle nos, isto é, o Sr. de Pina e osos que facilmente podiam o tratamento de Rosa conveni saber —você,—o

qual familiaridade : no-

que só o Sr. de Pina não applaudiu o dito de Archanjo. A consequencia era clara. Benedicto havia-se collocado em uma má posição, adiantando algumas finezas a Rosa Branca, e muito mais perante pessoas tão respeitaveis, e as quaes elle mesmo tanto respeitava, embora essas finezas fossem sobremaneira delicadas ! E' verdade que ninguem de juizo poderia estranhar estas finezas, ditas a uma moça por um moço imediatamente vindo da Europa. Benedicto bem viu que o padre e Rosa não tomarião a má parte as suas finezas, mas sentia-se humilhado em seu orgulho de moço bonito, e de doutor formado em direito, porque Archanjo o havia desconcertado. O leitor comprehende bem que o fim de Archanjo com o seu gracejo era acabar com as finezas de Benedicto, e devolver a conversação para outro lado ; e a este fim chegou perfeita e delicadamente bem. Benedicto poissentiu, e comprehendeu tudo isto.

a dificuldade do passo. Foi precisamente o que Benedicto fez. Assim, logo que o padre disse que Archanjo tinha razão, porque chamava-se Archanjo, e por isso era mais que anjo, em o nome, Benedicto disse :

—Muito bem... muito bem ! Folgo muito em conhecer um senhor tão engenhoso !

—E eu, respondeu Archanjo, um senhor do qual devo ser amigo, visto ser protegido pelo nosso respeitável padres.

A conversação volveu a outros pontos. Benedicto soube das lagrimas que custára ao padre, que o supozera morto no naufragio do brigue *Triumpho*, e ao sabê-lo o agradecido mancebo terna e respeitosamente tomou a mão do padre, e a cobriu de beijos e de lagrimas.

Alguns instantes depois o padre retirou-se, acompanhado do Sr. de Pina e de Benedicto.

Archano ficou ainda. Elle pois perguntou a Rosa :

— Minha madrinha, donde sahiu este rapaz ?

— De onde sahiu ? essa é boa, Archanjo !

— Nunca soube que Vm. tivesse este afilhado, nem o padre este protegido....

— E como ó havieis de saber ? Elle não foi criado em nossa casa. Foi exposto, ou não sei como foi parar á casa de uma pobre velha comadre do padre : esta era pobre, mas tinha uma preta que então criava ; e como o filho desta preta tinha já quasi um anno, o padre, que teve pena do menino, que era bem bonito, disse á velha que desmamasse o filhão da escrava, e criasse o menino, que elle concorria com as despezas. Eu fui sua madrinha, e Renato vosso pai o padrinho. Em 1724, tendo o menino onze annos de idade, foi para a Europa mandado pelo padre, e lá esteve até agora. Já vedes que quando Benedicto foi para a Europa vós erais muito menino, poderieis ter tambem os vossos onze annos, e nessa idade estaveis ainda na roça, na fazenda de vosso pai. Quando pois viestes para a cidade já Benedicto estava em Portugal.

—Ainda en não era nascida quando elle foi, disse Rosa Branca.

— Nem tua mãe casada, replicou Rosa.

— Então deve estar o Sr. Benedicto com os seus vinte e oito annos, disso Archanjo.

— Sem duvida, respondeu Rosa.

Um instante depois Archanjo despediu-se, e sahiu.



## CAPITULO II.

### TEMO Á VISTA DE TUDO ISTO.

Aquelle que de prudente busca prevenir futuros males, quasi nunca diz :—*Se eu soubera!*—Pesquizai as origens das desgraças, e vereis que a mór parte daquellas que vos parecem filhas de uma inevitável fatalidade, proveem unicamente das facilidades, descuidos e desmazelos.

No outro dia logo de manhã muito cedo o padre recebeu uma carta de Rosa, concebida nos seguintes termos :

« Meu pai.—S. C., 15 de fevereiro de 1741.— « Talvez seja demasiado receio ; mas julgo do meu « dever revelar-lhe o que penso, para que Vm., mais « experiente que eu, possa resolver. O nosso Bene- « dicto é chegado, são e salvo, graças á Providen- « cia : mas feliz, ou infelizmente para elle, Beue- « dicto tem o dom de ser bonito, e tão bonito, que « necessariamente deve fascinar a qualquer meni- « na ; porque as meninas gostão dos rapazes boni- « tos : além disto, o modo, as graças, e os ademães « de Benedicto lhe devem facilitar não poucas vic- « torias, e quem sabe se sem elle mesmo as preten- « der ! E demais, é moço e todos os moços são quasi « da mesma laia. Por outro lado, a nossa Rosa « Branca é mesmo uma rosa branca : perdem-me « este desvanecimento ; mas não vejo moça digna « de ser sua émula em formosura e graças, e Rosa « Branca é menina : tudo isto porém seria nada, a « não ser o que se segue.

« Notei, e talvez que Vm. também notasse, que « Benedicto perdeu seus olhos nalla, o que Archan- « jo não viu sem ciumes, e Rosa Branca também

« esqueceu-se de si, contemplando Benedicto. De- « pois que todos se retirão, e que ella ficou só « comigo, fez-me sobre Benedicto mil perguntas ; « como : se vinha ficar no Rio de Janeiro ; se casa- « ria aqui, ou se não ; se era pobre ; e outras mui- « tas. Depois se desfazia em louvores á beleza do « rapaz : ora louva-lhe o lustroso e annellado dos « cabellos louros ; ora a brancura do seu rosto ; « umas vezes as rosas das faces ; outras o azul dos « olhos ; enfim o riso, a falla, o modo, o gesto, « tudo a encantava !

« Temo á vista de tudo isto. Supondo ainda « muita virtude em Benedicto, creio que Rosa « Branca não é mulher que se veja sem amor. « Como seja , julgo que não será despropositado « darmos algumas providencias. Cortemos, ou an- « tes arranquemos a arvore que nasce, antes que « lance profundas raizes.

« Na incerteza de que Vm. cá viria hoje, e te- « mendo que Benedicto volte, apressei-me em es- « crever-lhe.

« Fica esperando sua resposta sua filha—*Rosa.*» O padre apenas recebeu esta carta, sem turvar- se, como se tal noticia fosse por elle esperada, es- creveu a Rosa a seguinte resposta.

« Minha filha. — Collegio da C. de J., 15 de fevereiro de 1741. — Manda-me imediatamente um portador para ir á fazenda de Baptista. Deve sahir dahi prompto, de modo que daqui siga a sua viagem. Talvez seja bom que elle não saiba para onde vai quando dahi sahir, e que Rosa Branca ignore tudo. — Teu pai, o padre Chagas. »

Rosa, como mulher de expediente, e que sabe aproveitar as circumstâncias, convertendo ainda as más em boas, chamou um escravo fiel, e disse-lhe que se apromtasse para ir á fazenda; enquanto o rapaz apromtou-se Rosa escreveu a Baptista: esta carta era um pretexto. Feita a carta, Rosa foi ao quarto de Rosa Branca, que ainda estava deitada, e perguntou-lhe se queria alguma cousa para seu pai.

— Quem vai para lá? perguntou a menina.

— Agostinho vai agora, respondeu a matrona.

— A que vai?

— Vou mandar dizer a teu pai que o Benedicto chegou.

— Ah! Está bom. Nada quero. O Agostinho que dê saudades a papai.

O rapaz, tendo recebido de Rosa a ordem de se apresentar ao padre, partiu.

Rosa reflectiu que era impossivel mandar um portador á fazenda sem dar um motivo, visto que Baptista estava para vir: então que motivo? lembrou-se do motivo que deu, isto é, a participação da chegada de Benedicto; porque era impossivel partir um portador para a fazenda, e estar fóra de casa quatro ou mais dias, sem que Rosa Branca o soubesse.

Quanto á carta de Rosa ao padre, nada tinha de exagerada: sobre os encantos deste novo personagem que acaba de aparecer, basta que o narrador diga o seguinte: envolvei o bemfeito e delicado corpo de Benedicto em uma clamyde de alvura da neve, deixei os seus ouros cabellos fluctuar sobre seus hombros de alabastro, ligai a esses hombros duas azas tão brancas como o arminho, ou tão brilhantes como a luz; e vós direis: « É um anjo do Senhor! »

Voltemos agora ao portador de Rosa.

O padre, logo que Agostinho chegou á sua presença, deu-lhe uma carta, dizendo-lhe:

— Vai a toda a pressa levar esta carta a teu senhor. Em todos os poucos por onde passares chega a ver se ahí estará elle, para que te não desencontres. Entendeste?

— Sim, seuhor.

— Pois vai.

O portador partiu. O padre ficou passeando em sua cella com vagarosos passos. Uma vez por outra batia na testa murmurando:

— Oh que mentira! Que escândalo!

Algumas vezes parava de repente, exclamando:

— Meu Deus! meu Deus, inspirai-me....

imediatamente parou em frente de um Crucifixo; ahí suas idéas pareciam todas se concentrar sobre a imagem do Homem-Deus; insensivelmente se foi curvando, até que se achou de joelhos diante do Crucifixo: seu rosto pareceu um pouco mais sereno; assim encostou a mão que lhe restava ao peito, e começou a orar; assim orando esteve um quarto de hora: finda a oração, o velho sacerdote ergueu-se mais tranquillo; dir-se-hia que um raio illuminador havia do throno de Deus descido até seu espirito: neste estado abriu á ventura a Biblia, que sempre tinha sobre a mesa, e leu ao acaso o que se segue, acertando de ser nos proverbios:

« *Testis falsus non erit impunitus: et qui mendacia loquitur, non effugiet.* » (\*)

O sacerdote, tendo lido estas palavras, fechou o livro em uma especie de arraudo, ou entusiasmo, exclamando:

— Sim, meu Deus! Eu te dou graças!

Assim dizendo, caiu outra vez de joelhos aos pés do Crucifixo, onde orou, até que se levantou ressegado.

Eis a carta que Baptista recebeu:

« Meu filho. — Collegio da C. de J., 15 de fevereiro de 1741. — É absolutamente preciso que quando vierdes para a cidade, antes de irdes á vossa casa, me falleis. Não ha necessidade para quo venhais com pressa; podeis arranjar vossas cousas com vagar; mas o que é poderosamente preciso é que me falleis antes de entrardes em vossa casa; disto depende o vosso e o meu socorro: não vos assistais porém, que o negocio não é para tanto.

« A qualquer hora que chegardes podeis esperar-me na minha cella, caso eu não esteja; porque para isso terei dado as providencias, e as da rei do modo que por mim não espereis muito.

« Em vossa casa não ha novidade alguma.—Vosso pai, o padre Chagas. »

Esta carta, que parecia de tanto peso, e ao mesmo tempo tão misteriosa, era bastante para affligir a

(\*) A testemunha falsa não ficará impune: e o que mentir será descoberto.

qualquer homem que não fosse Bap-tista : este homem tinha um carácter pouco vulgar. Parece que em toda a sua vida só duas cousas o tinham incomodado, e afflictido o seu coração ; a saber : as enfermidades e mortes de seu pai e de sua mulher. Bap-tista estava sempre contente ; tudo para elle ia bem e estava bem. Tendo lido a carta, disse pois mui fleugmaticamente :

— Sem duvida o padre quer-me pregar alguma por causa do meu casamento..... Emfim..... como amanhã vou para a cidade..... lá verei o motivo por que antes de ir á casa devo ir ter com o padre.

De passagem, é bom que o leitor saiba que Bap-tista era amigo do padre Chagas até o entusiasmo, até á idolatria ; esta amizade era envolvida em um respeito filial. As palavras do padre tinham tanto poder no animo de Bap-tista, como as sagradas letras. Esta admiração, este culto, este respeito filial iam tão longe, que Bap-tista, bem que apaixonado por Narcisa, se o padre não levasse a bem o seu casamento, Bap-tista não se casaria ; mas o padre não havia mostrado má vontade a este casamento, e Bap-tista sabia que seu velho amigo era incapaz de um fingimento ou de uma simulação. Bap-tista pensou seriamente sobre a carta; e não podendo achar uma aberta por onde penetrasse até o motivo della, disse :

— Emfim, seja o que fôr.

No dia em que o portador da carta seguiu para a fazenda de Bap-tista, um pouco antes da noite foi o padre para a casa de Rosa ; ahi elle e a matrona conversaram longo tempo. Algun negocio grave entre elles se tratava. O padre parecia cuidadoso e solícito de alguma cousa, e Rosa não menos. Depois de uma dilatada conversa, Rosa Branca foi á presença do padre, que a fazendo assentar junto delle, disse-lhe :

— Já sabes, minha filha, que o meu sobrinho Geraldo te pediu a meu pai em casamento ?

— A mim ? ! disse a menina com excessiva admiração.

— Sim, a ti ; de que te admiras ?

— Ora.... aiuda sou muito menina....

— Todavia, minha filha, já orças pelos tens 15 para 16 annos, e a dizer-te a verdade, a occasião é propicia. Teu pai casa-se breve, e eu penso que é melhor teres a tua casa que ires para casa de teu pai, debaixo das ordens de tua madrasta. Sei que ella é boa moça, e que com o teu genio de anjo te darás bem com ella ; mas, ou mais tarde ou mais cedo hás de te casar, e nesse caso é melhor fazer-se

hoje o que tem de se fazer amanhã. O que pensas ?

— Mas eu não tenho inclinação alguma ao primo Geraldo....

— Também teu pai te não quer constranger ; quer dar-te um marido, minha filha, do nosso gosto e do teu. Pelo que penso, Archanjo também estimará ser teu marido.

— Eu estimo muito a Archanjo.... mas....

— Mas o que ?

— Não me queria casar com elle....

— Porque? achas-lhe algum defeito ?

— Não, senhor.... mas....

— Mas o que ? é preciso ser franca, minha filha.

Uma menina de tua idade com certos segredos e reservas, cousa é que as pessoas de juizo não podem levar a bem ; e em ti, sempre tão sincera e tão candida, um tal procedimento diz muito mal.

— Ah ! não, senhor, nenhum segredo, nenhuma reserva tenho ; e por isso vou explicar-me com toda a franqueza possível. Eu não tenho por meu primo D. Geraldo de Pina senão muito respeito, e aquella consideração que devo a um parente e a uma pessoa a quem Vm. vota grande amizade. Quanto a Archanjo, muda de figura ; amo-o muito e muito ; mas este amor é um amor puro e santo ; amo-o, como uma terna irmã ama a seu querido irmão. Ora, bem que eu vote esta terna amizade a Archanjo, nem por isso tenho repugnancia alguma a meu primo. Entretanto se o amor não é absolutamente preciso para a felicidade dos consortes, e se a pressa de me casarem se liga algum interesse que não comprehendo, estou desde já prompta, seja quem fôr meu marido, com tanto que não seja um homem a quem eu aborreça ; se porém é preciso que eu ame o homem de quem devo ser mulher, então, paizinho, este homem não é Archanjo, e muito menos meu primo D. Geraldo.

— Não ha pressa alguma em casar-te, minha filha, e muito menos interesse. Entendi, e também teu pai, que estimarias mais tua casa do que a casa de tua madrasta.

— É indiferente.

— Mas quando uma moça é livre, é-lhe indiferente casar-se com este ou com aquelle sujeito ; contanto que lhe não seja repugnante. Não pensas também assim ?

— Mas que pressa ha em me casarem ?

— Nenhuma, já t' o disse ; e bem claro me expliquei sobre as razões do teu casamento. Não suspeites, minha filha, que teu pai te quicira constranger a casar, se o não quizeres, nem a receber

um esposo contra a tua vontade. Ao contrario, Deus permitta que te possamos dar um marido do teu gosto. Archanjo e meu sobrinho respeitarão as tuas affeições como as suas ; e a tua vontade, contida nos limites da honra e da decencia (sem procurarlos outro qualquer interesse) será sempre respeitada em tudo e por tudo : quero porém ser mais franco que tu ; tambem isto é mais proprio dos velhos, e particularmente de um velho que já muito pouco pertence ao mundo, que de uma menina que ainda não o conhece. Pelas tuas palavras comprehendi que ha (não sei quem seja) alguém que goza a tua affeição, e com quem te ligarias com prazer.... Penso pois que ha alguém que, se te pedisse para mulher, aceitarias gostosa....

Rosa Branca corou, sorriu-se, e abaixou a cabeça. Essa cõr, esse sorriso e essa vergonha erão a manifestação de tres idéas rapidas e simultaneas. Corou, porque amava ; sorriu-se, porque esperava, e abaixou a cabeça, porque neste momento este amor e esta esperança palpitáro com força no fundo do seu coração !

Nem é de outra sorte que se revela o amor de uma menina ! Ao passar-lhe pela cabeça o seu amor e o objecto delle, a cõr do rosto, o sorriso dos labios e o curvar da fronte, trahem abertamente o passar dessas idéas, embora passem mais veloces que a luz.

Uma mulher pôde occultar os mais arriscados planos; dissimular a mais perigosa empreza ; disfarçar as mais arrojadas idéas ; esconder os mais funestos pensamentos ; e encobrir finalmente a mais tenebrosa trama ! mas reservar seu amor de um modo tão discreto, que jámais seja percebido, quando devérás ama.... mentira !...

Quem assim pensa, quem tal diz, calunia o coração de uma mulher !

A mulher dissimula um apocrypho amor, baseado em quaesquer interesses materiaes, quo então não dissimula o seu amor, pois não pôde dissimular o que não tem ; mas dissimula o seu interesse, e com tanta habilidade e destreza, que fará inveja ao mais habil e ao mais destro diplomata ! mas este sentimento indefinivel, este desejo supremo, esta esperança incomensurável, sentimento quo nos revela uma necessidade, a do ligarmos nosso

ser a outro ser ; desejo que nos revela um fim, o complemento de nosso bello ideal ; esperança que nos revela a felicidade suprema, a posse do objecto amado, ventura que o coração nos representa imensa, infinita e ineffavel ! immensa como a morada de Deus, infinita como as suas graças, e ineffavel como a sua gloria ! sentimento, desejo e esperança a que chamamos amor.... eis o que ninguem dissimula, e nem a mais matreira de todas as mulheres ! Tambem poucas vezes se ama assim.... feliz porém o coração que nunca assim amou ; mas uma menina de dezaseis annos pouco mais ou menos pôde amar assim.

O narrador havia dito que Rosa Branca corou, sorriu-se, e abaixou a cabeça : o padre percebeu tudo isto, e disse :

— Com effeito, minha filha, adivinhei, heim ?

— Não, senhor, respondeu a menina ; eu não tenho affecto a pessoa alguma ; mas a me quererem casar agora, não desejava que fosse com o primo D. Geraldo, e nem com Archanjo....

— Logo desejaveis com outra pessoa....

— Queria antes que fosse com o Sr. Benedicto....

— Bem, minha filha ; folgo com essa franqueza.... mas....

— Eu não peço que me casem com elle ; quizeria antes viver solteira por mais tempo : mas digo que no caso de me quererem casar já, se ha de ser com outro, então antes queria com elle....

— Bem, minha filha ; mas sabe que a respeito de Benedicto ha mysterios bem extraordinarios, e só teu pai os pôde revelar. Em consequencia, nada posso dizer-te a este respeito. Teu pai está para chegar, e elle então ressolverá o que melhor entender. Em todo o caso convém que por ora não fallemos nisso, e desejo até que sejas discreta ácerca desta nossa conversação.

O padre disse, e immediatamente deixou Rosa Branca.

A menina, notando no padre numa tal on qual agitação, disse, vendo-o sahir :

— Men Deus ! que mysterios ! Que funesto Benedicto é esto ! Tão lindo, tão encantador, tão amado de todos.... só eu quando fallo nesse.... busco desviar a conversação !... Todos o amão, e todos se desgostão quando fallo nesse !...

## CAPITULO III.

### ELLE TEM TANTO INTERESSE NESSE NEGOCIO COMO NO'S.

Como se sobre a terra nada ha de real senão a passagem fugitiva de tudo, a nossa vida presente não é cheia senão do que foi, e do que ha de ser, isto é, pezares e saudades dos males e bens passados, temores e esperanças dos males e bens futuros !

Quatro dias depois de haver o padre Chagas enviado a sua carta a Baptista, estava este na cidade; e, obediente ao chamado do padre, logo que pojou na praia de D. Manoel foi ao collegio da Companhia de Jesus saber o que delle queria o seu velho amigo. Felizmente o Jesuita estava em sua cella. Findas as saudações, o padre, fazendo Baptista assentár-se junto delle, fallou deste modo :

— Sabeis quem acaba de chegar ao Rio de Janeiro, e á vossa casa, contra a nossa expecctação ?

— Hei de sabê lo agora, disse Baptista.

— Pois é o pequeno Benedicto!...

— O meu filho ?

— Sim, Baptista, sim....

— E porque á minha casa contra a nossa expecctação ?

— Porque eu nunca quiz que o mysterio que envolve seu bcrço fosse sabido senão por vós, Rosa, e por mim.....

— E porque elle o não pôde saber, senhor ?

— Porque nunca o julguei necessario.... mas agora....

— Mas agora o que ha ?

— Muito para temermos. Eu quizera que quando Benedicto aqui chegasse já Rosa Branca estivesse casada ; negocio que eu suppunha que teria lugar por estes dous mezes ; mas contra a minha expecctação, Benedicto aqui chega. E' verdade que

elle me havia communicado a sua proxima vinda, e eu lhe mandei dizer que me procurasse aqui ; porque eu faria as cousas de modo que elle não fosse á vossa casa, ao menos sem que estivessem as cousas arranjadas, como a prudencia aconsellava. Veiu pois, e por fatalidade não me achando aqui, procurou-me em vossa casa.....

— Mas, se nisso ha algum mal, eu o não comprehendo.....

— Ouvi o mais. Benedicto é bello, e Rosa Branca é linda como um anjo de Deus. Quanto aos sentimentos de Benedicto por ella, ignoro-os completamente ; mas, se me não engano, elle gosta de ver a Rosa Branca, e do gostar-se de ver uma mulher ao amal-a não ha senão um passo, e esse, meu filho, é facillimo ! Quanto aos sentimentos de Rosa Branca por Benedicto, eu vos asfianço que ella gosta dellc, e gosta ao ponto de o desejar por marido.....

— E como se sabe disso ?

O padre narrou então a Baptista a pratica que com Rosa Branca tivera, e a franqueza que com elle usará a ingenua menina. Tendo narrado minuciosamente isto a Baptista, continuou :

— Já vedes, meu filho, que nos é absolutamente preciso dar a isto uma sahida ; mas sem comprometimento da reputação de pessoa alguma....

— Entendo, meu pai, que todo o mal fica sana-do com uma unica palavra.

— E como ?

— Não é Benedicto meu filho?

— Baptista, ou eu vos não comprehendo, ou sois uma providencia.....

— É facil o comprehendender-me. Benedicto amará a sua irmã só com amor de irmão; e Rosa Branca, vendo em Benedicto um seu irmão, conterá seus ardores, e só o amará como seu irmão.....

— Baptista.... Baptista... vós sois um anjo ! disse o padre lançando-se ao pescoço de Baptista, e derramando lagrimas de prazer e gratidão.

— Um anjo!.... murmurou Baptista. Um anjo eu ! Se eu fôra um anjo.... se eu fôra um anjo ! Ah !....

Baptista arrancou este ai bem do intimo do seu peito. Era uma nota aguda de sua alma, que pre-ludiava um sentimento tão intimo, como uma saudade, como um amor malfadado, ou como um remorso ! O respeitável sacerdote notou esse ai, e ligou-lhe uma significação dolorosa sim, mas honesta, e toda filha das circunstancias actuaes, circumstancias, quem sabe se por demais amargas !

O padre, com semblante compungido, e em tom pathetico, disse :

— Suspirais, meu filho ?

— Não, meu pai ; não ! exclamou Baptista com voz dolorosa e quasisumida. O meu suspiro tem uma causa mais nobre do que essa em que Vossa Reverendissima talvez pensa ! Eu o juro, e o juro diante de Deus ! Ah ! só Deus o sabe !....

E mudando repentinamente de tom, acrescentou :

— Tenho ainda tantas saudades da minha Branca !....

O padre comprehendeu que no coração de Baptista havia algum mysterio profundo, doloroso e tremendo talvez ; mas neste momento solemne era mister que fosse resposto este mysterio, qualquer que elle fosse !

— Bem, meu filho, disse o padre, eu vos acre-dito sincero. Voltando ainda ao nosso principal negocio : vós apresentareis vossa filha á vossa familia, não é assim ?

— Sim, senhor ; apresentarei meu filho Benedicto á minha familia. Ilojo mesmo elle abraçará a sua irmã Rosa Branca.

— Julgo ainda necessario que Rosa esteja de acordo coimuseo.

— Pois ainda não o está ?

— Bem vêdes que não era possivel....

— Mas pôde Vossa Reverendissima lá ir agora, e pô-la de acordo.

— Mas antes disso convém que assentemos na maneira pela qual nos haveremos neste negocio. Sejamos prudentes.

— Não comprehendo....

— Oh ! bem vêdes que Benedicto ha de querer saber a razão por que seu pai nunca com elle se importou....

— Queira perdoar-me, meu pai ; Benedicto deve ter pouco mais ou menos os seus. .. vinte e oito.... annos.... (Baptista disse isto com voz um tanto tremula) já deve ser discreto, sisudo e prudente : por-tanto quero, e peço a Vossa Reverendissima que lhe falle a verdade....

— A verdade ! !

— A verdade, sim, senhor. Elle tem tanto inter-esse nesse negocio como nós.

— Isso é verdade ! ....

— Logo, para que engana-lo ?

— Só a vós, meu filho, pertence o determinar isso. Eu, sacerdote do Senhor, não posso, não devo aconselhar a mentira, porque a mentira é um pecado ; mas não posso tambem, nem devo abusar dos segredos alheios. Farei pois o que me determi-nardes.

— Não, senhor ; o que eu pedir, sim.

— Mas julgo que a respeito de Rosa Branca devemos manter o mysterio que rodeia o nascimento de Benedicto.

— A esso respecto Vossa Reverendissima decida como entender.

— Respeitemos o seu pudor, meu filho....

— Sim, respeitemos o seu pudor.

— Então assentemos na resposta que lhe deve-mos dar a qualquer questão que ella por ventura nos faça.

— Temos um meio facil.

— E qual ?

— Que elle se portou mal na Europa, e por isso eu....

— Não ; isso seria desacreditar o pobre rapaz. Além de quo, Benedicto, por um acaso procurou-me em vossa casa, e ali não perguntou por vós ; o que não faria, sabendo que era vossa filha e irmão de Rosa Branca, embora contra vós tivesse alguma queixazinha.

— E então como lhe de ser ?

— Julgo melhor dizermos não só a Rosa Branca, como a todos quo frequentão vossa casa, que Benedicto nunca conheceu seus pais ; que vós

ostensivamente não o tratavais como filho ; porque sabendo-se quem era seu pai facilmente se adivinharia sua mali, e quo por isso vós concordicis com suas despezas por meu intermedio ; mas que tendo morrido algumas pessoas interessadas neste negocio, e cessado os obstaculos, vos resolvistes a declarar o que erais de Benedicto, isto é, seu pai.

— Muito bem, muito bem.

— Mas temos ainda que reparar uma injustiça.

— Qual é ?

— Rosa Branca ficará prejudicada... e...

— Por ora, meu pai, estamos tratando dos negócios espirituais dos nossos filhos ; Deus nos emprestará a vida por mais tempo para depois tratarmos dos negócios temporais.

— Tambem tendes razão. Ides vós pôr vossa cunhada de acordo connosco, ou queréis que eu vá ?

— Julgava melhor ir Vossa Reverendíssima ; e eu até lho pederia isto.

— Sim, meu filho, sim. E vós não ides já para casa ?

— Demorar-me hei algum tempo, para que Vossa Reverendíssima ponha as cousas como queremos.

— Pois então até logo.

— Sim, sonhior, até logo.

Baptista sahiu cheio de um nobre orgulho, como um homem que acaba de praticar uma bella acção. O padre, tendo-o visto sahir, cruzou os braços; e deixando cahir duas lagrimas, destas lagrimas que fazem traduzir em um rosto tranquillo e radiante de ineffavel prazer uma alegria profunda e uma gratidão sublime, exclamou :

— Vai, homem extraordinario ! Se alguma vez praticaste alguma má accão, é porque só Deus é perfeito ! Amas o bem por instincto, segues a virtude por genio, e praticas só boas accções por costume ! Vai, homem ou anjo... o céo te abençõe.

Depois o padre lembrou-se, a seu pezar, do suspiro de Baptista, e disse :

— Bem magoado foi o seu suspiro ! Coitado !... e ello tem razão.... O mundo é assim mesmo.... O homem é tão orgulhoso ! mas.... Desviemos o pensamento desse passado tão negro, tão triste e tão amargurado ! assim foi o passado.... agora remediemos no presente o que pudermos.... mas o futuro ? O futuro ! e que importa o futuro ? Pertence-nos elle ? não : o futuro é de Deus !... Uma falta, uma só falta ! Grande Deus ! Como a pedra que se desprende do cimo de uma montanha que leva consigo aos abyssos quantos seixinhos topa em sua passagem, assim fui eu ! Uma falta ! o quantos pezares ! quantos dias funestos ! quantas noites angustiosas ! Longos teem sido os meus padecimentos ! Não importa. Meu Deus, eu me resigno.... cumpra-se a vossa vontade !

Tendo assim terminado o seu soliloquio, ajoelhou-se, e orou devotamente diante do seu Crucifixo.

Baptista, tendo sahido, acertou de achar aberta a porta da igreja do Collegio, entrou, e fez oração. Depois, enxugando duas grossas lagrimas, exclamou :

— Meu Deus, eu só vos rogo que nesta humilhação, que neste sacrificio comece a expiação do meu delicto !





## CAPITULO IV.

JURO!

Os nomes de nossos pais são uma luz que allumou  
nossa berço no instante do nosso nascimento : assim,  
aquele que os não sabe, deve presumir que nascerá  
rößeado de affrontosas sombras !

A' vista de todos os acontecimentos que se desfilarão debaixo de nossos olhos, devemos suppor que alguma vontade havia de casar Rosa Branca ; e, se as apparencias nos não illudem, Archanjo era o predestinado pela familia. Cumpre porém revelar que se Rosa Branca mais se inclinasse ao Sr. de Pina, este seria o seu marido ; mas a joven belleza não tem pelo joven Lisbonense nem a mais ligeira inclinação ; e a amizade que vota a Archanjo, bem que de muitos quilates, todavia esses quilates são de um valor bem diferente dos quilates do amor, e quem sabo se muito mais preciosos.

A repentina chegada de Benedicto dá que entender a Rosa e ao padre, e faz com que entre estes e Baptista se concerte um plano, cujo fim é que Rosa Branca não considere a Benedicto senão como seu irmão, e Benedicto a virgem senão como sua irmã !

Parece este parentesco improvisado, e feito tão de preposito !.... Mir-se-lha que o verdadeiro sim disto era arrancar do coração da menina uma paixão nas-

cente ; mas porque, e para que ? A joven que podia ser mulher de Archanjo, ou de D. Geraldo de Pina, não o podia ser de Benedicto ?

E' verdade que Archanjo sabia os nomes de seus pais ; D. Geraldo tambem sabia os dos seus ; ambos os podião pronunciar bem alto, e Benedicto não ! Assombras havião occultado seu nascimento, o mysterio envolvido seu berço, e o segredo abafado os nomes de seus pais : a bastardia era então uma vergonha, ou antes uma reprovação que fazia os filhos expiarem as fraquezas de seus pais.

Ha entre a natureza e a sociedade uma especie de luta contínua, a qual cifra-se em querer a sociedade restringir a natureza, coarctar parte dos seus direitos, e acanha-la dentro de certos limites ; e em a natureza resistir e relutar, forcejando para reconquistar seus dominios ! Mas, cousa notavel ! ao passo que a sociedade avança em civilisação, apartando-se da ordem natural em certos pontos, se approxima della em outros, dos quaes se havia afastado

na primítiua, não fazendo senão modifcar essa approximação sob fórmas mais decentes, segundo os usos dos diferentes paizes.

A natureza habilitou a todos os homens para serem pais ; mas a sociedade, a bem de sua conservação, e a favor de certas idéas que ennobreceu, e a que chamou honra, pejo, pudor, vergonha, modestia, honestidade, etc., idéas que não tendem senão para a conservação e ordem da mesma sociedade, restringiu essa habilitação contra aquelles que suas leis não julgassem assim habilitados. Ora, uma proibiçao sem uma pena que punisse os que praticassem a cousa prohibida, seria ridícula, ou talvez um pasquim insultador da magestade das leis. A sociedade sentiu, e comprehendeu uma tal necessidade ; e o que fez ? Julgou as mais bellas idéas suas, isto é, o pejo, a honra, a modestia, etc., sem effeito algum para aquelles que as menoscabavão.... justa pena de Talião ! E pois, já que aquelles que se não tinhão legalmente habilitado para serem pais, affrontavão tão atrevidamente o que ha de mais bello, mais decente e mais justo na sociedade, a sociedade tambem suspendia contra elles essas entidades moraes, não reconhecendo a sua união, e pondo fóra da lei da legitimidade e da herança a seus filhos, precisando para serem julgados como taes de um favor da lei, que fará corar a qualquer homem de brio ! Este proceder das sociedades antigas era uma alta justiça ; porque estes pais de filhos illegítimos, tendo as mesma vantagens dos casados, e não as mesmas responsabilidades, soffressem ao menos essa pena, isto é, a vergonha delles e de seus filhos.

Quando pois se encara para a severidade com que a sociedade antiga tratava os filhos bastardos, á primeira vista d'olhos tal severidade parecia injusta, absurda, o hoje ató paradoxal ; mas um exame mais profundo nos mostra a razão e a justiça do tal severidade.

Seria pois a bastardia do Benodicto parto para ser elle desviado da mão de Rosa Branca ? Mas as idéas quo acina apresentamnos a tal respoito devem militar para os aristocratas o pessoas muito sovoras ácorca da pureza dos sens nascimentos, o não para um ministro de Deus, quo professa humildade, e deve não só fechar os olhos ás fraquezas do seu proximo, como até perdoa-las : e de mais, esso amor, esse estremecido amor quo o padro Chagas votava a Benodicto, não valia que pelo seu protegido fizesse alguma cousa, elle que podia tudo em casa de Baptista ? elle cuja palavra

ali importa nada menos que um decreto ?! Será porque Benodicto é pobre ? E' uma pecha detestavel, mas Benodicto tem um futuro : aos vinte e oito annos formado em jurisprudencia, talentoso, prudente, e, o que é mais, honrado, não precisa ser rico ; não precisa, porque tem em si meios de tornar-se abastado, e até rico ! Como quer que seja, razões, e grandes razões, obrigão o padre a desviar Benodicto de pretender a mão de Rosa Branca, e a suffocar no joven coração da donzella uma paixão-nascente.

Logo que Baptista sahiu, sahiu tambem o padre ; mas duas horas depois elle estava de volta ; um instante depois Benodicto entrou a cella do padre. Cumpre advertir que durante o tempo que decorreu desde a chegada de Benodicto até este momento, o mancebo foi todos os dias á casa de Rosa, e alguns dias mais de uma vez ; mas em nenhuma de suas visitas o moço ficou nem uma unica vez só com Rosa Branca.... Rosa era um argos vigilissimo ; ella entendia que toda a cautela era pouca. Porque seria ? mas emsím.... tanto Benodicto como Rosa Branca erão tão bonitos.... Ora, o ser muito bonito.... ás vezes não é lá grande cousa.... comtudo, antes ser muito bonito que um pouco feio.

Logo que Benodicto entrou disse-lhe o padre :

- Então, filho, tens passeado muito ? \*
- Sim, senhor, respondeu o moço.
- Mas não tens visto cousa alguma.....
- Porque, senhor ?
- Porque quem vem de Lisboa nada acha que ver aqui.
- Mas sempre ha alguma cousa que ver.
- Mas nada que admirar.
- Sempre ha alguma cousa.
- Então o que ?
- Esta magnifica bahia, semeada de ilhas, circumdada de montes, cujos designaes apresentão nesse horizonte, que formão, o gracioso relivo de uma vistosa moldura, que parece voluptuosamente se banhar nas ondas. Pareco que esta magnifica bahia está coberta por um immenso pavilhão azul, terminado por uma orla verde, que o cinge em toda a amplidão, e cujas brancas franjas (as espumas do mar e as areás das praias) regaço-se levemente por cima dessas ondas tão mansas, tão azuis, tão bellas ! .....
- Muito bem, muito bem ! Está isso muito poetico !....

E que o objecto em si mosmo tem muita poesia.

— Toda a natureza tem poesia ; todos os homens fallão da natureza, e nem por isso todos os homens são poetas.

— Parece que Vossa Reverendissima não gosta dos poetas ?

— Ao contrario, gosto, e gosto muito.

— De qual dos poetas antigos gosta mais ?

— De todos.

— De todos ?

— Sim, de todos. Leio sempre um poeta duas vezes : a primeira, para conhecer a sua principal tendencia, suas idéas dominantes, e seu sentimento intimo ; conhecidas estas cousas, leio-o segunda vez : esta segunda leitura é, propriamente falando, uma analyse ; é então quando desço á forma, porque o primeiro exame só foi sobre a matéria ; agora é que busco apreciar, devidamente o poeta, a força de suas idéas, o brilhantismo de suas imagens, a justeza de suas comparações, o arrojo de suas figuras, a viveza de suas còres, a amenidade de sua dicção, e finalmente a frescura e a graça do seu estylo. Este mesmo exame me revela a pouca ou muita originalidade do poeta, o modo por que encarou as cousas, e a maneira por que dellas fallou. Neste exame busco collocar-me na posição do poeta, identificar-me com elle, e sentir como elle : levo em conta a sua idade, seu estado, o tempo em que escreveu, para quem, e porque, etc. : julgando assim um poeta, quasi sempre lhe acho bellezas, graças, imaginação, invenção e agradável estylo. Sou pouco exigente para os poetas, não é assim ? mas em compensação o sou muito para os historiadores, oradores e homens de sciencias. Além disto, eu não sei como se podem comparar certas poesias, ainda do mesmo genero.... a idade do poeta, o tempo em que escreve, o clima, a sua religião, o seu estado, tudo isto tem uma influencia absoluta sobre as suas obras. Quantõ a mim, acho bem pouco justo compararmos os poemas de Homero e de Virgilio com os de Ariosto, de Camões e de Tasso, e qualquer destes com os poemas que se lião de escrever daqui a cem ou duzentos annos, visto os progressos da intelligencia. Um poema que celebra um facto dos tempos heroicos é a expressão da luta da força bruta com a força bruta ; o que celebra um facto da meia idade é a expressão do amores romanescos, de feitos da cavallaria, do fanatismo religioso, etc. ; os poemas que celebrarem algum facto moderno serão a expressão da luta, da intelligencia com a ignorancia, da luz com as

sombra, enfim, da liberdade com o despotismo ! Disto resulta que sou um pouco exquisito na minha maneira de julgar os poetas ; porém não se esquecendo o poeta do

« *Sed non ut placidis coeant immixta, non ut*

« *Serpentes avibus geminentur, tigribus agni.* » cá, no meu entender pôde usar como muito bem quizer do

« *Pictoribus, atque poetis*  
« *Quidlibet audendi semper fuit æqua potestas.* »

A liberdade pois do poeta, e o arrojo, são para mim grandes partes ; não obstante, os arrojos de Pindaro não me fazem gostar menos das ternuras de Anacreonte. Gosto das bellezas de Horacio, dos delicados pensamentos de Marcial e de Catullo : finalmente, o primoroso pincel do sublime Virgilio me não faz esquecer os patheticos e maviosos rasgos do flôrido e engenhoso Ovidio. Talvez que a mór parte dos homens de letras não concordem comigo, porque estes seuhores gostão essencialmente de discordarem só pelo gosto da discordância ; mas tambem é causa que não se me dá. Deixemos porém isto. E de que mais tens gostado ? Foste tão criança para Portugal, quo esta terra deve ser para ti um paiz novo.

— Desta terra, meu bemfeitor, gosto de tudo.

— De tudo ! E então porque ?

— Porque nasci aqui....

— Tens razão, meu filho ; e com razão disse o meu poeta querido :

« *Nescio qua natale solum dulcedine cunctos*

« *Detinet, immemores nec sinit esse sui.* »

— Não é só o amor patrio, ha tambem boas razões.

— Quando amamos um paiz por havermos nesse nascido, não somos obrigados a dar mais razão alguma : mas particularisando uma ou outra causa, qual é o objecto de que mais tens gostado ?

— Eu ?... Ah !....

— Então o que é isso ?! Suspiras, ouvindo uma pergunta tão simples ?

— Não, senhor.... eu não suspirei....

— Oh ! essa é boa ! Creio que te ouvi suspirar....

— Ah ! sim.... foi um—ah— ; mas não um suspiro....

— Então enganamo-nos.

— Enganamo-nos ?!

— Sim.

— Como, senhor ?!

— Suspiraste, supondo soltar um simples—ah— ; e eu ouvindo-te soltar um—ah— tomei por

um suspiro.... Vaines a outro assumpto. Já adquiriste alguma amizade ?

— Exceptuando as pessoas que vi em casa de minha madrinha, e estas que rodeão a Vossa Reverendissima, a mais ninguem conheço.

— E admiravel !

— Não, senhor : sou um tanto melancolico ; e por isso pouco accessivel.

— Todavia sehes, e te demoras tanto, que dirso-hia que tens muitos amigos.

— Onde mais me demoro é mesmo em casa de minha madrinha.

— Tambem não acho isso muito prudente.

— Que eu vá á casa de minha madrinha ?

— Não que lá vás , mas que vás tantas vezes.

— Não sabia que nisso praticava mal !

— Directamente não.

— Logo indirectamente sim ?

— Sim. Nas terras pequenas falla-se muito ; e quando um moço vai assiduamente a uma casa onde ha moças ou moça, logo se diz que casa com ella. Assim, bem vês que Rosa Branca pôde, sem o quereres, ficar por tua causa compromettida.....

— Mas, senhor, eu, advogando no fôro desta cidade, posso ganhar honestamente com que possa viver com decencia, tanto solteiro, como casado....

— Então o que queres dizer com isso ?

— Que se essa senhora quizesse ser minha esposa, e seu pai o consentisse, não levando Vossa Reverendissima a mal.... Mas....

— Mas o que ? Acaba.

— Não sei o nome de meus pais ! Ah ! talvez que eu não passe de um desprezivel bastardo !..... Paciencia.

Benedicto disse estas palavras como, chorando sobre a infesta Jerusalem, diria o propheta das lamentações: « *Attendite, et videte si est dolor sicut dolor meus !* » O mancebo disse, e cobrindo o rosto com um lenço, chorou, e chorou lagrimas do coração ; porque chorava por dous motivos igualmente sublimes, igualmente ternos, o igualmente dolorosos ! porque estes motivos erão sublimes como sua alma ! ternos como seu coração ! e dolorosos como suas idéas ! Chorava pois porque não conhecia seus pais ; chorava pois porque amava ! Erão pois santas as suas lagrimas !

Duas lagrimas escoáram-se tambem ao longo das murchas e enrugadas facas do respeitavel sacerdote ; e com voz alterada disse :

— E se conhecesses tens pais, ou se os pais de

Rosa Branca não se importassem com o teu nascimento , querias ser seu esposo ?

— Ah ! meu bemfeitor ! exclamou Benedicto em um tom repassado de dôr, cujos assentos revelavão mais que muito as angustias de sua alma neste momento solemne. Meu bemfeitor ! meu pai ! meu tudo ! para que formarmos hypotheses celestes, que não podem ter cabida em um coração inferno !

— Meu Deus ! meu Deus ! vós o ouvis !.... Mancebo, um coração inferno só pôde palpitar no peito dos mäos e dos fracos !....

— E tambem dos desgraçados, senhor....

— Meu filho, a desgraça só existe para aquelles que desesperão da Providencia ! Para aquelles que acreditão e esperão tudo da bondade, amor e misericordia de Deus, a desgraça não é mais que uma palavra vaga, a que nenhuma idéa corresponde ! Acreditas entretanto que o não teres conhecido, ou o não conheceres teus pais, é um obstaculo ao teu amor ou á tua união com Rosa Branca , porque estás por ella perdido de amor, se me não engano !....

— E com que titulo, senhor, poderia eu solicitar sua mão ? Que diria eu quando seu pai me perguntasse o nome de meu pai, de minha mäi, qual era a minha familia e a minha qualidade ?

— Dirias que teu pai é Deus, tua mäi a natureza, tua familia o genero humano, e tua qualidade a virtude !

— Oh ! se os homens todos pensassem assim....

— O mundo seria sem harmonia ; todos serião iguaes, e da monotonia tinha de resultar o tédio, a desunião, e por fim a desordem n'outra escala, fosse ella qual fosse.

— Que modo de pensar !...

— Que não merece as honras de uma these, por ser um axioma. Que dizes ?

— Respeito muito as suas opiniões ; mas permita-me que não siga esta.

— Tambem é muito cedo.

— Mas cedo o que ?

— O seguires esta minha opinião : dos quarenta annos por diante, sim, tu a seguirás ; porque dessa idade para cima é que começamos de procurar os fructos e a desprezar as flores. Por ora estás na idade dos bellos ideaes, em que tudo são encantadoras theorias. Vamos porém ao nosso negocio. Sô franco, so és meu amigo. Amas a Rosa Branca ?

— Sim, senhor ; amo-a, e muito.

— Bem sei : todos os moços sempre amão muito

— Mandou-me que fosse franco....

— Pedi-te, e fico-te obrigado pela franqueza. Sigamos. Se Rosa Branca e seu pai quizessem, serias seu marido?

— Se Vossa Reverendissima não levasse a mal....

— O que te embaraça porém de pedi-la a seu pai, porque creio que já lhe fizeste uma declaração em regra.....

— Não, senhor, não! Nunca troquei com ella a menor palavra a este respeito.

— Fizeste bem. O que te embaraça pois de pedi-la a seu pai é o ignorares os nomes de teus pais?

— Sim, senhor.

— Logo, se teus pais fossem pessoas dignas, não hesitavas em pedi-la em casamento?

— Não hesitava, não, senhor.

— E se fossem infames?

— Não a pediria, senhor; porque não queria ligar um nome puro a um nome de um filho infamado por seus pais.

— Mas se o teu nascimento não te tornasse indigno de Rosa Branca, e se houvesse um mysterio tal que te prohibisse de ser seu marido, ainda assim quererias saber quem forão teus pais?

— Um mysterio tal que me prohibisse de ser seu marido!

— Sim, suppõe que não sabendo tu as circumstancias do teu nascimento te casavas com Rosa Branca; mas que as sabendo, não podias, nem devias te casar com ella, embora ella e seu pai o qui-

zessem; ainda assim querias saber os nomes de teus pais, e os mysterios do teu nascimento?

— Então Vossa Reverendissima sabe todas estas cousas?

— Responde primeiro ao que te pergunto.

— Quero, senhor, querer saber os nomes de meus pais, e todas as circumstancias do meu nascimento.

— Ignorando tu os nomes de teus pais e a historia do teu nascimento, Rosa Branca pôde talvez ser tua....

— Nem della me lembra agora.

— Se sabes a historia do teu nascimento, e os nomes de teus pais, perdes Rosa Branca.

— Já a perdi, senhor.

— Pois já não a amas?

— Amo-a.

— E então?

— Como a uma irmã.

— Benedicto, Deus nos escuta! disse o padre apontando para o céo.

— Pois diante de Deus, amo-a como a uma irmã.

— Jura sobre esta Biblia de a ninguem revelares a historia do teu nascimento, que vás agora ouvir de minha boca! disse o padre mostrando-lhe o livro.

— Juro!!!

O mancebo disse com a mão estendida sobre o livro sagrado.





## CAPITULO V.

### O PAI E O FILHO SE ABRAÇARÃO

Um dos maiores tormentos de uma alma grande é o fingimento, porque o fingimento a desloca do seu verdadeiro e natural estado.

O narrador disse no antecedente capitulo que o padre sahiria logo depois de Baptista, e que se demoraria na rua duas horas. Com efeito, logo que o padre sahiu, foi direito á casa de Rosa, e ahi esteve com ella, e com ella teve uma longa conferencia; finda a qual, o padre voltou á sua cella, onde teve com Benedicto o dialogo que lhes ouvimos ha pouco, deixando o mancebo como Eneas deixára a rainha de Carthago e toda a companhia, depois destas palavras della :

*Imò age, et a prima dic, hospes, origine nobis  
Insidias..... casusque tuorum,  
Erroresque tuos..... etc.*

Isto é, o moço ficou para o sacerdote como os da ceia de Dido para Eneas: — *Intentique ore tenebant.*

Antes porém de sabermos o que o padre revelou a Benedicto, sigamos os passos de Baptista, e vejamos o que fez.

Baptista, tendo dado conveniente tempo a que o padre Chagas dispuzesse as cousas com Rosa, como elle havia concordado, dirigiu-se para sua casa; ahi teve uma breve conferencia com sua cunhada; e depois, chamando sua filha, disse-lhe :

— Minha filha, não fazia tenção de vir já da roça; mas a chegada de Benedicto apressou a minha vinda....

— Meu pai conhece-o? perguntou-lhe vivamente a filha.

— Se o conheço?! Ah!!!

Baptista deixou escapar-se de lá tão do fundo de seu coração um suspiro, que fez estremecer a virgem, apezar de um tanto abafado, como se tivesse sahido de um coração que, a seu pezar, o deixava sahir! Era um suspiro tão repassado de melancolia, tão ungido de dôr, que dir-se-hia que só este suspiro era o resumo de uma grande elegia toda sentimental, cujos versos escriptos em seu coração só erão repetidos por sua alma nos momentos sau-

dosos e melancolicos em que ella, voando ao theatro das recordações, deixa-se sympatheticamente embeber nas tristes ou alegres scenas do passado, reproduzindo-as todas com os mesmos caracteres, as mesmas cores e as mesmas notas com que então tiverão lugar ; pagando-se assim com estas dôres, de tão vivamente avivar suas penas, suas melancolias e saudades ! mas um suspiro assim, como o de Baptista, é sempre indefinivel entre a saudade de um bem e o remorso de um mal !

— Se o conheço ?! tornou a dizer o ancião.  
— Meu pai o estima, não ? perguntou a menina.  
— Estimo-o como a ti, minha filha.  
— Ele é tão amavel, e parece tão bom....  
— Deus o faça feliz, já que é tão bom.  
— Deus ha de fazê-lo feliz, e eu pedirei por elle a Deus.

— Sim, minha filha ; pede sempre por elle a Deus em tuas orações.

— Hei de pedir sempre, sempre, meu pai.  
— Agora quero pedir-te perdão de uma cousa....

— A mim, meu pai ?!  
— Sim, a ti, minha filha ; e tu has de perdoar-me, não é assim ?  
— E' impossivel, meu pai.  
— Impossivel o que ?  
— Que Vm. me tenha offendido.... e quando o tivesse, não tenho direito de queixar-me.  
— Tens, minha filha ; mas has de perdoar-me.  
— Está bom, meu pai ; seja o que fôr, esqueçamo-nos disso.

— Depois que souberes o que é, e que me perdoares ?

— Mas se eu em nada fui offendida....  
— Mas como has de julgar, minha filha, se ainda não sabes a que é ? Queres ouvir-me e perdoar-me ?

— Sim, senhor ; e prometto esquecer-me de tudo.

— Pois essa offensa é um segredo que tenho guardado para contigo.

— Um segredo para comigo ?  
— Sim.  
— Talvez quo eu não o devesse saber....  
— Com effeito, eras tão pequenina, que eu devia guarda-lo para contigo ; mas agora que estás quasi com os teus dezaseis annos.... Ha seguramente douz ou tres annos que eu t'o deveria dizer : ó verdadeiro que nunca se offereceu occasião tão propria como esta.

— E esse segredo me diz respeito, meu pai ?  
— A ti, e a todos os nossos parentes.  
— E dos nossos parentes quem o sabe ?  
— Todos.... e.... tua mäi tambem o sabia....  
— Então que segredo é, meu pai ?  
— E' que tu tens um irmão sem o saberes.  
— Um irmão !  
— Sim, um irmão.  
— E quem é, meu pai ?  
— Vê se adivinhas....  
— O Sr. Benedicto ?  
— Sim, minha filha, é elle mesmo....  
— Elle mesmo ? elle é meu irmão !!

Rosa Branca, ao pronunciar estas palavras, ficou primeiro como uma rosa que desabrocha ; depois foi insensivelmente descorando a tal ponto, que a não ser o negro de seus cabellos, de seus olhos e sobrancelhas, e o nacar de sua boca, se julgaria nella uma mimosa estatua de um marmore não demasiado claro, e um tanto pallido, em que a Grecia admiraria um milagre do cinzel de Praxiteles !

— E' meu irmão !....  
Assim tornou ella a murmurar, como que voltando a si desse primeiro sossobro em que sua alma se havia abysmado.  
— Sim, minha filha, é teu irmão.  
— E porque ?  
— Porque é meu filho.  
— E elle o sabe ?  
— Não ; mas vai sabê-lo hoje.  
— E porque era um tal segredo ?  
— Eu te digo. Quando este menino nasceu, taes erão as circumstancias, que eu não podia dar-me como seu pai. Dando-me com o padre Chagas, e sabendo o quanto era caridoso, pedi-lhe para manda-lo criar em uma casa de uma sua protegida, onde havia uma rapariga amamentando uma criança já crescida. Abri-me inteiramente com o padre, e obriguei-me a concorrer com todas as despezas, que serião feitas em nome delle ; assim, o menino nunca conheceu outro protector senão o padre. Tua tia foi sua madrinha, e o pai de Archanjo padrinho. Quando o pequeno estive crescido, o padre, que o amava muito, e lhe achava talento, quiz que fosse para Europa ; couvim nisso, e foi. Foi tambem muito depois de sua ida que me casei. Logo que se formou, quiz eu que ficasse na Europa. mas elle instava sempre com o padre para voltar ; o padre o queria, mas não ou ; e por fim o padre e elle vencebrão. Todavia, quando eu disse ao

padre que o mandasso vir, não era com animo do declarar-lhe que eu era seu pai....

— Oh meu pai ! que crueldade !

— Crueldade porque ?

— Porque ello tem muita pena de não conhecer seus pais !

— Pois bem, minha filha, hoje conhacerá seu pai. Chegando agora Benedicto ao Rio de Janeiro, e não existindo já os obstaculos que me obrigavão a calar á cerca do seu nascimento, exige o padre de mim quo eu me declare com Benedicto. O padre pôde tudo, e eu consenti com uma condição.

— E qual é, meu pai ?

— Que a minha filha não só o leve a bem, como que se não enfade comigo.

— Não, meu pai. Eu estou muito contente. Hei de querer muito ao meu irmão; e quando o paizinho vier, hei de dar-lhe um abraço bem apertado.

— Pois sim, minha filha, tudo isso te fica muito bem.

Ditas estas palavras, Baptista sahiu. Rosa Branca, em cujo semblante se traduzia uma doce tristeza, ou um prazer melancolico, tristeza doce, ou melancolico prazer, que em melhores tempos de mais fô religiosa, de mais esperança em Deus, e de mais caridade para com o proximo, tão suavemente se debuxava no rosto triste e alegre de uma mãi que perdia um filho poucos dias após de seu nascimento, porquo era alegre contando com um anjo junto de Deus, e triste porque tinha saudades ! Assim pois triste, e assim alegre, a virgem fei ter com sua tia, e contou-lhe o quanto entre ella e seu pai se havia passado. A grave matrona, já senhora de todas essas circumstancias, explicou ainda com mais particularidades á sua sobrinha a historia de Benedicto, e quanto lhe dizia respeito.

De tarde Benedicto veiu apresentar-se a seu pai o á sua irmã. O mancebo tinha as feições ligeiramente alteradas : dir-se-hia que seu espirito havia passado por algum tormento, de cujas dôres seu rosto se tinha resentido : seus olhos estavão um tanto inflamados, como se os signaes da dôr tivessem enxovalhado a esses bellos olhos ; mas se

estó mancebo, anjo na formosura, era bello mostrando um rosto liso, sereno e radiante de prazer, ora que uma dôr, que se escondia tão lá no fundo do seu coração, sombreava ligeiramente seu rosto, era realmente sublime. Se um amante philoscphio colhesse em traiçao a dama dos seus pensares, tornando-se algum tanto sombrio pelo ressentimento do trabido amor, e algum tanto placido pelo desengano da esclarecida razão, tendo misturado uma lagrima de dôr com um sorriso de despeito, seu rosto seria como o de Benedicto neste momento. Se Canova quizcesse que um magnifico mai-more, por elle cinzelado, transmitisse á posteridade as feições do anjo Orion, triste pela fraqueza de Pedro, e alegre pelo seu arrepentimento, como nos conta o poeta de Quedlinbourg, na sua divina Mis-siada, certo que o rosto alegre e triste do Seraphim, guardador do primeiro Apostolo, seria como o de Benedicto neste momento solemne !

O pai e o filho se abraçáão ; a amizade transluiu em seus rostos, cumpre confessar-lo ; a confiança brilhou em suas almas, força é dizê-lo ; correrão suas lagrimas, é bem verdade, e correrão confundidas ..... mas .... digamo-lo sem medo de errar, esta peripecia era um tanto desbotada das sublimes e variegadas côres da natureza ! era uma peripecia de theatro, em que apezar da habilidade de sabios actores, carece sempre do entusiasmo da natureza, das effusões do coração e da chamma brilhante do fogo sagrado do amor de pai e amor de filho !

Talvez que assim não fosse se Benedicto, ao sahir da Europa, soubesso que vinha no Rio de Janeiro encontrar seu pai e abraça-lo ; mas o mancebo nunca em sua vida tinha ouvido fallar de seus pais ; elle havia sempre se considerado bastardo, sem outro pai, sem outro amparo que o padre, e sem outros parentes que Renato, o pai de Archanjo, e Rosa, que o erão com effeito espiritualmente. A peripecia pois havia sido tão precipitada, que todo o prazer que devia produzir ficou como suffocado por esta precipitação ! A peripecia entre Benedicto e Rosa Branca foi mais pathetica, porque ao menos pareceu mais natural.





## CAPITULO VI.

### OH QUE PASSADO !

Uma hora de leviandades pôde produzir annos de desgraças! como uma hora de prudencia annos de felicidades ! A mór parte das vezes é desta hora que dependem todos os males ou todos os bens de uma vida inteira, embora dilatada seja ella.

O padre Chagas, com os olhos rasos de agua, e os braços cruzados, contemplou por algum tempo a Benedicto, que diante do sacerdote tinha sua alma suspensa, ou antes pendente daquelles lambos, que ião pela primeira vez revolver as mantilhas da sua infancia, allumiar a noite que entenebrecia seu berço, e explicar os mysterios que rodeavão seu nascimento; porque essas mantilhas, essa noite e esses mysterios, dogmas queridos de seu coração, mas incomprehensiveis para sua alma, ião agora mystificar-se em seu peito, como o mais digno altar do novo rito, que lhe ia revelar talvez o unico depositario delle, e ser o mytho desse seu novo culto por toda a sua vida !

O padre, tendo contemplado o mancebo, com voz grave, sentimental e dolorosa exclamou :

— *Infandum..... jubes renovare dolorem !*

« Em 1683, continuou o padre, sahirão de Lisboa para o Rio de Janeiro dous mancebos ; um era Mouro, que feito prisioneiro por Portuguezes, e trazido a Lisboa em tenra idade, ahi se fez christão, mudando o nome de Ismael, que antes tinha, para o de Renato. O outro, nascido em Lisboa de pais nobres, sendo filho segundo, deixou a casa paterna, e nella todos os bens que pertencião a seu irmão mais velho, e primogenito de seus pais, e veiu para o Brasil em busca de fortuna por meio do commercio. Renato havia sido educado pelos pais

deste moço portuguez ; e como ambos contavão os mesmos annos, vinte e dous, erão ligados desde os seus sete annos como dous irmãos gemeos. Ambos estes dous rapazes ficárão caixeiros em casa de um tio do Portuguez. Estes dous amigos dormião no mesmo quarto, comião á mesma mesa, vestião da mesma fórmia ; seus pensamentos erão communs, e um não pensava em uma cousa sem communica-la ao outro ; assim não havia segredos entre elles ; partilhavão as mesmas penas e prazeres ; emfim erão duas machinas viventes dirigidas e reguladas pela mesma força motriz ! David e Jonathas podião querer-se tanto ; mas.... não era possivel !

« Tres annos depois da chegada destes dous rapazes, Renato, que era bonito, de imaginação ardente, e de uma alma sensivel, como quasi sempre são os Africanos, involvendo-se em uma intriga amorosa (mas sem risco) foi pai. Um anno, pouco mais ou menos, ao depois disto, elle foi accusado de um furto, e recolhido á cadêa. O amigo não o desamparou nunca, visitava-o sempre, e o pobre Renato lhe recommendava sempre seu filho. Como não te quero agora contar a historia destes dous mancebos miudamente, o que seria longo, e o que talvez o faça em outra occasião mais opportuna , basta dizer-te que Renato esteve preso uns quatro mezes, no fim dos quaes desappareceu da prisão, e nunca mais no Rio de Janeiro se soube delle. Seu

amigo encarregou-se de seu filho. O infeliz amigo, bem que acreditasse que Renato era incapaz de um tal crime, contudo doeu-se tanto deste acontecimento, e sentiu por tal modo a ausencia do amigo, que chegou a adoecer de paixão! Melhorando, começou de buscar distracções ás suas penas em longos passeios pelos suburbios desta cidade; em um destes passeios acertou um dia de ver uma mulher, flor animada, ou anjo do céo posto na terra!

« Rosa, que assim se chamava esta mulher celeste, era formosa como um anjo de Deus, bella como a criação, e encantadora como a idéa do amor! um tanto alta, sua figura era nobre e esvelta! havia em seu todo uma como altiveza angelica. Rosa era em si um destes caracteres com que a prisca Grecia se ensoberbeceria se o possuisse! Ah! e como era virtuosa!.... »

Duas grossas lagrimas cortárao aqui o fio do discurso ao padre; um profundo suspiro pareceu deixar em seu peito um vacuo em que seu coração se expandindo pudesse palpitar mais desaffrontado. Como a cratera do Vesuvio, affrontada de matérias inflammeveis, fumega apenas, e trovejando depois em seu aceso bojo, arroja columnas de fumo, dispara pyramides de fogo, e bolça torrentes de lavas, alliviando dest'arte os horrores daquelle laboratorio de combustiveis, assim o padre pareceu mais alliviado depois destas lagrimas e deste suspiro! E' que talvez naquelle peito e naquelle coração longos padecimentos havião amontoado graves pêzares, que nunca as palavras, nunca as lagrimas, nunca os suspiros tinham ao menos um pouco minorado! Era talvez esta a vez primeira em que a tempestade do seu coração bramia fôra de seu peito, claustro acanhado, é verdade, mas onde a resignação e a paciencia evangelica havião hantado tempo enclausurado os seus desmesurados soffrimentos! E pois essa tempestade rebramia agora além do seu peito, convertendo os tufoes em suspiros, os trovões em palavras, e as chuvas em lagrimas!

A explosão passou, as feições do sacerdote tornárao-so mais placidas o atô mais bollas; seus olhos brilhárao com um fulgor desusado, o uma radiante serenidade espalhou seus celestes raios por sobre seu rosto mais tranquillo o mais doce! Como em um extasis, elle exclamou como o profeta rei no Psalmo LV:

« Deus! ritam meam annuntiari tibi: posuisti lacrymas meas in conspectu tuo! »

« Ora, continuou o homem de Deus, que o jovem portuguez amasse a Rosa, e a amasse até desadorar por ella.... era assás natural: e que fôra a belleza se não fôra amada? Ai do coração que não ama o bello, se tal coração em peito humano se pôde dar! ai! porque não vive! A vida do coração é o amor, a vida do amor a esperança, e a vida da esperança a fé! Coração que não tem amor, também não tem fé, não tem esperança! e o coração sem fé, o coração sem esperança, é morto no peito, como o cadaver no tumulo! Mas que Rosa o amasse.... parece-me tão desarrazgado..... tambem eu o sou agora: e qual é a razão do amor, se o amor não é mais que uma bella loucura? Nem o amor seria talvez tão bello se não fosse um louco capricho, tão rodeado de feiticeiros encantos! Emfim, osdous jovens se comprehendêrão, se declaráro, e reciprocamente juráro um immutavel amor, amor que seria eterno, se as almas levão ao céo as doces, as puras, as santas affeições desta misera terra!

« Rosa tinha virtudes, e seu amante honra: a moça julgou-se eternamente ligada ao seu amado, e elle da mesma sorte para com sua amada. Rosa, na idade de dezoito annos, não tinha parentes proximos senão um irmão, que era seu tutor; este irmão, que a amava desveladamente, era homem de inteira probidade. Os dous amantes vião-se sempre. Faustino, assim se chamava o irmão de Rosa, e sua irmã, não erão ricos, mas possuião dous escravos e uma chacara junto á cidade, e onde moravão: estes bens lhes davão com que passar modestamente. Bem depressa deu Faustino fé do amor de sua irmã; mas este mancebo, tal confiança tinha nas virtudes da sua irmã, e na honra de seu amante, que nenhum receio teve deste amor! l'obre Faustino! elle ignorava que tudo se pôde confiar de um amante; mas a mulher que elle ama..... não sei. Um amante poderá guardar a mulher, a mais bella do mundo: a Rachel da Biblia, a Helena dos Gregos, a Lucrecia dos Romanos; elle poderia guardar sem custo, contanto que não amasse a essa mulher, tipo da belleza; mas amando-a, guarda-la fiel... Grande Deus! o universo é um de teus milagres! e este milagre é povoado de milhões e milhões de milagres! Tu podes tudo, grande Deus!

« Faustino tinha a imprudencia de, todas as noites, logo depois das onze horas, sahir, e não voltar para sua casa senão pela manhã. Uma noite elle, sua irmã e seu querido achárao-se em um divertimento, dondo não voltárao senão á meia noite. Como suporás, o moço portuguez acompanhou os

dous até á porta delles: ahi Faustino despediu-se, deixou os dous, e foi para onde costumava a ir todas as noites. Os dous jovens ficarão sós; não era esta a primeira vez que isto acontecia. O moço pediu agua e entrou; e como tinha liberdade na casa, passou aos fundos, e foi até á chacara a colher um ramo de flôres de laranjeiras. Rosa seguiu-o machinalmente. Os dous assentáram-se ao lado um do outro sobre um banco; ahi começáram a conversar, e bem depressa a conversação recahiu sobre os seus amores. Em torno delles tudo era seductor como o aroma das flôres; tudo enamorado como o suspiro da brisa da noite; tudo poetico como a luz feiticeira da melancolica lua! Corria o mez de setembro do anno de 1689: os dias erão quasi iguaes ás noites; o calor de janeiro, suavemente temperado com o frio de junho, davão em resultado dessa combinação uma agradavel e salutar temperatura. O ar estava sereno e transparente, o céo claro e brilhante, e a terra parecia solememente repousar no meio de uma orbita tranquilla, e debaixo de um céo radianto. A lua cheia, fluctuando magestosa no meio das ondas desse encantador oceano de magica luz, que ella mesma espalha em torno de si, derramava essa amorosa melancolia que ella soe derramar nos corações apaixonados! Uma leve aragem, que apenas se deixava sentir, peneirando-se nos mais altos ramos das mais corpulentas arvores, dali, languida e desfalecida, cahia sobre os arbustos, onde suspirosa morria! Era no meio deste amoroso espectaculo que se achavão os dous amantes, involtos em uma atmosphera embalsamada do perfume de viçosas flôres, e principalmente das flôres das laranjeiras, que incensavão o ambiente dos dous amantes, com esse odor tão singular, que entorna no coração, ainda o mais livre, uma voluptuosa melancolia!

« No meio pois deste espectaculo tão bello, de uma natureza tão animada, de palavra em palavra, de exaltação em exaltação, o amante tomou a mão de sua amada, e no excesso de uma amorosa e delirante hallucinação um osculo murmurou sobre uma mão tremula, que duas mãos ainda mais tremulas apertavão com ternura, com delirio e com fogo! Este osculo, de ardente que era, abrasou da virgem o coração palpitante.... Um silencio inqualificavel abafou a todo este logar, porque o sonno colheu os dous jovens. Veiu a aurora, e elles se acordáram; e a vergonha os puniu de se haverem deixado surprender pelo sonno, e dormindo tão mal! E, pois, a uma noite de sonhos e delírios se-

guiu-se um dia de vergonha e remorsos! Oh! que passado!!

« Tres mezes depois, na matriz de S. José, á noite, e a portas fechadas, Rosa ligava-se a seu amante em legitimos laços! Faustino é um seu amigo, testemunhas do acto, e o sacerdote que os recebeu, forão os unicos que, além dos noivos, souberão que a virginal grinalda tinha naquella noite pela ultima vez brilhado sobre a encantadora fronte de Rosa, para ser naquella mesma noite desfolhada no thalamo do hymeneu! Tinha então o mancebo os seus vinte e oito annos, e ella dezanove, pouco mais ou menos.

« Era um consorcio sem o consentimento paterno; era um casamento clandestino; era um erro que lesava a autoridade paternal... mas estava commettido, e nada mais restava que pedir perdão delle. O moço noivo julgou pouco escrever a seus pais; quiz ir chorar a seus pés impondo o seu perdão! Este perdão era difícil. Seu pai, nobre, educado em principios que lhe ensinavão a detestar uma união desigual, e rigido nestes principios, como poderia perdoar a seu filho o se haver ligado com uma mulher da plebe e pobre?! Mas as lagrimas de um filho podem demasiado no coração de um pai! e o filho, confiado nisto, formou tenção de partir; era porém preciso obter licença de seu tio e amo.

« Pendia por este tempo certa liquidação de contas commerciaes entre a casa do tio e outra de Lisboa, e o rapaz aproveitou-se desta occasião para propor ao tio a sua ida, assim de tratar em Lisboa dos seus negocios. O tio, apezar de ser homem de genio risrido e irascivel, era todavia dotado de uma alma grande e generosa, de um coração terno e caridoso, e de sentimentos elevados, e animo compassivo; além disto, era homem honrado: enfim, este homem um tanto singular detestava uma mentira, como um grande mal, e odiava uma infâmia, como um grande crime! O tio pois não viu no desejo do sobrinho, em ir a Lisboa, senão uma vontadezinha de moço de ir dar um passeio á sua terra, e matar saudades da familia; não obstante, consentiu na ida do rapaz. Com effeito partiu. Em Lisboa o seu primeiro cuidado foi o negocio de seu tio, que em poucos dias se achou concluido, e foi só depois delle prompto que voltou-se para o seu negocio. Assim dirigiu-se a sua mãe, que não ouviu a historia do seu casamento sem grande afflictão; não porque ella tivesse a mesma rigideza de principios sobre a nobreza que tinha seu marido, mas porque com bem justos motivos temia a colera

delle sobre este filho, e filio tão querido de seu coração de māi !

« Comprehendes logo que foi facil ao filho o alcançar o perdão da māi ! uma māi perdôa todos os crimes de um filho ! os crimes de um filho, por atrozes que sejão, não são para uma māi mais que desvarios de sua idade ; porque uma māi é a Providencia que o protege, o anjo que o guarda, e a preceptorá que o guia ! Porque esta providencia, este anjo, esta preceptorá, tem um coração, que é sempre a victima das desordens de seu filho ! porque sobre este coração cahem suas lagrimas, neste coração repercutem seus gemidos, este coração se despedaça emfim quando o māo filho caher esmagado debaixo de suas desordens ! Assim desprezar, sem uma consolação, as lagrimas de uma māi, por muito criminoso que seja seu filho, pelo qual ella chora, é desadorar a divindade, profanar um culto imposto pela natureza, e insultar o que de mais bello tem a humanidade em seus respeitos.

« A māi pois não só perdôou, como até se incumbiu de alcançar de seu pāi o perdão.... Mas, o rígido pāi foi inexoravel ; elle não podia se acomodar com a idéa que lhe representava seu filho casado com uma mulher de uma familia obscura ! O mundo chama a isto prejuizos ; não são, meu filho ; cada epoca tem suas virtudes e seus vicios, como cada arvore tem seus fructos, cada paiz seu clima, e cada homem seu genio. E esta peculiaridade (deixa passar este neologismo) é esta peculiaridade dos tempos, que, sendo a sua feição, constitue a philosophy da historia.

« Fazer prender sou filho, remettê-lo para a India, onde o velho contava que elle se esqueceria da esposa, foi a idéa que lhe vislumbrou na mente ; e, ou elle a deixou escapar no excesso de sua raiva, ou sua mulher com coração do māi a penetrou : como fosse, ella avisou a seu filho que so salvasse incontinente. Com effeito, abençoado por sua māi, abraçado por ella, e rogado de suas lagrimas, o moço embarcou om Lisboa para o Brasil, trazendo de sua māi cartas para seu irmão, o tio dello, pondo-lho não só que pordoasse ao sobrinho, como quo velasso por elle e pela esposa ! Mas Deus não deixa impuno uma desobediençia de um filho : ello havia pesado om sua imparcial balança os amores do filio o os pozares do pāi, o estes tiverão mais e mais valiosos quilatos. A concha dos pezares, bem que tivesse muito monos pozares do que a outra amores, todavia descou ató ás profundidades dos

castigos do Senhor, enquanto a outra subia até as alturas de sua justica !

« Cinco mezes depois de sua sahida para Lisboa, e seis depois do seu casamento, o moço saltou na praia de D. Manoel, e subiu para a rua da Misericordia. Quando ahí desembocou, caminhando para aquella igreja por essa mesma rua, marchava vagarosamente um enterramento. Seu coração tremeu ! O prestito funebre encheu de pavor a sua alma !

« A religião do coração, meu filio, tem suas superstições, porque seus mythos são os medos e os temores que nos incutem na infancia ; mas bem que estes mythos sejão filhos naturaes das mentiras, das lendas e dos contos que nos contão em nossa infancia, comtudo esta religião tem tambem suas verdades !

« O mancebo, levado por uma força que não conhecia, mas que não amaldiçoava, acompanhou o lugubre cortejo ; chegou, e sobre o altar mortuário, os que o carregavão depozerão o esquife e o abrīrão. Os do acompanhamento parecião nā ter dado fé do mancebo, que mal podia conter um tremor desusado, e disfarçar um susto incomprehensivel ! No meio desse tremor, no meio desse susto, arrastrado por uma curiosidade indiscreta, imperante e invencivel, o infeliz se approxima da cęa, e apenas lança os olhos para o cadaver, balbuci um grito indecisiravel, inintelligivel, e rudemente caher como um corpo morto !

« Todos em sua vida teem um grande dia ! e este dia moral é composto, metade de prazeres, metade de dōres, como o dia natural o é, metade de luzes e metade de sombras. O dia pois deste desgraçado mancebo não estava completo ; havia-se passado a metade, que pertencia aos prazeres, e faltava a metade, que pertencia ás dores ; e por uma justa compensação que establece as leis da harmonia tanto em a natureza, como em a humānidade, a noite de seu grande dia fôra de prazeres, como o dia delle o era agora de dōres ! Estava pois completo o seu grande dia moral, e completo de uma memoravel noite de prazeres e de um perdu-ravel dia de dōres !

« Ai ! preciso chorar, meu filio..... preciso chorar !!! »

Com effeito, desde o começo desta triste narração o sacerdote tiulha os olhos rasos d'agua, que ora ora mais abundante, ora mais escassa ; mas neste logar seus olhos desfechárão um deluvio de lagrimas, e seus dolorosos soluços cortárão o fio ao

seu discurso. Então, descansando os cotovellos sobre a mesa que tinha em frente, encostou a cabeça sobre a mão, e assim ficando por algum tempo, deixou seu coração dar curso ás suas lagrimas. Benedicto, de cujos olhos, talvez por sympathia, se escoavão tambem duas lagrimas, silencioso, passando e immovil, em pé, e com os braços cruzados diante do venerando velho, contemplava, com uma especie do culto, esta respeitavel imagem do sofrimento e da dôr, segundo se deprehendia de suas lagrimas e soluções; bem que elle não soubesse o motivo desse sofrimento, dessas lagrimas e desses soluções.... mas.... quem chora e soluça sofre!

Depois de uns cinco minutos de uma dolorosa e sombria pausa, o homem de Deus atou assim o fio interrumpo de sua historia :

« Escuso dizer-te, meu filho, que esse corpo que elle havia visto, e ao qual seia dar sepultura, era o corpo da que tinha sido sua mulher! Quando o misero volveu a si achou-se deitado em casa de seu tio, assistido por elle e por sua mulher! Durante tres dias sua vida esteve em risco, e durante quinze a sua razão. No sim de tres semanas, quando já o estado de sua saude não inspirava receios, seu tio entrou no seu quarto, acompanhado de duras pretas, trazendo cada uma uma criança ao collo; e dirigindo-se ao sobrinho, disse-lhe: — E' preciso, meu filho, que te resignes com a vontade de Deus; nem outra cousa diz tambem em uma alma christã! Tua mulher (sei de tudo) morreu, pondo no mundo estas duas innocentes; estão em minha casa, e aqui serão criadas como minhas filhas: não obstante, convém que vivas para ellias: já que tiverão a desventura de não conhecerem sua māi, ao menos conhecão seu pai. Nós não podemos remediar o passado; se nelle obraste bem ou mal, a Deus o pertence, elle te julgará: é preciso porém ser prudente para o futuro!

« O nobre, o sensivel ancião, tendo assim fallado, retirou-se. O desgraçado pai tomou suas filhas em seus braços, e as cobriu de beijos e de lagrimas; e dali por diante se resignou a supportar a vida, que desde a morte de sua mulher se lhe havia tornado aborrecida, e até detestavel!

« Algun tempo depois as duas meninas forão baptisadas, recebendo uma o nome de sua avó paterna, que era Branca, e a outra o nome de sua māi, que era Rosa, como já sabes. O mesmo tio e sua māi forão padrinhos; o, querendo levar mais longe as bondades de seus caridosos corações, sendo já

adiantados em annos, e não tendo filhos, adoptáraõ as duas infelizes!

« O desgraçado pai, a quem nada já pegava no mundo senão as duas filhas, vendo-as assim amparadas, resolveu deixar o mundo, e acabar seus dias, recolhido e ignorado em algum convento; e como tinha todos os preparatorios, não custaria muito a ordenar-se. A ordem franciscana foi a de sua escolha. Apenas formou o seu plano, comunicou-o a seu tio, que o approvou, mas aconselhou-o que entrasse para outra ordem, e não a de S. Francisco de Assis. O sobrinho seguiu o parecer do tio, e quatro annos depois estava ordenado: isto foi em 1694, tendo de idade trinta e tres annos, pouco mais ou menos. Um anno depois, em 1695, partiu para os sertões do Brasil, empregado na catechese dos indigenas, onde esteve até o anno de 1697. Em 1698 partiu para a India. De volta desse logar, em 1706, encontra Renato, que tendo renegado o christianismo, embarcado em um chaveco, persegua e escravisa os christãos. Ficão juntos por algum tempo, e um naufragio os separa, ou antes a escravidão do padre. Durante este captiveiro, fez elle voto de ir á terra santa, se fosse resgatado em pouco tempo, se achasse no Rio de Janeiro suas filhas vivas e com saude, e se Renato voltasse de novo ao gremio da igreja catholica. E' resgatado em Argel. Dahi vem o padre para o Rio de Janeiro, onde chegou em 1713: tinha então de idade os seus cincuenta e douos annos, e suas filhas vinte e tres.

« Tinha ha pouco tempo morrido seu tio, o pai adoptivo das duas meninas Branca e Rosa; as quaes, em consequencia desta morte, ficarão com uma soffrivel fortuna. Logo que o padre chegou ao Rio de Janeiro foi ver suas filhas; Rosa appareceu a seu pai, mas Branca não. Querendo elle saber a razão disto, a tia, a velha māi adoptiva, o tomou á parte e lhe fallou assim: — Meu filho, Branca estava pedida em casamento e contratada; só esperavamos por vós para que este casamento se effetuasse..... Sendo certo que se vós vos demorasseis ainda seis mezes, eu concluiria este negocio, pois que o moço tinha boas qualidades, e por isso eu estava segura que vós não o desaprovarieis. O noivo de Branca porém, não obstante as suas boas qualidades, commetteu o peccado que o pai de Branca commettera, e Branca teve a fraqueza de sua māi, não sabendo resistir..... Dias depois deste máo passo o noivo adoeceu, e foi tratar-se em uma roça; ao cabo de algum tempo morreu, deixando desolada

a infeliz Branca, que algum tempo depois devia ser māi..... Logo que soube esta noticia, Branca, lavada em lagrimas, confiou-me este fatal segredo. Na historia da filha nāo vi senāo uma reprodução da historia dos pais! Que houverá de fazer? Chorei com ella, tratei de encobrir sua falta, e perdōei-lhe. Se fiz mal, padre, perdoai-me. — O acontecimento de Branca nāo é só a reprodução da historia de seus pais, respondeu o padre, é o justo castigo da falta de seu pai!

« E dizendo isto, quiz versua filha. Branca custou a aparecer. Seu pai, tomndo-a em seus braços, e enxugando-lhe as lagrimas, disse-lhe: — Minha filha, eu te perdôo, com a condição de que serás virtuosa de hoje em diante. E' melhor peccar uma vez que muitas; é melhor uma vida emendada que desregrada.

« Dahi a pouco tempo, com o maior segredo possivel, Branca poz no mundo um menino: tudo o mais ficou em seu antigo estado. Foi logo depois deste acontecimento que o padre partiu para Jerusalém a cumprir seu voto, donde nāo voltou senāo tres annos depois, em 1716, devendo achar

o pequono seu neto com tres annos. Oito annos depois, em 1724, tendo o menino onze annos, foi mandado para Europa. Parece-me que nāo preciso dizer-te que este menino, chamado Benedicto, és tu?

« Nesse mesmo anno (tinha tua māi e tua tia trinta e quatro annos, e o padre os seus sessenta e tres) tua māi foi pedida em casamento por João Baptista, hoje teu padrasto. O padre, pedindo a Baptista um juramento sobre um segredo que lhe queria revelar, e dado este, contou fielmente a Baptista a historia de sua filha sobre o nascimento de Benedicto, nāo querendo dest'arte que Baptista fosse ēnganado. O generoso mancebo quiz, apesar disto, recebê-la por sua mulher, o que foi feito. Um anno depois do casamento de tua māi é que nasceu tua irmā Rosa Branca. Eis a historia do teu nascimento. »

— E meu avô, esse homem tão virtuoso, ainda é vivo? perguntou Benedicto.

— Esse homem, meu filho, esse homem, que tanto amou, e que tanto tem soffrido, está diante de ti!!!



## CAPITULO VII.

### AMA-LA-HEI MAIS.

O respeito pelo pudor dos vivos, e pelas cinzas dos mortos, é um dos caracteres dos corações bem formados. Transpor os limites deste respeito, sem uma necessidade, que imperiosamente o exija, é sempre um mal !

O leitor, seguindo a têa dos acontecimentos desde o principio desta historia, até o ponto em que nos achamos, poderia por sem duvida ter previsto, ou suspeitado por alguns incidentes da ultima narração que o padre acaba de fazer, principalmente quando ouviu que o moço portuguez, deixando o mundo, abraçára a vida sacerdotal, que este moço era o mesmo que contava a historia ; mas Benedicto, collocado em outro terreno bem diferente do terreno em que se acha o leitor, jámas poderia esperar por tão extraordinario desfecho ! Peior o esperava elle, é verdade.

As ultimas palavras do padre, antes de começar a sua narrativa, deverião ter feito o mancebo suspeitar que grandes infamias de seus pais, ou dos pais de Rosa Branca, ou que grandes inimizades entre suas familias erguião uma invencivel barreira entre elle e a donzella. O leitor poderá melhor ajuizar que o narrador descrever a admiração, a surpreza e o pasmo do rapaz, ouvindo dizer

que era irmão daquella que elle já amava, e neto de um sacerdote a quem só olhára como para seu bemfeitor !

Agora o leitor sabe a razão do grão de intimidade do padre em casa de Rosa e de Baptista, e o porque nada se fazia nestas duas casas sem sua participação e consentimento.

Benedicto, ouvindo as ultimas palavras do padre, atirou-se-lhe ao pescoço, exclamando :

— Meu bemfeitor ! meu avô ! meu pai ! meu verdadeiro pai !...

— Não ; teu bemfeitor não, meu filho ! Tudo quanto tenho feito por ti era do meu dever. Ainda que teus pais fossem muito criminosos, tu nenhuma culpa tinhas por causa de seus crimes : e pois devia fazer o quanto fiz por ti ; portanto, teu bemfeitor não ; teu avô sim, e teu pai no amor e nos cuidados.

— Graças, meu pai ! O céo lhe recompense tantas virtudes !

— Pelas tuas já estou recompensado, meu filho !

— Ah senhor ! e como Baptista é nobre e virtuoso !

— Ainda não sabes tudo ! Ainda não conheces senão parte das preclaras virtudes deste magnifico coração ! Ouve pois : Era de minha intenção que ignorasses sempre a historia do teu nascimento; não por ti, mas por causa de tua irmã, cujo pudor convinha respeitar. Contra a minha expectação e a de Rosa, tua tia, chegando tu a esta cidade foste ter á sua casa, onde viste Rosa Branca, a qual eu desejava ver casada antes da tua vinda. Ou fosse ilusão do temor, ou fosse verdade, Rosa supoz que vias Rosa Branca com prazer, e ella a ti ; este prazer podia bem depressa passar a amor ; e atalha-lo, enquanto era novo, era prudencia, era dever e até justiça : mas de que maneira ? Separar-vos? como, e com que pretexto ? Inventar uma historia qualquer que fosse contra esse amor, afeiá-lo, denegri-lo e torna-lo horroroso ? Seria talvez preciso calumniar os vossos maiores, singir serem o que não forão ; e em todo o caso seria necessário ir mais longe do que o preciso : e demais, o meio não era efficaz, e por ello devíamos receiar que esse amor nascente, entre o embaraço que lhe punhamos, crescesse, vigorasse, e subisse até o extremo, como quasisempre acontece ! O meio pois mais seguro era mudar esse amor, de voluptuoso que era, em um amor puro e casto ; e como ? Declaramo a Rosa Branca uma parte da verdade, isto é, quo tu és seu irmão. A ti podia eu declarar tudo, pois que este segredo te pertence tanto como a mim ; mas não o podia fazer, nem o devia, sem offendere a delicadeza de Baptista. Ora, digo uma parte da vordade a Rosa Branca, porque cumpria fazê-lo, sem comprometter sua mãe, cuja fraqueza o pudor exigia quo ella ignorasse ; eis o porque se lhe disse, ou lhe dirá seu pai, quo tu és seu irmão, por seres seu filho. Nestas circumstancias mandei chamar Baptista, communi-quei-lhe a tua vinda, e os meus receios a teu respeito e de Rosa Branca. O generoso Baptista conviu em passar por teu pai aos olhos do mundo e de sua filha ; mas quiz que tu soubesses a verdadeira historia do teu nascimento, segredo este do qual só ollo pôdo dispor. Agora estão desfeitas as trevas que rodeavão teu berço, e conheces a historia do teu nascimento !

— Mil graças, meu bom avô..... mil graças !

— E agora quo sabes quo Rosa Branca é tua irmã, deixarás do amá-la, meu filho ?

— Ama-la-hei mais, meu pai ! Ama-la-hei sempre, e com um amor de anjo ! Terei para ella um culto, que será o culto de toda a minha vida ! Terei por ella uma dedicação, que será a dedicação de todos os meus dias ! Velarei por ella como um anjo pela alma que guarda !

— E agora que sabes a história do teu nascimento, ainda te queixarás contra tua mãe, e amaldiçoarás a sua memoria ?

— Não, meu pai ; nunca a amaldiçoei ! E de hoje para todo o sempre seu nome e sua memória serão a religião de minha alma, o rito de meu amor filial, e o talisman do meu coração, que me preservará dos vícios !

— Oh meu filho ! as bençãos do céo desção sobre a tua cabeça !

— Oh minha mãe ! de lá de junto do throno de Deus vêde as minhas lagrimas ! Recebei o culto de filho que meu coração vos tributa ! Velai por vossos filhos, e orai por elles.

— Tu já sabes, meu filho, que o segredo desta historia te pertence tanto como a mim. Quanto a Baptista, elle é digno de ser teu pai, e legalmente o é !... cumpre que assim o trates ; e fique em nossos corações sepultada a historia que acabas de ouvir ! Respeitemos o véo mysterioso que encobre a vergonha dos vivos ! respeitemos o marmore frio que occulta os erros dos mortos !

— Sim, meu pai ! acatemos o candido pudor de uma inocente virgem ! e esqueçamos a triste falta de uma inexperta donzella !

Foi depois desta conversação entre o avô e o neto que este apresentou-se em casa de Baptista, como em casa de seu pai, o que já o leitor sabe.

Rosa Branca nenhuma duvida teve em acreditar neste parentesco, e acolher Benedicto como seu irmão, e irmão muito querido. Todavia este repentina parentesco podia ser uma argucia para desviar o coração da menina do caminho a que se havia inclinado ; mas Rosa Branca era tão criança, e ainda tão inocente, que não podia ter tal malicia ; e depois com que fim desvia-la desse amor de Benedicto, sendo elle tão bom, tão virtuoso, tão querido de todos os sens, e de mais a mais um doutor, o quo tão raro era naquelle tempo, em que para se obter esse grão era preciso ir tão longe, e gastar não pouco dinheiro, o que fazia com quo se olhasse para um doutor como para um homem extraordinario ! acrecentando que nenhum empenho havia de a casarem com outrem ?

Se no coração de Rosa Branca alguma duvida se

levantasse, o que o narrador não afiança, ella pensaria talvez assim, e reflexionaria que se não fossem irmãos não os deixarião sós e na mesma casa. Quanto a Benedicto, elle soube ser realmente irmão de Rosa Branca.

A filiação de Benedicto bem depressa divulgou-se entre os amigos e conhecidos da casa. Archanjo e o Sr. de Pina em breve traváram com elle relações de uma intima amizade. Benedicto ficou dali por diante morando em casa de Baptista ; e este com tal

carinho o tratava, que Rosa Branca ás vezes tinha os seus ciumes, e ás vezes chegava até a arrufar-se com o seu querido irmão, porque, dizia ella, seu pai o amava mais que a ella !

Poucos dias depois do que acabamos de referir, Baptista, sua familia, em cujo numero tambem entrava Benedicto, o padre Chagas, Anchano e o Sr. de Pina, partirão para a fazenda do primeiro, onde d'ahi a poucos dias devia ter logar o seu casamento com a bella Narcisa.





## CAPITULO VIII.

### FILIPPE CONTAVA A SUA HISTORIA SEMPRE PELO MESMO TEOR.

Os annos e as dolorosas experiencias formão a verdadeira sabedoria, mas só nas pessoas de bom caracter e moralmente educadas.

Era uma tarde. Nuvens tempestuosas tinhão coberto os céos. O trovão se annunciava ao longe, o vento bramia nos ares : dir-se-hia que a natureza ia desenvolver a borrasca : não obstante, uma luzida comitiva de guapos cavalleiros parou á porta da capella de S. Ignacio de Loyola, em Campos-Novos, e pouco depois um sacerdote, amigo do padre Chagas, recebia em matrimonio um ancião e uma linda moça. O leitor adivinha que o ancião é Baptista, e a moça Narcisa. O padre Chagas, por algum tanto incommodado, não pôde ir á igreja. Em quanto a ceremonia tinha logar na dita capella, pouco distante da casa de Baptista, um desconhecido chegou a ella, e pediu pousada, por causa da chuva que já cahia: era quasi noite. O padre, com evangelico zelo, deu gazalhado ao forasteiro, cujos cabellos, brancos como a neve, erão cobertos por uma coifa negra; suas brancas e longas barbas estavão bastante crescidas, e um antolho

de seda preta cobria-lhe inteiramente um olho e grande parte da face. Este velho vinha vestido de um grande roupão, que de comprido chegava-lhe aos tornozellos. O exquisito personagem assentou-se na sala, sem se desembaraçar de seu pesado roupão, tendo junto de si o seu chapéo e chicote de montar. O padre fez-lhe algumas perguntas, ás quaes só respondeu por monosyllabos, e com tal reserva, que o padre calou-se. O hospede ficou assentado a um canto da sala, quasi sem dar signaes de vida: e por querer continuar a viagem, dizia elle, não consentiu que se desarreassem seus animaes, que douz pagens que trazia tinhão pelas reneas. Assim conservou-se prompto para proseguir seu caminho logo que o tempo o permittisse.

Finda a ceremonia, os noivos, acompanhados de Filipe, pai de Narcisa, sua mulher, Rosa, Rosa Branca, Renato, Archanjo, Benedicto, o Sr. de Pina, e mais alguns convidados, voltáron para casa

de Baptista. Ahi os esperava uma magnifica mesa de doce, que, depois de devorada pelos convidados, foi abandonada, tomado estes diferentes destinos. O padre Chagas, tendo apresentado o hospede a Baptista, um pouco amofinado por suas dores rheumaticas, recolheu-se para o seu quarto, e metteu-se na sua cama, isto logo que chegáro os noivos; de modo que quando os convidados tomáro conta da sala e da mesa, já o padre estava no seu quarto, não sendo antes visto pela mór parte dos convivas; o mesmo Filipe, pai de Narcisa, não viu o padre desta vez, e nem o conhecia pessoalmente.

O leitor sabe que este personagem, sempre que acha occasião, falla de ceusas do Oriente, para falar de suas grandezas passadas. Ora, o pai de uma noiva é com efeito um personagem algum tanto importante, e a quem os convidados das bodas devem alguma consideração e respeito: entre elles alguem perguntou a Filipe se havia estado no Oriente, em que parte e quando. Era o que o nosso homem queria: elle respondeu a estas questões picando de tal modo a curiosidade dos assistentes, a ponto que houve quem lhe pedisse a narração de sua historia. Filipe não se fez rogado, e dispôz-se a satisfazer este desejo. Segundo os costumes daquelle tempo, as senhoras estavão em outra sala, e por conseguinte Narcisa e sua māi. Baptista, por qualquer motivo, tambem ahi não estava. Epois entre os que se collocáro em torno de Filipe para o ouvirem, conhecemos Archanjo, seu pai, Benedicto, D. Geraldo de Pina, e o velho incognito recentemente chegado: os demais ouvintes nos são desconhecidos; entre elles está tambem um jesuita, homem de meia idade, que foi o que ha pouco recebeu Baptista e Narcisa.

Filipe, segundo o seu costume, começou a sua historia pela historia do Japão: como o leitor o ouviu pela primeira vez, contando a sua historia a Justino e a Pedro, assim os convidados de Baptista o ouvião desta vez. A' força de a repetir, ou de a estudar, Filipe contava a sua historia sempre pelo mesmo teor, sempre com os mesmos episódios, sempre pelas mesmas palavras, e o final era sempre o mesmo, isto é, negando ou blasphemando a Divindade. Durante esta longa narração, Baptista, que já sabia qual era a mania do seu sogro, veiu uma vez á sala, e vendo e ouvindo que elle contava a sua historia, disfarçou, e escondeu-se para dentro. O quarto em que se achava o padre Chagas era tão junto á sala em quo Filipe contava a sua historia, que dali suas palavras orão to-

das ouvidas; e, ou fosse que a historia lhe interessasse, ou que as blasphemias do narrador o attrahissem, o certo é que o padre veiu se arrastrando para a sala, e junto á porta que a communica com seu quarto, onde não podia ser visto da sala, mandando collocar uma cadeira, assentou-se, e prestou attento ouvido á historia de Filipe. Uma vez por outra o velho desconhecido levantava os hombros e contrahia os labios. Na parte em que esta historia honrava pouco os jesuitas do Japão, o jesuita que estava junto de Filipe sorriu-se desdenhosamente. A algumas das blasphemias do velho, o jesuita só dizia: « Deus se compadeça de Vm., Sr. Filipe! » O velho erguia sempre os hombros, movimento que acompanhava sempre de alguns ligeiros esgares.

Filipe terminou a sua histeria com a mesmísima peroração, isto é, blasphemando, ou negando a Divindade, ou a sua Providencia.

Apenas chegou Filipe ao fim da sua narrativa, o velho forasteiro, que o ouvia, e que lhe tinha dado demasiada attenção, disse-lhe:

— Toda essa historia, Sr. Filipe, está um tanto alterada.

- Então em que? perguntou Filipe.
- Nos principaes factos.
- Não, senhor; contei a pura verdade.
- Qual?
- Essa é boa!
- Affirmo-lhe que a sua historia está muito alterada.
- Affirmo-lhe que não.
- Affirmo-lhe que sim.
- Pois o senhor pôde saber de minha vida tanto como eu?
- Quem sabe....
- Então quem é Vm.?
- Eu sou aquella que Vm. nega.
- Isso é incomprehensivel! Vm. é uma pessoa extraordinaria! disse Filipe no meio de uma estrondosa risada.
- Pois julga isso?
- Sinceramente.
- E a historia de seu pai e avô, Vm. as sabe, como nos acabou de contar?
- Tal e qual.
- Então ó que a historia que eu sei pertence a outros personagens.
- Isso pôde ser....
- Mas pareco-se em certos pontos.
- Não o duvido.

— Em todo o caso, creio que Vm. omittiu muitos episódios de sua historia.

— Não, senhor....

— Lembre-se bem.... Sr. Filipe....

— Juro que não.

— Jura ?!

— Juro.

— Por quem, se Vm. não admitté Deus nem a sua Providencia ?!

— Pela minha honra.

— Quando se é perjurado a tal juramento não ha remorsos.

— Não, senhor ; a honra pôde tambem ser uma religião.

— Que não causa medo, porque quem a professa não teme um Deus que puna.

— Logo, o medo creou um Deus....

— Que não é criação sua, porque Vm. nunca teve medo....

— Deixemos isso. Donde me conhece Vm.?

— Da Providencia.

— E' boa ! Com efeito ! E donde sabe minha historia ?

— Da Providencia.

— Muito bem ! E portanto, é Vm. a Providencia ?

— Quem sabe !....

— Então quem é Vm. ?

— Eu sou aquella que Vm. nega.

— Oh ! que agradável que é Vm ! disse Filipe rindo-se muito.

— Julga isso ?

— Creio. Mas como se chama ?

— O nome que me dão não é usado entre os homens....

— E entre as mulheres ?

— Talvez.

— Pois diga-nos o seu nome todo.

— Eu me chamo *Amargura do mar do que nega* o Sr. Filipe.

— E' doudo, disse Filipe um tanto mais baixo. Vm. gasta muito bom humor, pelo que vejo.

— Dizem isso os que me conhecem.

— Mas sempre, meu caro ?

— Pouco mais ou menos.

— Mas qual é a historia que sabe que se parece com a minha ?

— Quer que lha conte ?

— Sou um pouco curioso de cousas orientaes.

— Tem bom gosto....

Nisto foi ouvido um tropel de vagarosos passos que se approximavão ; todos voltáron a cabeça, e virão que era o Rev. Chagas que caminhava para a turma que ouvia o dialago dos dous velhos. O velho desconhecido, ao ver o padre Chagas, voltou-se para Filipe, dizendo-lhe :

— Conhece este padre que ahi vem ?

— Oh ! murmurou Filipe espantado, e recuando ao ver o padre Chagas, que grave e vagarosamente caminhava.

— Então quem é ? perguntou o desconhecido.

— O jesuita, motor da victoria alcançada contra os Mouros do xaveco em que eu estava prisioneiro!!!...

— Tem boa memoria ! disse o velho incognito.

O padre Chagas fez approximar uma cadeira, e assentou-se ao lado de Filipe.





## CAPITULO IX.

### A PROVIDENCIA! A PROVIDENCIA!!!

Aquelle que de si e dos seus conta pouco, nunca acha quem o desminta; mas o que conta muito, sempre encontra quem se lhe opponha, embora conte a verdade.

O Rev. Chagas, tendo-se assentado junto de Filipe, como deixámos dito no antecedente capítulo, contemplou-o por alguns instantes, e depois disse:

— Philippe.... Philippe..... permitti que por minha idade e caracter sacerdotal assim vos trate! Se a historia de vossos maiores, vossa idade e vossas desgraças vos não teem tornado prudente e comedido.... ai de vossa alma! Philippe, porque blasphemais a Divindade, ou negais a sua Providencia? As nossas desgraças não vão a par, meu filho, porque as minhas, penso eu, são incomparavelmente maiores que as vossas; e quanto mais ellas trovejavão sobre a minha cabeça, mais eu via nellas o dedo de Deus! Deixai, ancião inconsiderado e injusto, deixai de negar a Divindade, e de blasphemar a sua Providencia!... Deixai, e nas vossas desditas vede antes se ha alguma justiça da omnipotente mão que regula os mundos, do que uma injustiça da Provindencia, que é sempre justa em seus designios!

Tendo assim fallado, tomou um ar humilde, e sahiu.

— Agora, Sr. Philippe, disse o velho desconhecido, vou eu contar-lhe a historia que se parece algum tanto com a sua.

— Conte-a, senhor.... que me importa? disse Philippe com ar aborrecido.

Oscircumstantes interdictos olhavão ora para Fi-

lippe, ora para o velho, e ora se entre-olhavão, exprimindo em seus semblantes um certo ar de curiosidade, bem natural em uma tal posição.

— Pois bem, disse o velho; nesse caso, Sr. Philippe, peço-lhe toda a sua attenção, que occuparei por poucos momentos....

Philippe, com um ar muito distrahido, ou muito pensativo, parecia dar pouca ou nenhuma attenção a estas palavras, e fazer muito pouco ou nenhum caso do velho.

Este continuou:

« Ha muito tempo, longos annos até, que esteve em Amsterdam um Hespanhol chamado Afonso, que, vindo ao depois para Andaluzia (onde havia nascido), ahi fez um sofrivel casamento. Tinha já elle um filho, e habitava a cidade de Sevilha quando ahi appareceu um Hollandez, de quem fôra amigo. Associados ambos, partirão para as Indias Orientaes. Ora, note Vm. no quanto esta historia se parece com a de seu pai e avô: a diferença é só dos personagens; quero dizer, os meus personagens differem dos seus em os nomes e nações.

« Os dous socios, depois de algumas tentativas sem fructo, começáro de negociar entre o Japão e Macáo. Corria então o anno de 1642. »

Deste ponto em diante Philippe parceu menos

distralido ou menos peusativo, e sobretudo mais attonito.

« Estes dous negociantes, continuou o velho, em Macão erão o que querião ser ; mas no Japão é claro que ambos deverião ser Hollandezes. Sabemos todos que a amizade dos máos, dos ambiciosos, não dura muito ; os dous brigáro no Japão ; e trocando contumelias, doestos e injurias, e sendo esta disputa um tanto publica , della vierão os Japonezes no conhecimento que o tal Affonso era Hespanhol e catholico-romano. Immediatamente puzerão-o a bom recado , tomndo-lhe tudo quanto tinha no Japão. A sua perda era infallivel ! Os Bonzos porém lá achárão suas razões, e por ellas julgárão que o preso vivesse, e se lhe entregasse tudo, no caso de querer elle abjurar o catholicismo. Nisso lhes ia, segundo elles, um descreditozinho para a nossa religião ; pois que, sanctificando ella os seus martyres , havia quem antes a quizesse abjurar, que morrer martyr e ser sanctificado !

« Todavia, alguns dias depois da prisão de Affonso, foi-lhe intimada a sentença de morte, que, não obstante, não teria logar, se o preso abjurasse a sua religião ; e em consequencia do que se lhe entregaria tudo quanto se lhe havia tomado, podendo até ficar no Japão negociando, se assim o quizesse ! Entre a gloria do martyrio e a vida, e honras das riquezas, o preso, como um bom mercadante, não hesitou ; a abjuração foi publica e solemne ; quero dizer, Affonso, ao som das risadas dos orgulhosos Bonzos e estúpidos Japonezes, calcou aos pés a imagem do Crucificado, e cuspiu sobre a imagem da Santa Virgem !!! »

Os circumstantes, movidos do um involuntario horror, estremecêrão, e alguns leváron as mãos ao rosto, tapando os olhos, e abaixando a cabeça, como para não verem o medonho sacrilegio, que, ferindo seus ouvidos, parecia representar-se diante de suas vistas !

O velho continuou no mesmo tom e na mesma attitudo :

Os senhores se horrorisão ?! Pois horrorisemo mais quando souberem que Affonso acabou horrivelmente ! Vivo ainda, começáron de apodrecer seus membros o de despegar-se suas carnes do cima do seus ossos ! Suas carnes por si mesmas se fendo, como se fossem retallhadas a golpes de navalhas ; e no fundo destas fendas, o entre a pelle e a carne, pullulavão vermes, como em um corpo em putrefacção ! Horror de todos os horrores ! o ex-comuniungado acabou no meio das mais inauditas

torturas, ministradas pela mão da propria natureza !

« Seu filho, que, por sua ordem, havia passado ao Oriente, tinha herdado a fortuna e as maldades de seu pai. Este filho chamava-se.... chamava-se.... emsim, pelo nome não perca ; chamava como se chamassem ; o que é certo é que tinha o sobrenome de Aranda. O Sr. Aranda era intimo amigo de um velho usurario que tambem o havia sido de Affonso seu pai. Fernando, o velho usurario, era um destes miseraveis, cuja alma, tendo desamparado o corpo para que fôra criada, vai ligar-se e viver entre as riquezas de seu thesouro ; em consequencia este pobre homem, para não gastar, não comia em sua casa, mas nas dos amigos ; e como Aranda o tratava com bondade e magnificencia, o velho Fernando por isso mesmo ia mais vezes á sua casa. Aranda com paciencia e vagar dispoz as suas cousas : achando um escrivão *ad hoc*, e algumas testemunhas, achou tambem meios de tornar essas pessoas propicias aos seus interesses. Isto é facil ; todas as pessoas se apropicião quando aquelle que as quer propicias sabe fazer as cousas. O escrivão fabricou um testamento, no qual Fernando instituia a Aranda por seu primeiro testamenteiro e universal herdeiro. A dizer a verdade, o entremez foi tão bem representado, e o escrivão com tanta habilidade se houve, que as mesmas testemunhas (que mal conhecião o testador) ignoráron a velhacada, pois elles 'o escrivão e Aranda) souberão aproveitar uma bella occasião em que Fernando estava doente.

« O negocio do testamento ficou prompto ; e poucos dias depois, Fernando, que estava restabelecido de seu incommodo, deixou-se morrer de repente ! Aranda sentiu muito a morte do seu amigo, chorou muito, e trouxe luto fechado por alguns meses ; nem outra cousa melhor assentava em um tão bom e extremoso amigo. Aranda arrecadou a sua avultada herança, e cumpriu o testamento, no que pouco custo tevo.

« Passado algum tempo, o escrivão julgou-se com direito á sua quota em consequencia do contrato ; porque *dignus est operarius mercede sua*.

« Ora, isto não fazia bom cabello a Aranda, porque quem tem duzentos mil cruzados, ou mais, não se priva facilmente de cem ; assim por meio de palliativos, delongas e procrastinações, ia elle esparçar o negocio ; mas o escrivão sempre a contas com elle, o sempre o urgindo. Como fosse, Aranda chegou a entender ao escrivão que convinha não aper-

ta-lo por um obsequio!.... O escrivão entendeu, e fez-lhe positivamente saber que elle não duvidava tirara si um olho, com tanto que tirasse-lhe dous.... Aranda tambem por sua vez, entendendo que devia pôr termo a esta disputazinha, prometteu-lhe satisfazê-lo dentro de um mez.... Não foi preciso tanto, porque dahi a quinze dias o escrivão appareceu assassinado, e nunca se soube quem fôra o autor de sua morte! Ora, os escrivões facilmente morrem victimas de uma transacção pouco commum; mas quando elles não estão bem seguros dos sentimentos daquelles com quem tiverão alguma transacção estrondosa, mas pouco séria, sabem tambem dispor, ou a sua segurança, ou pelo menos a sua vingança. O escrivão tinha um filho, rapaz um pouco travesso, mas que sabia fazer as cousas com assento e prudencia. Este rapaz, munido sempre de duas pistolas, cujos argumentos são, absolutamente fallando, claros, decisivos, e feitos em estylo empolado e estrondoso, espreitava a Aranda, que nem tal coussa lhe passava pela cabeça. Com effeito, á força de muito espreitar, e de sempre procurar uma occasião azada, aconteceu que a sua boa estrella lhe deparasse uma; e pois o máo rapaz acertou de um dia o apanhar só no seu escriptorio: ah! o travesso do rapaz pediu-lhe a quota do pai. A occasião, e os ferreos e decisivos argumentos que o rapaz apresentou, não davão logar a longas discussões, mas sim a uma composição rapida e terminante. Aranda porém, pois que nisso lhe ia grande pezar, fugia sempre á composição, por mais que o sujeito o convidasse para ella.

« Emfim, Aranda, apezar de suas astacias e artimanhas, conheceu que a composição era de absoluta necessidade, pois que em não fazê-la a vida lhe ia. Entabolárao pois a negociação, e o rapaz dictou as condições da paz, que bem que duras, pesadas e vergonhosas, Aranda teve de aceitar, subscrevendo-as sem diferença de uma vírgula! Já era muito! era um verdadeiro triumpho! mas o rapaz, que era prudente, parece que não se deu por satisfeito.

« Sabia o rapaz que Aranda era um amigo tão zeloso, que facilmente conservava seus amigos eternamente seguros, quando a sua extremosa amizade exigia um tal sacrificio. Ora, o rapaz tinha uma alma um tanto fria, seu coração não conhecia extremos, nada o entusiasmava; emfim, era um destes caracteres fleugmaticos que não acreditão em sacrificios; e como elle em tal não acreditava (e se acreditava não queria agora estar

por elles), não queria fazer uma cousa em que não tinha fé: o certo é que Aranda tambem foi por sua vez assassinado! *Omnis enim, qui acceperint gladium, gladio peribunt!* Ora, Aranda tinha um filho, que por morte de seu pai ficou rico, muito rico até. Chamava-se elle Affonso Aranda, como o avô.

Filippe deste logar por diante começou a mostrar-se não pouco sorprendido e incommodado, bem que procurasse sempre dominar a sua surpresa e incommodo.

« Affonso Aranda, continuou o velho, ficando assim tão rico, como rapaz de bom gosto, quiz gastar o seu e o alheio, como um nababo, ou ainda um sultão; e em consequencia resolveu mudar-se para Lisboa. Seu pai tinha sido socio de uma soffrivel casa commercial, o era mister que Affonso Aranda, o filho do ladrão e assassino Aranda, e neto dc Affonso Aranda, o ex-commungado, balanceasse sua casa (que tinha de sociedade), e dividindo os lucros, embolsasso o que fosse seu. O socio de Aranda tinha uma filha, que não era feia nem desengraçada: esta rapariga havia nascido em Lisboa, onde fôra educada, onde esteve até os dezaseis annos, recebendo uma educação cuidadosa, e talvez luxuriosa até! Affonso Aranda, que era um namorado conquistador, um espadachim audacioso, um fino jogador, que empalmava o engolia uma carta com indizivel subtileza, emfim, que era um refinado libertino, devasso e patife (e desgraçadamente era um moço bonito e bem feito!); Affonso Aranda, repito, achou traças para seduzir a pobre Maria, e embaí-la com palavra de casamento. O engano teve o seu effeito, Maria cahiu no laço da seducção, e despenhou-se na deshonra! A pobre moça amava a Aranda, como Hero amára a Leandro, como Artemizia amára a seu marido, emfim, como se ama a primeira e unica vez sobre a terra! Ilavia um anno que durava este amor, quando Aranda, o pai, foi chamado á presença de Deus. Tres mezes depois, á mesma presenca tambem foi chamado o pai de Maria, que com vinte e seis annos de idade ficava herdeira de uma soffrivel fortuna. Nestes termos, lembrou Maria ao seu querido o cumprimento de sua promessa. Respondeu elle que justificasse a sua idade; que, senhora dos seus bens, balancearião ambos a casa de que seus pais forão socios; que elle ficaria com todas as fazendas quo na casa existissem, e ella com todo o dinheiro: o que feito, embarcarião ambos para Lisboa, visto

que ambos erão livres, e ahí se casarião. Affonso Aranda queria, segundo elle, casar-se onde havia nascido. Por essa mesma occasião fez a venda de uma grande porção de fazendas a dinheiro; deu o balanço: mas enquanto o ia dando, ia tambem embarcando tudo quanto tencionava levar para Lisboa. Nas vespertas do embarque estava o balanço concluido. Maria recebeu sua parte em moeda corrente, e Affonso Aranda em fazendas, e o resto em dinheiro. Na vespera do embarque Affonso trouxe á casa de Maria quatro pequenos bahús para nelles Maria acommodar o seu dinheiro. Maria, como estava na vespera do seu embarque, e já não precisava, tinha despedido a gente do seu serviço, ficando só com Marianna, uma criada moça que a servia ha mais de dez annos: Marianna era fiel, discreta e prudente, e por isso era de Maria não só a criada particular como a confidente. Marianna porém não queria acompanhar sua ama para Lisboa, e em consequencia devia ficar na mesma casa com o que era seu, até achar nova arrumação; e então entregaria a chave da casa ao novo proprietario a quem Maria a vendêra: era o que estava concertado entre os tres.

« Logo que Affonso Aranda trouxe os quatro bahúzinhos, elle e Maria acommodárao nelles o dinheiro, pondo em cada um cerca de dezaseis mil cruzados. Maria fechou-os, e deu as quatro chaves a Affonso, que não as quiz, pedindo a Maria que as guardasse. Junto á noite forão embarcados os quatro bahúzinhos, que Affonso acompanhou até a bordo, e tudo ficou disposto para os dous embarcarem de manhã cedo.

« Cumpre declarar que sendo o pai de Maria homem muito grave e austero, acontecia que em sua casa nenhum luxo havia; e portanto, Maria, tendo vendido tudo, só levava para Lisboa seu dinheiro e bahús de roupa.

« Quando Affonso sahiu com os quatro bahús de dinheiro, prometteu a Maria voltar pelas 10 ou 11 horas da noite. Maria tinha promettido a umas moças suas vizinhas de estar ainda com ellas algumas horas antes de embarcar. Assim, Maria disse a Marianna que assim que Affonso batesse á porta não o fizesse demorar, e que ella estava em casa das vizinhas. As relações do Aranda com Maria erão (ao menos Maria o pensava) ignoradas do todos, e por isso quando elle ia á sua casa de noite era sempre furtivamente, o ontrava ás escuras por uma porta particular. Contra a sua expectação demorou-se Maria om casa das vizinhas mais tempo do

que tencionára. Uma vez por outra chegava desfachadamente á jauella, e olhava para o lado donde devia vir Affonso. Com esseito, em uma destas vezes viu um vulto quo se approximava de sua casa. Era Affonso; Maria o conheceu... e como não? Um instante depois, quando Aranda já devia ter entrado, ouviu-se um grito! Todos assustárao se; e precipitadamente Maria, as vizinhas e dous irmãos dellas voão á casa da primeira. Ao chegarem á porta um vulto, que Maria conheceu ser Affonso Aranda, fugia a bom fugir. Confusa, afflita e perturbada, entra em sua casa seguida das pessoas ditas. A sala estava ás escuras, mas no quarto vizinho havia luz; Maria toma essa luz, corre com ella ao logar donde partem gemidos, chega, e que vê? Marianna, estendida no chão, envolta em sangue, lutava quasi com a morte! Maria e as pessoas que a seguirão levantárao do chão a pobre rapariga, que, fitando em Maria uns olhos quasi moribundos, disse: — Eu o mereci, senhora; eu o mereci! — Mereceste o que, Marianna!... Como foi isto? perguntou Maria. — A ferida, percorrendo todos com os olhos, pediu a Maria que ficasse só com ella. Ficando, disse-lhe o seguinte: — Senhora, eu quiz rouba-la, e o fiz. Depois que a senhora e o Sr. Affonso guardárão o dinheiro naquelles bahús, eu lhe furtei as chaves enquanto a senhora sahiu ao meio dia, tirei o dinheiro e o enterrei ali (e ella mostrou onde o tinha enterrado), depois enchi os baliús com pedras e pedaços de ferro, e puz a chave no mesmo lugar.... Eu vou morrer, senhora... perdão! — Maria perguntou a Marianna se quando Affonso a ferira, a conhecéra. Marianna disse que não sabia. Maria perguntou-lhe se Affonso antes de feri-la lhe tinha fallado. Marianna respondeu que não; que apenas abrira a porta um vulto lhe cravára um punhal! Era extraordinario, porque quem devia abrir a porta era Maria mesma! Emfim, Affonso não soube do furto de Marianna, as chaves dos bahús estavão com Maria, Affonso não podia saber o que continhão os bahús senão arrombando-os, o que seria odioso. Affonso disse a Maria que devia embarcar no outro dia pela manhã; e Affonso, duas horas depois deste assassinato, estava embarcado, e pouco depois fóra de Macáo! De modo que Maria veiu a inferir que o roubo da criada a salvou do roubo do amante, e que a infidelidade desta criada a preservou da pobreza e da miseria! Ora, eu conto isto pelo maior, o Vms. poderão bem suprir tudo quanto omitto. Marianna, pouco depois desta confissão, expirou. Maria, no processo deste crime, não quiz in-

volver o nome do Affonso Aranda; ella guardou o seu dinheiro, e consolou-se bem da perda de um tal amante. Alguns dias depois, no Cabo da Boa Esperança, Affonso Aranda encontrou a primeira punição de seus crimes !

« Em 1707 chegou Affonso ao Rio de Janeiro; e como havia estado em Lisboa algum tempo, facilmente ahi se deu, e passou por Portuguez. Em 1708 começou a servir como caixeiro a um honrado negociante; e em honra da verdade convem confessar que em seu novo officio intelligencia lhe não faltava, e até alguma probidade mostrou. Em 1711, quando Duguay Trouin invadiu o Rio de Janeiro, Affonso era ainda caixeiro na mesma casa.

« Deus, que nenhum crime deixa impune, tinha suscitado a Duguay Trouin para vingar o crime commettido na pessoa de Duclerc. O anjo das vinganças havia soprado o medo no coração de Francisco de Moraes: tudo conspira em favor do general francez, a quem nenhuma resistencia é oposta. Um denso novoeiro roça os topes das ondas, a maré corre a favor dos lyrios; e o vento, enchendo impetuoso as velas da esquadra franceza, a leva em suas ligeiras azas até ancorar dentro da bahia do Rio de Janeiro, entre a Armação das Baléas e a Ilha das Cobras, onde se achou surta no dia 12 de setembro de 1711! Debaixo de um vivissimo fogo das baterias de suas náos, que chovião metralhas sobre as praias, o general francez saltou sem resistencia, graças á covardia, ou traição, ou imprevidencia de Moraes, e pouco depois occupou uma das eminentes da cidade, e outros pontos importantes. Assestada a artilharia que devia fulminar a cidade, Duguay Trouin escreve ao governador exigindo os matadores de Duclerc, os prisioneiros francezes, e uma avultada quantia que o indemnisasse das despezas da expedição. A negativa do governador fez as baterias romperem o fogo sobre a cidade. Ao mesmo tempo os navios francezes e as baterias estabelecidas em terra trovejão, e vomitão fogo e balas por toda a parte!

« O céo, fechado de nuvens, estava medonho e negro! a tempestade mugia nos ares, e batia a terra furiosa e terrivel! os relampagos celestes emaranhavão-se com o fuzilar da artilharia inimiga, e os trovões da natureza confundião-se horrivelmente com os trovões da humanidade, que atroavão no cume do monte donde a fulminavão! Os receios das gentes pacificas, o medo das mãis, os temores das donzelas, os gritos das crianças, a saunha dos inimigos, a vozeria emfim de todos, e por toda a parte, acaba-

vão de completar este nefando, este funesto, este pavoroso painel de crimes e de vinganças desta memoravel e hedionda noite de desolações, em que a natureza e a humanidade porfriavão sobre qual dellas desenvolveria mais temerosos horrores!

« E que fazia Affonso Aranda durante essa noite de ruinas, de desgraças e desesperações? Roubava seu amo, que já não poucos bens lhe havia feito, e que nelle depositava uma cega e illimitada confiança! Affonso Aranda pois roubava a seu amo uma porção de ouro em pó e alguns diamantes, entre elles dous de não poucos quilates e de subidos valores! Colhido quasi no seu roubo, Affonso Aranda abiit, excessit, evasit, erupit! mas desgraçadamente para elle, a poucos passos da casa do patrão cahe nas mãos dos Francezes, que por sua vez lhe roubáram tudo, e até a vida lhe roubarião se Adolpho Courserac, quo continha uma turma de Francezes, que queria contregar-se ao saque da cidade, o não salvasse! » — Conhece esta historia, Sr. Philippe?

— Não, senhor... e que tenho eu com ella? respondeu Philippe.

— O que tem?

O velho fez esta pergunta com firmeza e resolução. Philippe descorou mais, o estremeceu. O velho com passo firme e ar nobre chegou-se a Philippe, e disse-lhe ao ouvido:

— Affonso Aranda... sêde Philippe... mas não blaspheméis a Providencia, que ainda vos dá vida para que vos arrependais, o façais penitencia...

Philippe, mais animado por estas palavras, pergunton:

— E quem é Vm.?

— Aquella que Vm. nega, respondeu o velho.

— Aquella que eu nego?!

— Sim.

— Como? não comprehendo!....

— Então quer saber quem sou?

— Sim, quero. O seu nome?

— A Providencia!

O velho, ao dizer isto, tirou o antolho de sobre o seu olho, arrancou suas barbas brancas e longas, desatou os cordões de seu roupão, e mostrou que era uma mulher! Philippe, ou Affonso Aranda, pálido, tremulo, e como fóra de si, recuou, e n'um grito suffocado e rouco exclamou:

— Visão! Fantasma! Mulher ou demonio! Oh! A Providencia! A Providencia!

O miserando cahiu sem sentidos! Providencia desapareceu!



## CAPITULO X.

### COMO TUDO ISTO ERA BELLO !

Para não sermos aborrecidos e monotonos , variemos o nosso trabalho . O arco sempre feso torna-se primeiro frouxo , e depois inutil .

Essa alegria animada e tão encantadora que enchia a casa de Rosa , e que , por assim dizer , lhe dava alma e vida , tinha desapparecido , como a musica suave , como os hymnos sagrados desapparecem do templo do Deus-Homem depois de uma solemnidade catholica . A familia de Rosa restringia-se a ella só , como uma viuva sem filhos e sem parentes ahi fica só entre as quatro paredes de uma casa desconsolada e triste ! A casa de Rosa , essa casa que tanto se orgulhava da mais linda de todas as mulheres , que parecia repercutir os sons de sua doce e maviosa voz , que se animava com seus alegres cantares , que parecia sorrir-se com seus graciosos e feiticeiros sorrisos ; essa casa emfim , que parecia viver a innocent vida que vivia essa bella menina , estava erma ! erma , porque Rosa e seus escravos erão os que agora a habitavão ! erma , porque Rosa era velha , e os velhos não vivem ! erma , porque , por bem que passem os escravos , os escravos não vivem ! Os velhos e os escravos durão ou vegetão apenas ! A vida é a esperança ; mas a alma da esperança é a liberdade ! esperança não a teem os velhos , porque ao passo que se avizinhão do tumulo , a esperança vai desamparando o seu co-

ração ! liberdade não a tem elles , porque as enfermidades peculiares á sua idade lh'a tirão ! Os escravos vivem uma meia vida , permitti-me a expressão , e essa metade de vida é a esperança , esperança sem alma , que lhes dá ! a outra meia vida , dom precioso da liberdade , dessa alma da esperança , essa não a vivem elles ! não ; porque essa metade desapparece debaixo do detestavel peso da aborrecida vegetação do captiveiro !

Rosa Branca , a bella , a magica Rosa Branca , longe da cidade , nova Flora dos modernos tempos , animava os campos com seus feiticeiros sorrisos , e com seus celestes encantos matava de inveja as flôres que nos prados da fazenda de seu pai tão belas vegetavão !

Benedicto havia alugado sua casa , posto banca , e advogava ; seu parente , o Sr. D. Geraldo de Pina , morava com elle . Archanjo continuava seus estudos para fazer a vontade a seu pai , mas sem todavia tencionar ordenar-se .

O padre Chagas ia todos os dias á casa de Rosa , e ambos de saudades de Rosa Branca se desfinhavão e morrião !

A necessidade de casar Rosa Branca havia ces-

sado; ella não se tinha decidido nem pelo Sr. de Pina nem por Archanjo; não obstante, os dous mancebos nutrião ainda, o ainda assagavão as suas tão doces quão consoladoras e caras esperanças.

Baptista, cada vez mais captivo das bellas qualidades moraes do sua mulher, cada vez mais enamorado de seus encantos physicos, cada vez mais apaixonado por ella, adorava a sua felicidade como a obra de um Deus bemfazejo, e idolatrava a sua bonita e joven consorte como uma das mais perfeitas creaturas de Deus!

Rosa Branca unia-se com Narcisa, e esta com Rosa Branca como duas ternissimas irmãs. Rosa Branca, não obstante as saudades que tinha de Rosá sua tia, passava os dias contente, e sempre envolvida n'uma alegria infantil! Feliz idade! mas passa tão depressa.... tão depressa!.... ah!....

A casa de vivenda da situação de Baptista era assente sobre a planura de uma risonha collina pouco distante do nosso oceano.

A' direita e á esquerda desta habitação, isto é, ao norte e ao sul, dilatavão-se divertidos prados, deliciosos valles, pequenos outeiros, e agradaveis collinas, todos recamados de flôres, intercortados aqui e ali de emphaticos e respeitaveis bosques, cujos milannarios e musgosos troncos que os decoravaõ ufanavão-se de balançar nas ethereas auras nodosos e corpulentos ramos já invadidos pelos parasitas, e abraçados por flexiveis ou tenaces cipós. Por detrás, ao oeste, perdia-se quasi a vista nessa campina immensa dos Campos-Novos, vastas lesiras, que de junto á praia do oceano se ião entestar nas fraldas dos apartados outeiros, sobre cujo plano (da campina), nas estações pluviosas, ondeava um mar das abundantes aguas que as montanhas do redor para aquele ponto escoavão. No baixar da cheia, quando a gramma, o capim, a herva e os pequenos arbustos surgião desse periodico diluvio, era agradavel, e até encantador o era, o ver-se nessa pautada campina o maravilhoso contraste produzido por essas prateadas faixas sobre um fundo verdo matizado do varias côres; porque por esses brancos, arenosos leitos, que a mão do homem havia rasgado, deslisava-se pacifica uma agua limpida o serena, que a pouca distancia lá misturara-se ia com as aguas do Atlântico. A magnifica antithose da campina e dos rios artificiales não descontinuava ainda nos tempos da mais rigorosa secca; porque a rosicada terra, sorvendo sequiosa toda a agua destes pequenos rios, ficava a branca arida do seus alveos conservando a mosma opposição, quoro dizer,

contrastando a sua brancura com o verde não só das margens mas de toda a campina. Em frente, isto é, ao este, atando-se ao céo em duvidosa césura, lá, tão longe, onde de desconsolada a vista parece assentar um horizonte equivoco, tão melancolico de tão indefinido, desde esse horizonte até uma núa e saudosa praia, em que trojejando sobre fina aréa, rola, quebradas com medonho estampido, suas mugidoras ondas, arfava o magestoso oceano, solitario ás vezes como um coração sem amores, e ás vezes sulcado por uma ou mais velas, tão brancas como uma aza de anjo que se deslisa pela face do céo, ou como uma garça branca que faceira atra vessa as baixas aguas pacatas de um dormente lago!

Ao declinar da enchente, quando os pontos mais salientes da campina já desafogados surgião desse passageiro pégo, e a herva que renascia viinha em uma superficie enxuta reanimar-se aos raios de um sol benefico, gozava então a vista o magico especaculo de ver essa verde campina mosqueada de prata; porque salpicando esse fundo verde, a agua estagnada formava aqui, ali e acolá grandes e pequenos lagos, bordados de vegetaes que revivião, e de flôres que desabrochavão; até que a terra filtrasse essa agua represada nas ruas e praças desses immensos canteiros! Então os graciosos habitadores dessas mansões de hervas e de aguas vinham como que dar vida a essa vegetação, que tão luxuriosa renascia.

Em quanto bravios patos, depois de fenderem as aguas dos tranquillos lagos, se espanejavão nas margens, nadavão sobre estas aguas cardumes de garulas hyrerès, que de ariscas fugião medrosas á approximação do homem. Aqui a piaçoca, voando á flôr dos lagos, enchia os arcs de seus desconcertados gritos; ali, levantava a saracura o seu monotono canto; cá, um cordão de ligeiros maçaricos corria em torno dos lagos, e após em espiral se erguia em densa nuvem, para adiante se abater, como uma nuvem de pó elevada pelo vento da tempestade, e poupar depois com graciosa garridice; lá, compassando altaiva os seus denodados passos, parecendo vagar ao acaso, passeava a garça branca com galhardia do rainha; além, o magestoso tabuyáá, em pé no meio da campina, parece, de tão elevado, branca vela de alterosa não, ferida por um raio incerto do um exprante sol, proximo de seu horizonte.

Em quanto estes innocentes habitadores dos lagos e das campinas assim se entreteinhão em seus alegres o amorosos folguedos.... (compensações da

natureza !), occultando, traidor, seu casco de ferro sob a superficie das aguas, espreitava o jacaré um individuo do pevo alado, para o empregar de um bote, e o deverar faminto; não erão porém só os passares ribeirinhos que enchião estes logares de vida, de alegria e de amor. Lá, nas grandes arvores dos prados e dos bosques, enquanto cantava o canarie, o celleiro, o avinhado e o bicudo, trinava seus hymnes e sabiá-larangeira, e affrentava seus cantares, ne funde de uma selva, e melodioso sabiá-una; e quando emmudecião seus amerosos cantos, arremedando a todos, gorgoava milhares de enamoradas canções, em variadas notas, o passare cujo canto, se mais elevade fosse, seria o rei dos musicos alados da terra de Santa Cruz ! Quero dizer, e gaturamo.

Por toda a parte, com indizivel graça, esveça-vão turbilhões elegantes de aereos insectos, em que se reflectiões as opalas da brilhante clamyde da aurora, ou as celestes côres do diadema de Iris ! Ao vê-los, dir-se-hia que des prados se elevavão flôres, eu da terra pequenas felhetas e grãos de ouro, e que temendo azas no espaço, ião, no cambiar de mil côres, matizando as passageiras auras !

Alicros, lepidos e incertos, agitando inconstantes as inquietas azas, os pequenos colibris voavão, ora de jasmim ao crave, do cravo á rosa, e erguendo dahi seu vôo, lá se ião perder entre as brancas flôres de enamoradas laranjeiras: voltando-se porém os olhos dos passares e dos insectos para as flôres, duvidarieis qual dos doux campos era o majs rico; se o campo do céo de estrellas, se o campo da terra de flôres ! A's vezes partia de um besque vizinho, eu de cume de um monte não longe, um roquejar incerto que o cidadão não conhecia; mas que apenas envido, fazia o campoucz tomar sua cspingarda e sahir: erão capellas ( como elles o dizião) de macacos, ou barbados, quo brincão nos matos, que celhém as sapucaias, cuja imensa noz abrem com admiravel presteza ! eu passande das matas ás roças, ameação devorar o milharal, cujas verdes espigas, já granuladas e maduras, convidavão a sua sempro avida cubica. Levados do mesmo desejo, peusava aqui e ali um bando (como diz a gente do campo) de verdes papagaios, pequenos periquites, garrulas maritacas, sabiás-sicas, maracanães, o outros destes passares que dizimão a seara do lavrador. De repente uma nuvem que passava escurecia instantaneamente o sol; cra um bando de pombas trecazes, eu sarobras, que atravessavão es arcs, eu destas aves de arribação que nes fins de

abril, urgidas peles frios do sertão, começo de emigrar, demandando um clima mais doce nas ilhas de oceano. O caçador de passaros não sabia se attendesse primeiro aos enxames de juritys, que buscam entre a aréa pequeninos granitos para seu sustento, ou as multicores e cambiantes nuvens de sahys, tyés, tyés-bernes, tucanos, aracarys, etc., cujas plumosas galas fazem desbotar as orgulhosas côres do bello iris do céo; ou as nedias sabiás-pocas, que adejando á flôr da terra, lá se vão occultar entre rasteiros arbustos, eu per baixo dos ramos das espessas moutas.

Sias uberrimas veigas, se as pingucs leziras erão assim adornadas destes e d'outros encantos, nos mattos sobrava toda a qualidade de caças: as antas, os veados, pacas, latús, etc., ahí por esses desertos descorrião livres, como o sopro da tempestade; enquanto os caxingelès, os quatys, saguys; etc., grimpades nas mais altas arvores, saltavão de uma arvore á outra, com tal agilidade, que os supporieis alados ! Adiante, illudindo a vigilância do caçador, voava o arisco jacú, o desconfiado macuco, e o espantado juôu.

De outro lado encantavão-se os olhos vendo esses anafados rebanhos de gados de todas as especies, nesses pascigos tão ferteis, pascendo aqui e ali uma herva sempre fresca, sempre nutritiva e viçosa ! Como tudo isto era bello !

Tambem não faltava a cobra sagaz e a astuta onça.

Assim erão as campinas, os bosques, os montes e os valles dos Campos-Novos ! assim erão, é verdade, mas hoje o narrador não sabe e que são. Tambem desde quando assim erão até o presente, quito mais que cem vezes o sol tem conduzido o seu magnifico carro de ouro pelas sumptuosas camaras de saphyras e diamantes de seu vasto palacio zodiacal ! Mais de quarenta mil dias ouvirão gemer no bronze sagrado a derradecira hora do sol sobre o nosso horizonte ! A veloz carreira com que o carro do sol fere as ethereas estradas, é tão rapida; que levanta um imenso turbilhão de pó debaixo de suas rodas de fogo ! e esso pó, sem descontinuar, cale sobre a morada dos homens ! e esse pó está incessantemente mudando a face da terra, ao passo que os raios desse benefico astro a conservão e a renovão ! esse pó oxida os metaes até corrompê-los, faz apodrecer os vegetaes, mata os animaes, corrompe emfim os tres reinos da naturcza, e faz envolhecer o mundo ! esse pó emfim, cuja quēda quotidiana é tão insensivel, operada por mais de cem annos,

derriba imperios, arraza cidades, destróe monumentos, anniquila familias, revoluciona os usos, muda os gostos, altera as leis, apaga inscripções e faz esquecer lembranças por demais queridas, e saudades em extremo amorosas! O archeologico, procurando, no fundo desse pó, a sociedade de um seculo antes, collocado entre a sociedade sua contemporanea e a passada, achar-se-ha entre dous mundos quasi oppostos, de tão diferentes que são! A mudança pois é para o homem, e para tudo quan-

to existe debaixo do sol, uma lei natural, uma lei necessaria! porque esse pó muda tudo... tudo! esse pó a que chamais lima do tempo!

Agora que sabemos que Baptista vive contente com sua adoravel mulher, tendo em sua companhia sua bella filha, saibamos tambem que em casa de Baptista todas as noites uma porta se abre e uma janella: por uma sahe uma mulher, e por outra entra um homem! Nada de espantos: o negocio não é para tanto.

## CAPITULO XI.

### HAVIA POIS NAQUELLE TEMPO ALGUNS FIDALGOS QUE ERÃO FIDALGOS EM TUDO !

Com a vossa vontade traçai um circulo em torno de vossos desejos, afectos e paixões ; imponde-lhes o dever de o não transporem ; sede constantes, e vereis que o circulo se não alarga, e que vossos desejos, vossos afectos e vossas paixões batem de encontro a elle, e depois de alguma luta cahem desfalecidos ! porque quem dignamente quer, tambem dignamente pode.

Sete mezes so tem passado depois do casamento de Baptista ; em sua casa nada tem ocorrido que seja digno de nota. Os dous consortes vivem contentes e satisfeitos. Rosa, impellida das saudades da sobrinha, tem, no decurso de sete mezes, vindo á casa de Baptista duas vezes. O padre Chagas tem estado na fazenda de Campos-Novos não poucas ocasiões, e não se passão tres dias sem que o venerável velho venha á casa de Baptista versua querida neta.

Narcisa, segundo suas esperanças, será māi entre os onze mezes e um anno de seu casamento : com anciedade ella espera esse acontecimento : Rosa Branca não é indiferente a elle ; Baptista folga de se ver reproduzido ainda uma vez depois do seu meio seculo.

Archanjo, cuja situação, ou antes de seu pai, não é longe da de Baptista, vem constantemente á casa deste, onde é recebido como filho. Affagando ainda as suas tão caras esperanças, o terno, o apaixonado Archanjo, aproveitava toda e qualquer occasião propicia ao seu amor, para chegar um dia a possuir o thesouro que seu coração mais cobiçava, isto é, Rosa Branca, a dama de seus pensares, a virgem de seus amores, a esperança de seu futuro, os cuidados de seu passado, a realidade de seu presente, enfim, a sua estrella, o seu fado e a sua vida ! Archanjo contava com o coração do Rosa Branca ;

contava, e bem podia contar ; porque esta menina, longe de o aborrecer, antes o estimava como a um irmão mais velho ; e de uma amizade extremosa a um verdadeiro amor não ha mais que um passo, e esse passo é tão facil, que um gracejo, um rasgo de espirito, um galanteio, um mimo, um perigo, um desgosto, uma dôr, etc., faz transpor esse passo ! Ainda uma ligeira indisposição de uma mulher contra um homem, ainda um passageiro aborrecimento, não servem de barreira á sua união. Tendes uma filha, e desejas que seja mulher de um certo vosso amigo ; fallais-lhe nisso, e ella mostra má vontade para essa união ; pois bem : não vos enfadeis com a sua repugnancia, e não tomeis à peito esse negocio : dizei-lhe simplesmente que tinheis essa vontade, se ella o quizesse ; que não querendo ella, é para vós indiferente. Suponde agora que esse homem, que quereis para marido de vossa filha, ama-a, que tem alguma habilidade : ponde vossa mulher, se a tendes, de vossa parte ; consenti a esse homem a entrada em vossa casa, e nella familiaridade tanta, quanta a decencia pede e manda. Esse homem, com discrição e cortezia de um polido cavalleiro, galanteia vossa filha, e com delicadeza de amante faz-lhe um dia um inocente mimo ; é uma lembrança, não é um presente : a menina de má vontade o aceita, porque a delicadeza de uma dama lhe não consente o rejeita-lo desai-

rosamente. Outro dia o enamorado pretendente faz outro mimo com a mesma fineza. Ora, tanto da primeira como da segunda vez, a menina sempre diz com certo desdem que não sabe porque esse homem, do qual não gosta, cansa-se com ella....mas a mãe, que sabe, e deve coñocer as finezas do cavaleiro, diz-lhe com certa estudada esquivança, que em se lhe offerecer esses innocentes mimos não ha para ella a menor offensa, nem tão pouco compromisso algum. A meuina recebe um terceiro mimo ainda com algum desdem ; mas desta vez olha-o, mira-o, e examina-o com attenção, e á força de o examinar, acha-o bonito o até de valor. Ao cabo de alguns mezes, e depois de alguns mimos (uns quatro ou cinco), começa a menina de abrir os olhos, e a ver a sua sem-razão. E' claro que o pretendente, se tinha tactica, ao passo que mimoseava a moça, ia augmentando o valor dos mimos. E pois, amoça entra a notar a sua sem-razão, e a ver que era injusta para com esse homem tão amante e tão liberal : então repara que elle não é tão desajeitado como a principio lhe parecera....(ainda isto é um caprichozinho do coração de uma moça, porque para ser amante e amado ninguem no mundo é desajeitado) ; agora ella acha (porque quando queremos achar graças ou defeitos a fonte é inexhaustivel ) que o seu pretendente tem um ar nobre, um porte engraçado, ademans elegantes, maneiras delicadas, e ainda que é jovial e espirituoso ; logo depara nelle com outras muitas partes, já pláticas e já moraes ; além disto descobre-lhe nos olhos certa ternura ; e de descoberta em descoberta, descobre-lhe certo adocicado na falla, certa meiguice no riso, que veste-se bem, que é muito asseiado e decente ; e como estas descobertas são feitas ora sobre o physico, e ora sobre o moral, afinal do contas o homem tem um coração grande e generoso, e uma alma nobre e elevada ! e quando monos se pensa, e ás vezes a mesma moça , ella está amando o sujeito e amando muito devéras ! Que importa que elle não tenha uma linda cara, uma cara de Adonis, se tem outras tão bellas partes ! A's vezes pôde até o sujeito não prestar para nada ; mas ide dizer á pessoa que o ama que elle é feio e desazado.... ide, e vereis quo de bellezas vos faz ella notar nello ! Acredital, o amor bem raras vezes é a inspiração do momento ; quasi sempre é o fructo do um concurso de circumstancias, quo, ou se conspirárão em favor de um individuo, ou elle as soubo converter em seu favor. Acontece tambem que quando uma

moça está perdida de amores por um homem feio, uma amiga indiscreta lhe faz ver que elle não é bonito ; mas notai na resposta da menina : « Ah ! (diz ella) mas é muito bom moço, muito, muito bom ; e repare, é muito engraçado e muito jovial ; tem muito boas qualidades, que é o principal ; não é bonito como uma moça, mas é homem. »

E com effeito, o bonito, o feio, são duas palavras que no vocabulario do amor não tem para todos a mesma accepção ; ellas se modificão, segundo o gosto não só de cada paiz, mas até de cada individuo : cada pessoa, pois, quando ama ou aborreçe, jamais leva em conta o bonito ou o feio daquelle a quem ama ou aborreçe. Deixando porém estas considerações, não pensem que uma mulher se doira vencer por dadivas, não : o que faz demover seu coração de seu proposito é a maneira terna e amorosa com que esses mimos não são, em forma de grossos dons, depositos soberbamente a seus pés, mas a maneira com que delicada e apaixonadamente são postos em sua mão. O natural orgulho de uma mulher se offendê quando suppõe que a querem comprar ; mas seu coração se rendo quando percebe que seu pretendente não quer, por suas finezas, senão se mostrar liberal, amante, o digno della ! Ha muita diferença entre um dom e um mimo ; o dom pôde ser a significação do agradecimento por um grande serviço ; pôde ser o signal de uma grande pretenção ; é sempre um presente pomposo expressão de interesses materiaes : o mimo porém é a traducção do amor ou de uma fineza amizade, e por conseguinte tambem o signal de interesses, mas interesses mais nobres, mais elevados e mais moraes que materiaes ; e por isso o mimo, valendo pouco em seu valor material, vale sempre muito pela sua raridade ou delicadeza, e mais ainda pela fineza com que é feito ! e pois um dom revela sempre riqueza, ostentação e luxo ; o mimo só revela delicadeza, amor e lembrança, e nós gostamos de ser queridos e lembrados dos outros. Emfim, todos nós conhieçemos os ditados : *Quem dá se parece com Deus. Quem não dá não serve para amante.*

Archanjo conhiecia perfeitamente toda esta theoria, e sabia mais que muito que Rosa Branca nenhuma aversão lhe tinha, nem ogeriza ; antes pelo contrario muita amizade. Com taes sentimentos da parte da donzella, e maneiras amaveis e sedutoras da parte de Archanjo, com bem razão contava elle, e podia contar com o coração della.

Quanto ao Sr. de Pina, quando estava com seu tio ia tambom não poucas vezes á casa de Bap-

tista: mais orgulhoso porém que Archanjo, ou mais dissimulado, ou monos amante, sem faltar á cortezia e ás etiquetas que um fino cavalheiro deve a uma dama, elle tinha todavia para com Rosa Branca uma reserva, que em outro homem seria, por si austeridade, pela moça respeito; mas em D. Geraldo de Pina não era senão ressentimento. Elle pensava de si para si que sua parenta amava Archanjo, embora elle o negasse; que a indiferença mostrada para o mesmo Archanjo não era senão a obra de um estudo, de um fingimento, um ardil emfim que, a ser verdade, desdouraria a qualquer senhora; e que elle D. Geraldo seria amado por ella se Archanjo o não fosse. Este pensamento lesava seu amor-próprio, e offendia seu orgulho, orgulho de fidalgo, que, em honra da verdade, naquelle tempo tambem assentava naquelles que, julgando vergonhoso descerem até certa ordem de gente, mais vergonhoso julgavão descerem aos vicios, aos crimes e ás infamias! Havia pois naquelle tempo alguns fidalgos que erão fidalgos em tudo; isto é, que não fazião valer seu nascimento, ou antes, elles proprios o deslumbra-vão com o lustre de magnanimas acções, tomando mais a peito o serem nomeados por si que por seus antepassados: estes pois, fidalgos duas vezes, erão ennobrecidos pelo seu nascimento e pelas su-blimes qualidades de suas almas; porque, apezar dos preconceitos de todas as epochas em favor dos brações e pergaminhos, elles sabião que a verda-deira nobiliarchia é a das grandes acções, unica adquerida pelo proprio individuo! Um rei, caprichoso ou illudido por muito boa fé, pôde, fascinâ-do, é verdade, elevar um patife ás honras de seu valido, dahi ás supremas grandezas do estado; mas que importa, se sua alma é vil, baixa e desprezivel! O rei pôde eleva-lo a tudo; enché-lo de riquezas, cobri-lo de honras, ennobrecer seu nome.... mas sua alma.... essa ahi fica sempre abjecta, ignobil e detestavel, e cada vez mais, porque seus vicios sobresahem ainda mais, relevados so-bre as suas honras e suas riquezas, como um grando edifício que, quanto maior é e mais ador-nado de architectura, mais apparecem e sobre-sahem suas faltas, se por ventura as tem! E' a fabula de Bocage do leão e o porco, que, apezar de todos os caprichos do rei das feras, o animal immundo ficou sempre sendo o desprezivel porco!

O objecto que nos occasionou este desvio, D. Geraldo do Pina, era fidalgo na extensão da pala-vra, fidalgo de laia antiga. Devendo muito ao seu

nascimento, porque descendia de uma nobre e antiga familia portugueza; devendo muito á natu-reza, porque era formoso, elegante e bem feito (menos que Benedicto, é verdade, mas não mais que Archanjo); este cavalheiro unia a tantos dotes uma alma elevada e virtuosa, um coração grando e brioso, e um animo generoso e valente! Modesto em suas acções, elle as esmaltava com esse natural orgulho que o caracterisava, e que tão bem lhe dia-zia! Humano em suas relações sociaes, detestava a oppressão que tendia a esmagar o fraco! Carido-so, já por bondade d'alma, e já por principios de religião, aborrecia a vingança, e facilmente per-doava a um pequeno que o offendesse! Entretanto isto não quer dizer que este amavel cavalheiro não tivesse defeitos; tinha-os, mas a mór parte delles erão devidos á sua idade, e aos usos do seu tempo.

O Sr. de Pina, releva dizê-lo, amava ainda a Rosa Branca; queria-a talvez mais ainda, porque deseja-mos mais o que mais se nos diffulta: amava-a pois ainda com a mesma paixão e o mesmo extremo; mas julgando-se por ella uma vez desprezado, abafou a chamma do seu amor no fundo do seu coração, donde não consentia que respirasse o mais ligeiro fumo.

Convenia aqui declarar que Baptista alguma vontade tinha que a filha se casasse com Archanjo; Rosa tambem tinha a mesma vontade, e Narcisa não só manifestava este sentimento, como até alguns bons officios fazia em favor de Archanjo. Já se vê que a causa deste está mui bem parada. O padre desejava ver a neta casada, mas era-lhe in-diferente ser com Archanjo ou com o Sr. de Pina.

Quanto a Rosa Branca, nem tomava ao serio o quanto ouvia a respeito de casamentos; ás vezes nem respondia; e quando alguma resposta dava á cerca destes negocios, ella se limitava a dizer, com um ar muito distraido e muito descuidoso: — Mas eu ainda sou tão menina!!! ...

Com effeito, Rosa Branca passava os seus dias em uma continua distracção, continuamente brin-cando. Como os errantes colibris de seu jardim e pomar, como as incertas borboletas, vião-se as fórmas aereas dessa encantadora menina, ora se desli-sarem no campo, ora se escoarem pelo jardim, ora vagarem no pomar, e como uma visão fugitiva as-somar quasi ao mesmo tempo na sala, na casa de jantar, na cozinha, n'uma alcova, emfim em toda a parte! Dirieis que era o genio tutelar destes felices campos, que, vestindo as ligeiras fórmas de uma mimosa virgem, enchia todos esses logares de vida, de amor, do risos e esperanças!



## CAPITULO XII.

### DE UMA CAJADA DOUS COELHOS.

Se todos os tenebrosos planos dos mäos (siados na impunidade de seus crimes, proveniente da ignorancia policial) tivessem seu efeito, que leis p oderião proteger os innocentes, e reprimir os criminosos ? Mas á vista dos abortos da mór parte dos crimes, quem poderá negar a ordem providencial que regula a natureza, e ampara e guia a humanidade a seus fins ? !

Ha treze mezes que se casou Baptista ; Narcisa já foi mäi, e mäi de uma bella menina ; acabou o seu resguardo, e está sã.

E' noite, e adiantada vai ella. O céo está sereno e claro ; milhares de milhares de turmas de diamantes, reflectindo seus brilhantes fogos, tachonão com ineffavel graça a immensuravel abobada que Deus formou de uma unica saphyra. Vós não podereis contar as flores do campo, porque as flores do campo são innumeraveis como as aréas do mar; tambem não podereis contar as aréas do mar, porque as aréas do mar são innumeraveis, como os filhos dos homens, que se teem succedido desde o primeiro homem até á geração actual ; pois bem : então, innumeraveis como as flores do campo, innumeraveis como as aréas do mar, innumeraveis como os filhos dos homens, são as estrellas que passão sobre as vossas cabeças ! innumeraveis como tudo isso, porque vossos olhos e vossos opticos instrumentos, com que descortinalis os mysterios sideraes, não alcanção senão uma mui exigua porção do immenso povo das estrellas. Em seu carro de fogo, tirado por guerreiros archanjos, cujas azas são chamas, Deus, rapido como seu grande pensamento, passa por sobre as nuvens ! as moleculas do inflammado pó que voão do carril das ardentes rodas, são astros que ficão reluzindo no espaço ! Os anjos não podem contar estes astros, porque as creaturas dos céos nada contão ; mas

ellos sabem seu numero, porque os cortezãos de Deus sabem o numero de todas as creaturas, pois devem repetir estes mysteriosos numeros ao som de suas harpas de ouro, casando-lhes hymnos de louvor ao Supremo Jehová ! Destes milhões e milhões de estrellas, os fogos que se cruzão nas regiões sidereas, chegando á terra, ahi, bem que amortecidos, invalidão comtudo o peso das sombras de uma noite sem luar.

E' noite, e adiantada vai ella. Não obstante a luz, que filtrão os corpos celestes por entre as longas dobras do manto da noite, as arvores parecem augmentar a espessidão das trevas. Por entre essa espessidão das sombras, coando-se por meio das arvores, ou ondulando por sobre a herva do campo, phosphoreão seus fogos sulphuricos enxames alados de vagos perylampos, que, estrellando a campina, a fazem pleitear estes fogos com os fogos celestes, ostentando dest'arte, á face de um campo azul estrellado no céo, um campo sem cõr estrellado na terra ! E' noite, mas seu silencio é monotonamente quebrado pelo gemer susurroso e melancolico da onda, que lá na vizinha praia bate, e se espraiando expira. A briza, que assouta a face da terra com impetuosas azas, ali mugé com tão medonho mugido, que crerieis despedaçar os bosques, e arrancar os tectos das casas ; nada menos exacto que esses bosques, já familiarisados com a briza, zombão de seus esforços, e as casas ficão tran-

quillas no meio das furias do nordeste ! Não é só o éco gemebundo do mar, não é só o sibillar assustador dos ventos, que quebrão o silencio da noite ; nos lagos coaxão rãs, berrão sapos, e rebatem itanhas ; atravessando os ares, pia a coruja ; á beira de uma selva entôa seu lugubre canto o nocturno urutáo, d'aqui parte o som do zumbido das azas do morcego, d'ali o grigri do grilo e o chirrar da cigarra ; no fundo de um bosque emfim se ouve o sibillo da venenosa cobra ! Juntai todos estes écos, e tereis um barulho de sons capaz de abafar as vozes de pessoas que conversem. E' noite, e adiantada vai ella.

Figurai que estais em casa de Baptista : o carro da noite roda sobre o ponto mais alto do céo. Nessa casa uma janella se abre, alguem salta por ella, e perde-se no interior da casa. Pouco depois outra porta se abre, alguem sahe, e entrando por um ca-fesal vizinho, perde-se na escuridão que produzem os cafeseiros : deixemos tanto o que entrou, como o que sahiu. Agora, se vós, leitor, perguntais quem é que entrou, quem é que sahiu, o narrador não o sabe.

Poucos minutos passados, em casa de Baptista duas vozes se cruzavão ; trocando palavras, duas pessoas conversavão. Uma dizia :

- Com effeito faz-se o casamento ?
- Não sei, respondia a outra.
- Mas que diz Rosa Branca ?
- Ella não quer nem a Archanjo nem a D. Geraldo.
- Então a quem quer ?
- Por ora creio que a ninguem.
- Assim será : mas quem é que a quer casar ?
- Tambem não a querem casar....
- Oh ! então como é que se falla nesse casamento ?
- Falla-se ; mas não é que a queirão por força casar.
- Mas então desejo uma explicação desse negocio....

— O que ha é que D. Geraldo gosta muito della, e Archanjo também ; mas a menina não tem inclinação alguma nem ao primo Geraldo nem a Archanjo ; contudo estima muito a este. O padre Chagas, o tal avô della, deseja vê-la casada, mas não se importa que seja com o sobrinho ou com Archanjo. Baptista deseja que se faça o casamento com Archanjo, e a velha Rosa tom a mesma vontade ; mas a menina não se decide por ora nem por um nem por outro. Ora eis o quo ha.

— Em todo o caso, se o pai o deseja, e a menina estima o tal Archanjo, ou mais hoje ou mais amanhã ella casará com elle, e eis o que de nenhum modo nos convem.

— E porque ?

— Porque é preciso que Baptista não tenha outros herdeiros senão os vossos filhos.

— E o Benedicto não é seu herdeiro ?

— Mas creio que me dissesse que esse moço havia desistido da herança paterna, e que em compensação a velha Rosa lhe deixava tudo.

— E' verdade ; mas nem isso elle quer.

— Como ! nem isso ?

— Sim. Benedicto fez a velha rasgar o testamento feito em seu favor, e fazer outro em favor de Rosa Branca.

— Oh ! que magnifico rapaz ! E a velha fê-lo ?

— Não.

— Maldita seja ella !

— Oh ! para que isso ? Ella é tão boa !....

— Por sua culpa, que podia ser um diabo de má. Mas então que fez ?

— Disse-me Baptista, muito em segredo, que ella testára em favor de Rosa Branca, com a condição de que casaria com Archanjo ; mas no caso de casar com outra pessoa, seria Rosa Branca só herdeira de sua terça....

— E as outras duas partes ?

— Uma para Benedicto e a outra para Archanjo.

— Que diabo de amizade ao tal Archanjo !

— E' filho de um filho adoptivo do padre, afilhado della, e quasi foi criado em casa de Baptista e da velha Rosa.

— Como fôr, é preciso que Rosa Branca não case com pessoa alguma ; e convém darmos as providências.

— Oh ! essa é boa !

— Vós vos admirais, heim ?

— Certamente ! Como fazer que uma menina bonita e rica não case ?

— Para tudo ha remedio, minha rica.... assim houvesse para a morte....

— Sim.... já sei....

— Então o que sabeis ?

— Sei qual e o remedio para que ella não case.

— Ah ! sabeis ?

— Sei.

— Tanto melhor : e qual é ?

— Matando-a, não é assim ?

— Se o julgais necessário....

— Não, não ; não quero semelhante cousa....

— Se eu o quizer, minha cara, quo remedio tendes vós ?!

— Ah! mas é muita crueldade !....

— Sem isso não se pôde ser rico. Acreditaí-me : essas grandes, muito grandes casas dinheirosas, são feitas furtando-so ou roubando-se, matando-se ou illudindo-se, enganando-se, etc., etc. As venturas deste mundo são para os mais espertos, e esta es- perteza consiste em enganar, e despojar os outros do que é seu. Pois que pensais ?

— Mas um meio tal só deve ser em ultimo caso...

— Pelo que vejo, vós lhe quereis bem ?

— A fallar a verdade não lhe quero mal. E' uma boa menina.

— Melhor para ella. Como é boa vai para o céo, e como é bonitinha vai ser um anjo de Deus.

— Mas vós que vos gabais de fazer as cousas com muito acerto e com muito juizo, não sabeis algum meio menos terrivel que esse ?

— Trauquillisai-vos ; ella não morrerá physicamente.

— Então como ?!

— Só moralmente.

— E incomprehensivel !

— Qual ! Ouvi : Rosa Branca será roubada da casa de seu pai ; estará fóra della quatro, oito ou dez dias ; no fim desse tempo dar-se-lhe-ha meios para que fuja donde estiver, e para que volte á casa paterna. Seja qual fôr o estado em que ella venha (que será o mais puro possivel), virá em todo o caso moralmente manchada ; porque, o que pensarão de uma donzella raptada á sua familia, e que esteve dias em casa de seu raptor ?

— Comprehendo.... comprehendo bem. Continuai.

— Chegando Rosa Branca á sua casa, a gente mais bem intencionada acreditará na pureza de sua alma, mas na de seu corpo não ; é até impossivel.

— E nem estará puro..... creio-o.....

— Enganais-vos.

— Continuai.

— Os mal intencionados não acreditarão nem na pureza de sua alma nem na de seu corpo.....

— Com razão.

— Como seja, todos a acreditarão manchada....

— Justamente.

— Vós deveis sentir, e chorar muito uma tal desgraça.... Digo chorar, porque as mulheres chorão e riem quando querem....

— E os homens o aconselhão quando tração o in-

fernal plano da perda de uma mulher innocentte !.... Tendes muito espirito. Prosegui.

— Tendes razão. Vamos adiante.

— Sim , vamos.

— Então vós deveis aconselhar a Rosa Branca que, visto o seu estado, entre para um convento, e professe.....

— E' muito bem pensado : e tomará ella o conselho ?

— Eis no que se deve empenhar a vossa habilidade ! Rosa Branca assim fica em um estado verdadeiramente critico, e sujeito aos tiros da maledicencia ; e, o que é mais, sem os poder repellir ! Ora, ella tem pudor, seu pai vos ama, e muito, seu avô ama-a em demasia, e é muito religioso. Vós deveis tirar toda a vantagem do estado de Rosa Branca e do seu pudor. Embora vos diga ella que está pura como um anjo, embora vo-lo jure , fingi acreditar ; dizei-lhe que acreditais em sua pureza , mas que o mundo o não acreditará. Afeiai então o seu estado, jogai com o seu pudor, e dizei-lhe que o unico meio de o mundo esquecer a sua desgraça, ó o ella fugir ao mundo, e sepultar-se em um claustro ; porque, direis vós, nenhum homem de pudor quererá ser seu marido ; que seu pai pôde, é verdade, comprar-lhe um marido ; mas que sempre que ella aparecer com este marido em publico, sua desgraça será lembrada, e então será ella o alvo dos publicos motejos. Emfim, jogai sempre com o estado de Rosa Branca, com o amor de Baptista, e com os sentimentos religiosos do padre, e vós chegareis perfeitamente aos vossos fins.

— Bem ; mas vós de uma cajadada matais douç coelhos.....

— Como ?

— Chegais aos vossos fins pela desgraça de Rosa Branca ; mas antes disso a tendes em vosso poder alguns dias....

— Estais enganada.

— Eu enganada ?!

— Sim, minha rica, estais muito enganada.

— Como ! pois Rosa Branca sahindo daqui não vai para vossa casa ?

— Não.

— E então para onde ?

— Para a de Justino....

— Sempre este Justino !... Este homem faz-me tremer....

— E porque ?

— Não sei ; mas aborreço-o, e temo-o, sem saber pelo que....

— Tolices! Pois sabei que não é um amigo, é um pai.

— Vai então para casa de Justino?

— Sim; e não lhe hei de fallar, e nem ella ha de ver-me.

— Pois não seis vós que a levais daqui?

— Sim; eu hei de vir com os meus amigos; mas apenas fôr ella daqui tirada, entrega-la-hei a Justino, que julgo bem capaz de guarda-la, e estará em sua companhia até que se lhe dê escapula.

— Mas esse Justino não mora com vosco?

— Sim, mas já temos uma casa disposta.

— E com effeito, vós não lhe fallareis?

— Não, e nem me convem. Rosa Branca conhece-me de vista. Algumas vezes tem passado por nossa casa e me tem visto, e assim convem que ella me não veja representando em um tal drama. De-mais, Rosa Branca, entrando para o convento, não fica inhibida de ser vista por vós, e pôde bem ser que alguma vez o vosso segundo marido (quando passar-des a segundas nupcias, depois da morte de Baptista) a veja, e lhe falle ao locutorio; assim pois é mis-ter que Rosa Branca nunca me veja nem me falle.

— Mas se depois de tudo isso Rosa Branca casar?

— Se os meios de que lançamos mão nos falham, lançaremos mão de outros.

— E não haverá alguma suspeita?

— Suspeita de que?

— Quero dizer.... não dará motivo a suspeitas o entrarem meia duzia de homens em uma casa para unicamente roubarem uma moça?

— Sim, tendes razão; tambem já me lembrei disso: mas nós entraremos como ladrões, e por ultimo lançaremos mão da menina. Para não haver suspeitas, nós saquearemos o que acharmos; isto farão os meus companheiros, enquanto eu me apodero da pequona. Assim, vós deveis acautelar tudo quanto tendes.

— Não obstante, podem os vossos companheiros lovarem-me alguma cousa....

— Não. Ouvi: os meus companheiros, aponas entrarem, so espalharão por toda a casa, e eu irei diroito ao quarto da monina, só com um. Ahiseguro-a, ponho-lhe uma mordaça, e pela janella a en-trego a Justino, quo da parte do fóra estará prompto a recebê-la. Isto se faz om menos de um mi-nuto: ora, feito isto, baterei com força com a ja-nolla: a osto signal vós saltareis para fóra pela janella do vosso quarto, quo doveis ter fechado, o no terroiro do fundo gritareis polos vossos escravos.

A este grito os singulos ladrões fugirão.

— Bem. Peço-vos, e recommendo uma cousa.

— Qual é?

— Que em nenhum caso quero que Rosa Branca seja maltratada.

— Deixaí-o por minha conta.

— E quando será isso?

— Não ha tempo que perder.

— Ella domingo vai para a cidade.

— Oh! então deve ser mais breve do que eu mes-mo o queria. Hoje é quinta-feira.... Deve ser sâ-bado.

— Sabbado.... desta semana.... não?

— Sim. E' quando tenho a flôr da minha gente.

— E essa gente será de segredo? terá prudêcia?

— Eu a conheço bem.

— Negocios destes exigem toda a segurança.

— Não temais: toda essa gente é minha, porque depende de mim.

— Quantos são?

— Seis.

— Tantos! um segredo na boca de tantos!

— Estais enganada. Quatro veem como ladrões. Só douis, Justino e outro (o que deve entrar comigo no quarto da menina), é que sabem qual é o verda-deiro objecto que se ha de roubar.

— E Justino e esse outro serão siéis a um segredo?

— Fiéis como os desfuntos.

— Pois bem; sêde prudente.

— Não temais: o negocio é todo meu.

Pela madrugada, a mesma janella que deu entra a um homem em casa de Baptista se abriu; um vulto sahiu; e pouco depois, esgueirando-se por entre os arvoredos, desapareceu.

O leitor terá talvez reconhecido os douis interlocutores deste longo dialogo; e, se os não conheceu, o narrador nenhuma culpa tem.

Pouco depois da retirada do vulto, que furtivo sahiu da casa de Baptista, Pedro entrou em sua casa. Justino, que parecia esperá-lo, apenas elle entrou perguntou-lhe:

— Então, meu Pedro, fizeste cousa de gente?

— Olá se fiz! respondeu Pedro.

— Está ella pela cousa?

— Som a menor duvida.

— E quando?

— Sabbado.

— Muito bem! Agora vamos dormir. Justino, esfregando as mãos uma na outra, e com ar satisfeito, murmurou baixo, que Pedro não ou-viu:

— Muito bem! de uma cajadada douis coelhos...

## CAPITULO XIII.

### LADRÓES !!!

Quantas vezes o nosso coração, por via de seus terrores intimos, nos annuncia as nossas desgraças ! Mas nós, de orgulhosos que somos, desprezamos estes terrores intimos, mosfamos destes presagios, e ridicularisimos estes avisos secretos ! Quem conhece os mysterios do coração ? !

Toda amor, toda occupada de sua tenra prole, rodeada della, e aquecendo-a com suas amantes azas, dorme tranquilla em seu brando ninho uma avesinha, toda entregue aos cuidados do amor maternal; não longe, contemplando este painel de amor e de ternura, a terrivel serpente espera um momento azado em que possa invadir este pequeno asylo da innocencia e do amor, e devorar esta pequenina familia ; e com effeito ella a devora !

Ao doce humor de uma manhã suave abre uma flor seu delicado seio; talvez pudesse ella brilhar por suas cōres, encantar por seus perfumes ahí durante alguns dias, embora poucos; mas uma indiscreta mão quebra seu pedunculo, e dahi a pouco a morte derriba seus seccos petalos sobre seu murcho calix !

No topo da elevada serra um cedro ainda novo gloria-se de seus frondosos ramos, ramos que as brisas voluptuosas enleão; talvez que espere ver passar algumas gerações de homens, como tem visto, embaixo de seus ramos, nascer e morrer alguns pequenos arbustos, cuja duração elle contava poi dias ! Mas o vento da borrasca, que poupa os pequenos arbustos, o despedaça, ou o raio do céo o fulmina, e elle desapparece !

Quebrando o furioso orgulho de revoltadas ondas, com as brancas velas inchadas do propicio vento, seguro de chegar ao desejado porto, navega

ufana embarcação, descuidosa de perfido cachopo, que a mette a pique, ou do vento da tempestade, que desmastreada a atira á desabrigada praia, onde a pedaços se reduz esse bello artefacto de alguns mezes, e de não poucas mãos !

Como a amorosa avesinha, que no seu ninho dorme, sem pensar na formidavel serpente; como a flor, que mimosa abre seu delicioso seio, sem pensar em uma indiscreta mão; como o cedro, que magestoso vegeta no fastigio de crescida serra, sem pensar nas duras rajadas da tormenta, ou nos intensos coriscos do céo; como o soberbo navio, que calca as vagas, e rompe entumecidas ondas, sem pensar nos traidores cachopos e nas refregas do vento da procella; assim dorme, assim vive, assim passa, e assim goza a innocencia !

Oh ! quantas vezes sorriem para nós uns labios, que minutos antes despedaçavão, ou tentavão despedaçar a nossa reputação ! Quantas vezes aperta a nossa mão uma mão, que não tremeria de erguer um punhal contra o nosso peito ! Quantas vezes comemos, bebemos, jogamos, convivemos, etc., com aquelles que verião tranquillos, e até com satisfação a nossa derradeira desgraça ! e isto sem termos dado motivos, e talvez por mentiras, calumnias e intrigas, e ás vezes por sermos justos, bons e aferados aos nossos deveres ! Que animal poderá sobre a terra haver tão depravado como o homem ? !

Que especie poderá sobre a terra haver tão desgraçada como a especie humana ! Quem fez, on faz mal, não pôde, nem deve esperar o bem ; mas quem nunca fez mal, nem faz, porque deve temer o mal ? e o deve, e o deve mais que os mesmos malvados ! Grande Deus ! tu vês o premio e o galardão da virtude e da innocencia sobre a terra ; vês o premio e o galardão do crime e do vicio ! Os remorsos, Senhor, não incomodão os malvados ; e se tu não reservas melhor galardão á virtude, e mais terrível castigo ao crime.... a tua obra.... Perdôa, grande Deus !... Acredito em teu immenso poder, adoro a tua infinita sabedoria, e temo, e espero depois desta vida !

Eis uma menina moça como a aurora ; agradável como a primavera ; pura como uma estrella ; innocent como uma flor ; radiante como o sol ; encantadora como a lua ; formosa como um anjo de Deus, e bella como o seu pensamento ; sem odios e sem amores ; não conhecendo o mal ; fazendo todo o bem possível ; eis uma menina, digo, que á pacifica sombra dos lares paternas come, ri, canta, brinca e dorme sem pensar no crime, em quanto o crime, espreitando seus passos, traça contra ella a mais tremenda e a mais infernal trauma, na qual, se ella cahir, será victima de uma desgraça sem remedio !

Rosa Branca era de um humor alegre ; sua jovialidade era sem interrupção e sem fim.

Amanheceu o fatal sabbado ; Rosa Branca, que se erguia da cama cedo, nesse dia demorou-se mais nella ; quando se ergueu, seu semblante era triste, e seu ar um tanto carregado ! Ao almoço quasi que não tomou alimento algum. Todos estranhárão esta tristeza, ou melancolia desusada. Narcisa chegou a perguntar lhe se estava doente, ao que a virgem respondeu que não, mas que não sabia o que tinha, que sentia um peso no coração, uma angustia mortal, e uma tristeza indefinivel. Assim passou o dia todo. Por ventura estará seu coração adivinhando a desgraça em que deve ella cahir, por meio da mais funesta traição, se Deus do alto de seu throno não lançar sobre ella um olhar protector, que seja o escudo de sua innocencia ? !

So os meus leitores não se esquecerão, deverão ter em monto que aquelle escandaloso dialogo em que se tramou a perda de Rosa Branca foi om uma quinta-feira. Nesse dia o padre Chagas, Archanjo, e o Sr. de Pina jantárão com Baptista. O padre estava na fazenda de Campos-Novos, Archanjo na de seu pai ; o Sr. do Pina estava tambom na fa-

zenda com seu tio, o padre Chagas. Será bom aqui declarar que o pai de D. Geraldo de Pina era sobrinho do padre Chagas.

Deixemos tudo quanto se passou em casa de Baptista desde quinta-feira de manhã até a fatal meia noite do funesto sabbado, dia marcado para a tremenda empreza que o leitor sabe.

No sabbado, pouco antes da meia noite, já Baptista e sua familia estavão recolhidos, quando foi ouvido fóra um grande rumor de vozes que se cruzavão, mas baixo, e não menor estrondo de armas ! Baptista já dormia, e a este motim despertando, conheceu que os que fallavão, e tanta bulha fazião, tinhão invadido sua casa, se não todos, ao menos parte delles. Então levantando-se da cama, e prestando attenção, parecérão-lhe ser ladrões pelo barulho que fazião, abrindo gavetas, ou arrombando caixas. Baptista reflecte um pouco, se por ventura a occasião dava logar a que reflectisse, e a primeira idéa que lhe vislumbrou na mente foi o fugir para fóra pela janella ; mas lembrando-se logo do perigo em que deixava a mulher e a filha, parou e resolvêr ao encontro dos ladrões, succedesse o que succedesse ; firme nisto, abre a porta que doseu quarto dizia para uma sala, e quer sahir ; mas um vulto, apresentando-lhe aos peitos uma pistola, diz-lhe :

- Não pôde sahir por aqui.....
- Porque ? perguntou Baptista.
- Porque não quero.....
- Mas preciso sahir.....
- Não sahe, e, se teimar, morre....
- Baptista recúa e fecha a porta : então resolve-se a abraçar o primeiro partido, e vai direito á janella, abre-a com desesperado impeto, para por ella saltar para fóra, mas ahi encontra tambem outro vulto, que lhe diz :
  - Se saltar, morre.
  - Mas o que querem Vns. ? pergunta Baptista.
  - Nada.
  - Pois por nada é que aqui vierão ?
  - Retire-se.
  - Em miuha casa ninguem me manda.
  - Retire-se.
  - O que quer Vm. aqui ?
  - Não é da sua conta.
  - Essa é boa !
  - Quando a éça é boa o defunto é rico.
  - Entendamo-nos : é dinheiro que querem ?
  - Não é da sua conta.
  - Se ó dinheiro, eu lh'o dou, e deixem minha casa..... Vamos ; é dinheiro ?

— Ah! senhor, retire-se: vá dormir.  
— Então que quer você em minha casa?  
— Ah! senhor.... se se não retira, e já, dispara....  
E o sujeito ao dizer estas palavras, deu um passo para trás, pondo-se em attitude de desparar a sua pistola. Baptista, que tinha a janella meio aberta, recúa, e instinctivamente bate com ella á cara do ladrão. Apenas a janella resbou sobre os batentes, um grito forte e vibrante retiniu nos ares, e esbou na casa.

— Aqui d'el-rei!!! Acudão.... acudão.... ladrões!!!

Era Narcisa, que no terreiro, e com todas as forças de seus pulmões, assim gritava, repetindo estes gritos por mais duas vezes!

Logo que Narcisa soltou estes gritos, um agudo assobio vibrou nos ares. Dirieis que este assobio era um apito de contra-regra de theatro, a cujo

som desapparecem, como por um encanto, vistas e figuras de uma scena, para darem lugar, em uma nova scena, a outras vistas e outras figuras. Assim, com a mesma velocidade, os ladrões desapparecerão!

Esta bella coragem de Narcisa era mais um titulo para seu marido mais querê-la e mais amala. Baptista, do tropel que fizerão os ladrões em sua fugida, inferiu que elles se retiravão, temendo seus numerosos escravos, evocados por sua mulher; e pois, abrindo outra vez muito de manso a porta, viu que já não estava guardada; e como isto visse, saiu do quarto. A familia então se reune na sala, isto é, Baptista, sua mulher, e tambem alguns escravos, mórmente os que servião de portas a dentro; mas entre todos os que ahi apparem não apparece um dos principaes personagens da casa; convém saber—Rosa Branca!





## **CAPITULO XIV.**

**VEREMOS SE TUDO ISSO SAHE COMO ELLES QUEREM !**

Assim como no reino vegetal não são as maiores árvores as únicas que produzem os maiores e mais belos fructos, assim na humanidade não são os homens altamente collocados os únicos capazes das melhores accções.

Com efeito, desde que os ladrões penetráram a casa de Baptista, até que elle, sem saber que dava um signal a sua mulher, bateu com a janella, tempo tinhão elles, e tempo de sobra, para executarem a sua empreza sem o menor risco, e de se pôrem a salvo, levando a sua presa.

Na sexta-feira, dia seguinte ao daquelle dialogo em que foi ajustado o rapto de Rosa Branca, entrou na tasca de Pedro uma pessoa a quem Pedro disse :

— Oh Adão! adivinhaste que te queria fallar...  
— Pois aqui estou, respondeu o tal Adão.  
— Amanhã de tarde has de estar aqui.  
— Olá! Por ordem de quem?  
— Por minha ordem.  
— Paga-se bem, e á vista?  
— Isso não se pergunta....  
— Nada.... Todas as fallas são boas, meu amigo... Vm. é muito *vigario*, seu Pedro... mas a mim não me embaça!  
— Ora, não sejas pedaço d'asno....  
— Ah! é mesmo para não ser que gosto das couças bem falladas.  
— Já te disse que preciso de ti amanhã de tarde....

— Sim, senhor: pagando-me, porque não.  
— Devo-te eu alguma cousa?  
— Não é isso, seu Pedro.... é que negocios de dar e apanhar sempre se pagão adiantados....  
— E quem te disse que era negocio de dar e apanhar?  
— Ah! então se não é negocio de dar e apanhar pôde ser no domingo de manhã, ou ainda de tarde, contanto que seja com o sol fóra; é dia santo, e é melhor.  
— Não quero no domingo.  
— Então, seu Pedro, o negocio não é direito....  
— E como sabes que não é direito?  
— Negocio que principia de tarde e vai pela noite a dentro.... não, seu Pedro.... esse negocio não é de homem capaz....  
— Pois já não preciso de ti.... que te leve a breca....  
— *Iche!*.... Vm. não pôde fazer nada sem mim.  
— Queres ou não queres?  
— Conforme.... Sou eu só?  
— Sim, tu só.  
— Ah! pensei que vinha mais gente....  
— Que gente?!

- Já se sabe.... gente de pegar, e não recuar.
- Já te disse que não é negocio occulto.
- Não duvido, seu Pedro, não duvido; mas não ha de ser para cousa muito boa.... que diz Vm. a isto ?
- Tu o saberás. Queres ou não ?
- Então sabbado ?
- Sim, sabbado.
- Isto é, amanhã ?
- Está visto.
- De tarde mesmo ?
- Sim: deves estar aqui de tarde.
- E então ajustaremos sobre a paga, heim ?
- Se queres ajustar já.... é o mesmo.
- Como? se eu ainda não sei que serviço vou fazer !....
- Tu o saberás sabbado.
- E' o mesmo.....
- Então vens?
- Pois não! Amanhã cá estou ás suas ordens.
- Ora, tu és um bom rapaz.....
- Sim, senhor.... agora, enquanto precisa de mim....
- Não: sempre disse isso.
- Pois sim, sim. Amanhã cá estou. Adeus.
- Adeus, Adão.
- Adão retirou-se. Pedro vendendo-o sahir, murmurou :
- Este diabo, se me não engano, tem relações em casa do Baptista, seja lá com quem for; e é-me preciso distrahi-lo de modo que amanhã elle me não embarace !.... O tratante é vivo como um azougue ! é um tal *capadocio* o tal crioulo !.... mas hei de logra-lo.
- Adão, separando-so lentamente da companhia de Pedro, murmurava tambem estes pensamentos :
- Este Sr. Pedro, é o tratanto mais velhaco e mais fino que eu tenho visto !.... Este homem.... eu já desconcio delle ha muito tempo ! ... Que diabo vai fazer este traste algumas noites á casa do Sr. João Baptista... Esto patife não é capaz do fazer cousa boa.... mas quo diabo me quererá elle ?!.... Elle sabe bem que eu não entro em patifarias.... Não... ou hei de descobrir *mel de pão* (\*). .... hei de.... olá !
- Duas palavras sobre oeste Adão :
- Era ello um preto crioulo, official do sapateiro, e destos maganos que, por sorem pretos o pobres,

chamamos *capadocios*; mas que não sendo uma e outra cousa, seria chamado um rapaz vivo, brincador, divertido, etc., etc., passando até por um homem de espirito. Adão servira com fidelidade, amor e dedicação a uma viúva, que, reconhecida a estas raras qualidades, o deixou forro em seu testamento : depois de forro, continuou a trabalhar pelo seu officio, que lhe dava com que viver, e bem sufficientemente. Este rapaz lia alguma cousa, escrevia, e exprimia-se com facilidade e com tanta correccão quanta podia ter a linguagem de um homem sem instrucção, mas que repara muito no modo por que estão as palavras escriptas para bem pronuncia-las : além disto tocava viola, cantava, e era um *fadista* de primeira ordem. Este crioulo possuia um destes raros e magnificos corações, cuja tendencia é sempre para o bem; e esta bella parte não deixou de desenvolver-se durante a sua escravidão, porque sua senhora havia sido a bondade personificada ! Adão era, quando devia ser, sisudo sem aborrecimento, e alegre sem ser pabulo; era discreto sem se mostrar importunado, ou mysterioso e valente sem ser temerario; a estas qualidades juntava a da prudencia e fidelidade ! e o que é mais, á sua vista ninguem opprimia o fraco ou o inocente ! mas porque, sendo assim este homem, dava-se com Pedro, cujas indignidades elle mesmo conhecia ? Eis o motivo : Poucos dias depois que Pedro abriu a sua tasca, tres passageiros parárão á porta della, Adão ali estava; os tres passageiros bebérão, e depois fôrão-se *pondo ao fresco* sem pagarem : Pedro oppõe-se á sua sahida, os tres mosão, e uma altercação levanta-se entre os quatro: os animos escandecem-se, e de palavras passão á vias de facto. Adão, com certo ar de simplicidade, disse :

— Com effeito ! tres contra um !....

Ainda bem não tinha elle terminado o seu dito, quando um dos tres aggressores atira-lhe uma cega bordoadas : Adão fura o corpo ao golpe, e um momento depois os tres estavão em fugida; mas o valonto rapaz, passando a mão ás redeas de um dos cavallos dos taes passageiros, disse :

— Os douos cavallos que lá teem, podem Vms. lovar; enquanto este, se o quizerem levar, hão de pagar ao dono da casa a despesa que fizerão; porque é muito mal feito que qualquer se embebêda em uma taberna sem pagar.

A este tempo já Pedro se havia armado de um jogo do pistolas e numa boa faca : á vista disto, e de um inimigo como Adão, ou pagar ou deixar o ca-

(\*) As im o vulgo das roças chama o mel de abelhas.

vallo ; com efeito a primeira era mais facil, e como tal foi incontinentemente executada.

Eis donde, e como vinha a amizade de Pedro e Adão. A noite começava de espalhar suas sombras, quando Adão saiu da companhia de Pedro ; e sahindo, um pouco longe da taverna, e á beira da estrada deitou-se. Anoiteceu. Um pouco depois, Pereira, de quem vamos fallar, passou por elle, e n'um passo por demais apressado.

— Oh ! que velhaco ali vai ! ... murmurou Adão. Nada ; eu vou espreitar a este sujeito.

E como assim fallasse, voltou para a taberna de Pedro, e deitou-se entre umas arvores á beira do campo. Pereira logo que chegou á porta da taberna, bradou para dentro :

— Patrão, aqui estou....

— Oh Pereira ! preciso fallar-te, disse Pedro de dentro.

— Pois aqui estou, patrão.

— Vamos para cá.

Assim fallando, Pedro saiu da tasca com Pereira, e ambos se encaminhároa para a beira do mato, acertando de ficarem junto ao logar onde estava Adão. Ahi houve entre elles a seguinte conversação :

— Pereira, preciso de ti.

— Prompto, patrão.

— Tambem preciso de tua casa.

— A minha casa é vossa ; vós bem o sabeis : mas qual é o negocio ?

— Pereira, o negocio é muito sério, e de muito segredo...

— Vós bem me conhecéis, patrão.... Ninguem ainda soube de nossas cousas.

— Pois bem. Quero furtar uma moça....

— Furtar mesmo, ou i-la buscar em alguma casa?

— Furtar mesmo, sim....

— Oh diabo !....

— Então tens medo ?

— Medo ? medo eu ! ora, patrão...

— E como fizeste então tanto reparo ?

— É que uma mulher, além de ser má carga para carregar-se, grita.

— Deixa isso por minha conta que não ha perigo.

— E que haja, é o mesmo.

— Não ; não ha o menor perigo.

— E que moça é ?

— É uma que está para casar com o Archanjo.

— Oh ! com mil diabos !.... Vamos embora.

— Então o que é ?

— É occasião de eu me vingar desse desavergonhado.

— Pois que ! fez-te elle alguma ?

— É o diabo patrão ! é o diabo a gente ser casado com mulher bonita...

— Com efeito causa o seu susto.

— Uma noite nós estávamos brincando em casa do compadre Dias, e minha mulher estava lá : vai senão quando entrou o tal seu Archanjo, e quiz se ongraçar com ella ! e ella... qual, patrão... estas mulheres são o diabo ! e ella já ia toda se lambetando com elle !... Eu, que vi aquella pouca vergonha, quiz ir-lhe ao vulto ; mas elle... elle é vigario ! é vivo como um diabo ! assim que entendeu a cousa, mandou-se machinar, e escafedeu-se. Depois disto tenho sempre andado com o olho nelle ; mas não tenho podido lhe ser bom ; mas elle ha de cahir-me debaixo da escôta.

Pedro sabia dessa desavença de Pereira com Archanjo, e não só por isso, como pelas más qualidades de Pereira é que Pedro lançava mão delle.

Se o leitor deslembrou-se, convém que o narrador lembre-lhe uma espera feita a Archanjo, em a noite de quinta-feira dos Passos, á qual espera escapando elle, disse um dos da cilada :

— Está bom, meu Archanjo... até outra vez....

Pois o sujeito que isto disse era Pereira ; mas essa espera era feita não só por sua conta, como por conselhos e suggestões de Justino ; o porque não é ainda tempo de sabermos. Ora, lembrado o leitor disto, lembrar-se-ha tambem que Pedro foi testemunha occular e auricular dessa scena ; elle conheceu alguns dos personagens que figurárão nella, e foi d'ali por diante que Pedro ficou dando-se com elles, e até inantendo com elles algumas relações, e protegendo os seus furtos, comprando-os a rastro de barato.

Depois que Pereira assim fallou, disse Pedro :

— Pois então, Pereira, boa occasião de uma desforra.

— Olá ! sem duvida, respondeu Pereira.

— Pois então has de estar aqui sabbado ás novo horas da noite.

— Prompto : mas a moça de quem é filha ?

— Pereira.... cuidado....

— Com trezentas mil legiões de demonios ! ou com S. Pedro !.... O' patrão.... isso não é de um homem capaz....

— Pois bem, Pereira.... sabbado, quando vieres, saberás quem é a cuja.

— Pois, patrão, quem não se fia para uma causa não deve fiar-se para outra. Eu cá não venho.....

— Como ! desconfias comigo ?

— E vós não desconfiais de mim ?

— Ora não sejas tolo ! Então uma cautela é desconfiança ?

— Pois está bom, homem ; ficai com a vossa cautela.... Oh !

— Escuta, Pereira.... a moça é a filha do Baptista.

— Oh ! oh ! Que estás dizendo, homem ?!

— De que te admiras, Pereira ?

— Oh ! pois vós mandais cartas á mulher do Baptista, e agora vos voltais para a filha !

— Não, Pereira : escuta : aquellas cartas minhas, que tu levavas á mulher do Baptista, quando eras trabalhador dellc, erão mcsino a este respeito.

— Mas que respeito ?

— Do meu casamento com a menina. Ouvi bem : a mulher de Baptista estima-me muito, e deseja que me eu case com a menina ; a menina tem-me alguma inclinação, mas o pai quer que ella case com o Archanjo : á vista disto eu furto a menina, porque depois de estar em meu poder, que remedio tem o pai se não consentir no meu casamento com ella ? Ora aqui tens todo o negocio : entendas ?

— Ah ! isso agora sim ; mas porque não quer a menina o Archanjo ?

— Ora.... porque não quer.

— Pois elle é bem bonito.

— Sim ..... mas é quasi de casa ; e santos de casa não fazem milagres.

— Isso é verdade ; e tanto que quando eu quero algum milagre me pego com o Santo Antonio do compadre Dias ; porque o meu é um pateta que não sabe fazer nada : não sei para o que serve, e é tão tolo, que algum vintem de alguma promessa que podia ficar em casa, lá vai para o camarada delle da casa do compadre Dias.....

— Ora bem, Pereira ; logo que tirarmos a pequena da casa do pai, Justino a levará para tua casa.... como tua mulher está em casa do teu compadre Dias, a menina lá ficará alguns dias, até que eu a leve para outra parte. Pereira, conta com uma boa recompensa ; mas eu quero também contar com o teu segredo.

— O' patrão !.... isso lá já se sabe : mas vamos nós sós ?

— Não ; havemos ir nós dous, Justino e mais uns quatro da nossa gente, aos quaes avisarei. No vimento nada digas.

— Já se sabe. E o Adão vai ?

— Nao , porque me parece que elle dá-se em casa do Baptista.

— E vai lá todas as noites.

— E porque vai elle lá todas as noites ?

— Ora, quando se vai todas as noites a uma parte porque ha de ser? por causa de mulheres. Vós não sabeis que o Baptista tem escravas?

— Já sci.... já sei : mas eu hei de distrahi-lo para outra parte. Então, Pereira, até amanhã ?

— Amanhã cá estou. Adeus.

— Adeus, Pereira.

Pereira retirou-se para sua casa, e Pedro para dentro da tasca. Adão, retirando-se tambem, murmurou estas palavras :

— Veremos se tudo isso sahe como elles querem !

Saiba agora o leitor que Pereira era um malvado ! um monstro ! No sabbado, ás 9 horas da noite, os apaniguados de Pedro e Justino estavão ás ordens delles, e todos erão sete, os quaes seguirão os seus protectores para effectuarem o seu premeditado rapto. Adão não ia n'esta perversa comitiva. Logo que chegárão á casa de Baptista, Pedro, tendo ensaiado a sua gente, postou um de sens homens á janella do quarto de Baptista para impedir-lhe a sahida, como vimos. Pereira e Justino ficárão debaixo da janella do quarto de Rosa Branca para a receberem, e Pedro, entrando por outra janellā, já para isso disposta, abriu a porta, e deu entrada aos outros companheiros, que erão tres. Apenas entrárão, um foi colocado á porta do quarto de Baptista, para o não deixar sahir, outro começou a arrombar, ou a fingir que arrombava as gavetas ; e Pedro com outro foi direito ao quarto de Rosa Branca : o quarto estava aberto, tendo apenas a porta encostada sobre o portal: Pedro empurra-a, e entra com o seu companheiro ; mas o quarto estava solitario ! Um pequeno candieiro de latão estava sobre uma mesa ; nclle ardia uma fina torcida de algodão, entretida por azeite de andiroba, que dava uma luz que inundava todo o quarto. A roupa da cama estava disposta como se ninguem se houvesse servido della, e a janella do quarto encostada, mas não trancada. Pedro lança os olhos por todo o quarto, procura embaixo da cama ; mas ningnem está, ninguem apparece ! Descabido, confuso e irritado abre a janella ; ahi encontra Justino que lhe diz :

— Põe a pequena para fóra....

— Qual pequena ! qual diabo !! responde elle tremulo de raiva.

— Pois então onde está ella ?  
— Levou-a o diabo !  
— Já viste embaixo da cama ?  
— Já vi em toda a parte !  
— Oh ! com mil diabos !  
— E esta ! O' patrão ! diz Pereira.  
— Só por uma traição ! E' impossível !  
Isto dizia Pedro, quando bateu a janella, e Nar-

cisa gritou. Pedro soltou um longo assovio, e fugiu com os seus.

Pouco depois da retirada dos malvados, Baptista e os seus procuravão Rosa Branca, que não aparecia. Baptista disse então a um dos escravos que fosse ver se a menina estava em casa da tia Maria. Pouco depois Rosa Branca, seguida de Jacintha, sua mucama, entrou em casa de seu pai.





## CAPITULO XV.

### A MUCAMA PREDILECTA DE ROSA BRANCA.

Se os escravos não fossem oiliados como entes fóra da natureza ; se fossem educados como pessoas, e mórmente como christãos ; se elles soubessem que erão amados de seus senhores, e que estes se interessavão por elles , os escravos serião melhores, mais felices, e talvez que mais amigos de seus senhores !

Se o leitor não perdeu um só dos factos que o narrador lhe tem apresentado, lembrar-se-ha que todas, ou quasi todas as noites, abrião-se em casa de Baptista uma porta e uma janella, que por uma entrava um vulto, e por outra sahia outro. O leitor já sabe quem entrava, mas não quem sahia ; pois é nada mais e nada menos que Jacintha, isto é, a mucama predilecta de Rosa Branca.

Jacintha era uma preta crioula, dos seus vinte a vinte e quatro annos de idade : era um tanto alta, meia gorda, mas mui bem feita : atava com graça seu cabello, ao qual tratava com um caprichoso cuidado ; sua testa era espaçosa, suas sobrancelhas bastas e cerradas ; seu nariz, como suas maçãs, respondião mal ao typo de sua raça, porque esse nariz era bem feito para uma preta, e suas maçãs pouco salientes : sobre o avelludado branco de seus olhos, que de tão branco que era parecia percorrer sobre elle uma ondulação anillada, brilhavão dous bellos olhos grandes, vivos e negros, negros como o mais negro ebano ! Oh ! quantas afamadas bellezas não desejarão esses bellos olhos ! Sua boca, não muito pequena , era orlada por dous labios, que não sendo por demais volumosos, dizião bem om sua boca, e melhor assentavão em suas feijões ; esses labios deixavão ver uns bellissimos dentes, que não sendo pequenos, é verdade, erão mais alvos que o marsim, e mais brilhantes que a prata ! o que bem so notava, quando um gracioso sorriso doixava ver esses bollos dentes. O proto da pelle desta

crioula era bastante carregado ; suas fórmas, todas proporcionaes e arredondadas, davão a seu alto porte um ar engracado e nobre ! Jacintha tinha consciencia de sua beleza, e unindo a seu todo um aspecto de modesta gravidade, sabia acompanhar suas acções de uma graça verdadeiramente encantadora ; graça que sobresahia tanto mais, quanto era um simples dom da natureza ! Tal era esta mulher formosa, se a cõr não exclue a formosura !

O narrador sabe, e sabe mais que muito, que esta descripção é quasi perdida : ha leitoras tão ciosas de seus encantos e de sua bella cõr branca, que não admittem formosura em mulher preta : além disto ha em algumas tanta susceptibilidade, que jámais perdoarão ao narrador o ter descripto uma mulher preta, e a ter chamado formosa. Ora, tambem eu não sabia se na cõr preta havia ou não formosura, e assim não me mettia a afirmar ou negar uma tal proposição ; e o mais é que ainda hoje estaria nessa duvida, se Salomão , o mais sabio dos homens, me não desenganasse. Esse rei, pois, o mais sabio de quantos homens teem havido, ha e hão de haver, no *Cantico dos Canticos* faz dizer á esposa : « *Nigra sum, sed formosa, filhae Jerusalém !* » O que bem ao pé da letra traduzido dá o seguinte : — *Negra sou, porém formosa, ó filhas de Jerusalém !* — O que queria elle dizer ignoro-o eu ; mas o que sei é, fosse lá quem fosse, ou o que fosse, que era negra, era todavia formosa, não obstante o ser negra ! Ora pois, as leitoras que não gostão

de ouvir fallar em alguma cousa negra bonita, notem, e eu lhes peço, notem bem na força da tal diversativa—porém,—que o sabio rei ahi empregou. Agora estou livre de culpa e pena, porque não fiz mais que imitar um grande sabio. As leitoras, que destas cousas melhor do que eu entendem, lá se avenhão com Salomão.

Jacintha havia sido ama secca, como costumamos dizer, de Rosa Branca, a qual a tratava mais como uma amiga que como escrava. Além disto Jacintha era de todos querida pelas suas boas qualidades.

Visto que o leitor sabe quem é que entrava em casa de Baptista, bem é que saiba quem é que sahia; pois ahi vai: era mesmo Jacintha! Que notável diferença! Pedro, o homem livre, entrava subreitamente pela janella; Jacintha, a mulher escrava, sahia livremente pela porta! Que notável diferença!

Figure-se o leitor que é uma sexta-feira; Jacintha sahe, como é de costume; sigamo-la até o cafesel; ahi alguem vôa aoseu encontro; e pouco depois ha entre esse alguem e ella o seguinte dialogo:

— Jacintha, temos muito que fallar.... disse o recem-chegado.

— Então o que é que temos? perguntou Jacintha.

— São couzinhas papafinas....

— Pois diga o que é, senhor.

— E' uma historia que quando souberes has de dar pinotes....

— Ainda mais essa!

— E' o que te digo.

— Mas então o que é?

— Dize-me cá primeiro: a tua senhora moça casa-se com o Sr. Archanjo?

— Que eu saiba, não....

— Oh! essa é boa!

— E' verdade que o Sr. Archanjo tem essa vontade; mas a menina ainda não deu o sim até agora....

— Diabo!... Aqui ha cousa ainda muito mais fina do que eu penso....

— Mas então o que ó que ha a rospito da menina?

— Dize-me cá outra cousa: o Podro pediu a menina para casar?

— Que Pedro, rapaz?

— Aquelle daquelle vonda dali dobaixo.

— Ora não sejas tolo. Quem é que faz caso daquillo?!

— Oh! minha *angana*! onde bota seus chinelos velhos?

— Ora pois sim!.... Então o Sr. D. Geraldo, o Sr. Archanjo, moçôs bonitos, e gente boa, querem casar com ella, e ella não quer, ha de querer aquillo?!

— Ah! lá por isso não, porque o Pedro é bonito: além disso, vocês mulheres sempre pegão no peior: isso lá não ha duvida.

— Não ha duvida; e para prova aqui estou eu ouvindo as sécas de um negro.

— Nisso mostra que tem juizo. Lé com lé, crê com crê.

— Mas então o que ha sobre a menina?

— O que ha, heim? Tu nunca percebeste nada do tal Pedro?

— Mas nada como?!

— Como! aqui por tua casa?

— Aqui não ha cousa alguma com a menina.

— Então não entendo....

— O que?

— E' que o tal Pedro.... Tacto, Sr. Adão.... tacto. Não falle o que não sabe.... Vamos ao que serve. Querem furtar tua senhora moça....

— Quem, Adão? quem?!

— O tal Pedro; e a cousa é amanhã.

— Mas como sabes disso?

— Que te importa? Sei-o, e sei-o com certeza.

— Então vou avisar a *nhônhô*.

— Não cáias nessa.

— E porque?

— E quando teu senhor te perguntar como sabes disso, que lhe dirás?

— Então que havemos de fazer?

— Deixa-me pensar....

— Pois avisai-o vós mesmo.

— Mas avisado teu senhor, elle ha de pôr os escravos de espera; talvez haja briga, alguma morte; e isso é o que eu não quero. Alembro-me outra cousa....

— Que cousa?

— A menina não vai ás vezes para a senzala da velha Maria?

— Vai; e quando a tia Maria conta historias, ella demora-se lá mais tempo.

— Pois ahi está! Ella que vá para lá, e tu vai com ella.

— Sempre vou.

— Pois bem. Eu hei de estar por aqui mesmo: logo que elles chegarem, daroi um signal.... atirrei uma pedrada emcima da senzala; por cautela,

logo que ouvires a pedrada emcima da palha, sahe com a menina, e mette-te no cafesal ; porque pôde ser que elles, não achando a menina em casa, vão procurar nas senzalas. Depois que elles se retirarem, atirarei outra pedra, e então tu e ella voltarão para casa. Pelo que penso, o Pedro está muito seguro nesse negocio. Tu me asseguras que nada ha entre elle e a menina ?

— Até posso jurar. Se elle disse alguma cousa é gabolice.

— Nem sabes se ha alguma relação entre elle e alguem daqui de casa ?

— Isso não sei.

— Pois, rapariga, eu penso que se elle cá vem, é á siuza de alguma pessoa.

— Mas que pessoa ?

— Não sei..... mas vem : e nós veremos se elle para entrar arromba alguma porta ou janella, ou se acha entrada franca. Penso que ha aqui quem proteja o intento do tal sujeito....

— Mas quem o ha de proteger ?

— Que sei eu ? e é por isso que não quero que digas cousa alguma, seja a quem fôr, nem á mesma menina ; porque pôde haver barulhos, fallatorios, e nesse caso o Pedro, ou quem o protege, tomarão suas medidas de modo que não falhem.

— Mas desconfias de alguem dâqui de casa ?

— Desconfio.

— Está bom.... eu saberei quem é.

— E eu tambem.

— Mas lembra-me outra cousa, Adão : vindo elles em uma noite, e não achando a menina, não voltarão em outra ?

— Já me lembrei disso.... Amanhã, logo que escureça, vem aqui fallar-me.

— Pois sim ; e até amanhã.

— Até amanhã.

No sabbado de tarde Adão, fiel á sua palavra, compareceu em casa de Pedro : este, logo que o viu, disse-lhe !

— O' Adão, tens palavra como gente !

— Sim, senhor, respondeu Adão ; aqui estou ás suas ordens.

— Adão, quero ir a Macahé, e preciso uma pessoa que me acompanhe : queres ir comigo ? Serão tres a quatro dias de demora....

— O' seu Pedro ! pois não !

— Eu queria partir á cntrada da noite ; mas resvolvi-me a partir lá pelas nove ou dez horas da noite ; isto é por causa do sol : que dizes ?

Adão comprehendeu toda a finura e malicia disto, e sem se dar por achado respondeu :

— A's horas que quizer, seu Pedro ; mas para não apanhar muito sol, basta sahirmos daqui lá pelas duas ou tres horas da madrugada.

— O' Adão ! e o mais é que lembraste bem : pois então sahiremos pelas tres horas da madrugada. Tens cavallo ?

— Pois não, seu Pedro ! tenho, sim, senhor.

— Pois então eu te espero lá pelas duas horas ; que dizes ?

— Sim, senhor : pois seu Pedro, até ás duas horas....

— Sim, Adão, até ás duas horas da madrugada.

Os dous espertalhões despedirão-se, contando cada um rir-se muito á custa do outro.

No sabbado, depois que escureceu, Adão esperava por Jacintha, que apareceu sem se fazer esperar. Adão, apenas a viu, disse-lhe :

— Agora vou espreitar o mestraço. Em dando oito horas na fazenda eu estou aqui.

E dizendo isto partiu a toda a pressa. A's oito horas estava elle no mesmo lugar, e Jacintha também.

O espaço que Jacintha devia atravessar da porta de casa até o cafesal, no ponto onde Adão a esperava, era apenas de cinco a seis braças : sahindo pois por uma porta lateral, entrava no dito cafesal, de modo que não ficava ella apartada da casa senão por essas cinco ou seis braças ; podendo até ouvir o que em casa se fallasse. Adão chegou, e apenas tendo respirado disse :

— O Pedro está com a sua gente : conheci-os todos. Suspeito que das dez para as onze horas aqui estarão. Vai pois com a menina para a senzala da tia Maria. Quando uma pedra cahir na palha, é o signal da chegada delles ; outra pedra, o signal da retirada.

— Está bom, vai. Nós vamos para a senzala.

Assim disse Jacintha, e Adão sahiu.

Baptista costumava a deitar-se cedo, como na roça é costume ; ás oito horas e meia elle estava recolhido. Narcisa, queixando-se de uma indisposição, tambem recolheu-se. Rosa Branca ficou co-sendo com Jacintha. Esta, vendo-se só com ella, disse-lhe :

— Sinhazinha, vamos nós para a senzala da tia Maria, para ella nos contar historias ?....

— Vamos, respondeu Rosa Branca.

As duas guardáram suas costuras, e forão para a senzala da preta velha.

Muitas vezes Rosa Branca sahia de noite ou de dia para essa senzala: muitas vezes nella se demorava, de noite, até ás nove ou dez horas, em companhia de Jacintha e dessa velha que havia criado seu pai; assim isto nada tinha de estranho; quanto mais que a senzala ficava no fundo da casa, só separada della por um terreiro, aberto, é verdade, que não teria mais que seis ou oito braças.

Quasi ás nove horas, tendo a velha acabado uma historia, disse Rosa Branca a Jacintha:

— Jacintha, vamos ?...

— Ah! sinhazinha! ainda é tão cedo.... Deixe tia Maria contar outra historia; acabando, vamos então.

Com efeito, a velha dispôz-se a contar outra historia; mas antes a velhaca da Jacintha, com ditos, gracejos, adivinhações e cantigas, tomou todo o tempo que pôde á velha; de modo que quando ella principiou a historia erão quasi nove horas e meia. Quasi no meio da historia as tres ouvirão uma pancada na palha da casa.

— Que é isto? perguntou a velha.

— Parece uma pedrada que atiráram... disse Rosa Branca.

— Eu vou ver o que é, disse Jacintha.

As duas, isto é Rosa Branca e Jacintha, sahirão. Ao mesmo tempo os cães ladrão. Rosa Branca, não muito tranquilla, disse:

— Jacintha, vamos para casa?

— Não, sinhazinha.... esperemos....

— Porque?

— Porque... Não sei o que o coração me está dizendo....

— Mas o que sorá? os cães estão ladrandos....

— Não sei.... mas....

— Mas o que? fallai....

— Parece-mo que ali perto da janella está um vulto....

— E' verdade.... está ali ...

— Vamos nós entrar pelos casés, e ir até lá mais perto?....

— Mas so papai não achar-mo em casa?

— E agora o quo haveinos do fazer? E se forem ladrões?

— E' vordade!... e se forem ladrões?...

— Vamos dizer a tia Maria que apague a luz, e feche a porta, porque elles vendo luz poderão vir cá.

— Sim.... sim.

Com efeito, a velha apagou a luz, fechou a porta, e as duas mettêram-se no cafesal. Seguiu-se tudo quanto o leitor sabe, até que o grito de Narcisa pôz os ladrões em fuga. Ouvindo este grito, disse Jacintha com certo ar de importancia:

— Heim?! que dizia eu, sinhazinha!

— Calai-vos... calai-vos Jacintha.... respondeu a menina cortada de medo. Não vão elles matar papai?....

— Qual !....

A bulha que fazião os ladrões cessou. Pouco depois outra pancada sôou sobre a palha da senzala. Rosa Branca tremeu, e disse :

— Ouviste, Jacintha?

— O que?

— Outra pancada emcima da palha da senzala.

— Qual, sinhazinha?....

— Eu ouvi....

— Foi engano....

— Ouvi, Jacintha.... ouvi....

— Talvez algum galho secco que cahiu de alguma arvore?....

— Pôde ser....

— Foi.

As duas pouco depois entráram em casa.

Os ladrões, assustados do intempestivo grito de Narcisa, e temendo que os escravos de Baptista os perseguissem, deitáram a fugir, e não paráram desta primeira corrida senão em um lugar onde a estrada era menos larga e mais sombria, porque cortava um bosque. Ali paráram de correr, e continuaram andando. Os quatro iam adiante, Pedro, Justino e Pereira mais atrás. Pedro então disse:

— E esta! Pareco-me isto impossivel! Ainda esta tarde estava em casa!... E' incomprehensivel.

— Parece que a avisáram, ou ao pai?.... disse Justino.

— Mas quem? quem?

— A Providencia!!!

Assim bradou uma voz cavernosa e medonha, vindia do fundo do bosque!











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).